



MUDANÇA NAS REGRAS

Novo Minha Casa vai aquecer o setor imobiliário da Paraíba

Pequenos e médios construtores do estado acreditam que o programa irá estimular os negócios. **Página 17**

Foto: Divulgação



Cidadãos voluntários transformam realidades

Indivíduos se reúnem em coletivos para preservar o meio ambiente e desenvolver atividades que beneficiem pessoas carentes. **Página 7**



Foto: Arquivo pessoal

Paraíba é um berço de sítios arqueológicos, diz pesquisador

Arqueólogo Juvandi de Souza, da UEPB, destacou a importância da Paraíba para a arqueologia.

Página 4

Foto: Renato Vasconcelos/Divulgação



Riquezas e belezas dos ecossistemas marinhos

Da superfície ao fundo do mar, o Litoral paraibano guarda inúmeras espécies da fauna e flora marinhas.

Página 20



Celebrando a multiplicidade da música negra paraibana

Artistas sobem, hoje, ao palco do Teatro Paulo Pontes na 2ª Noite da Música Negra Paraibana.

Página 9

Mamanguape foi incendiada no início do período Brasil-holandês

Assim como Olinda, em Pernambuco, a cidade paraibana foi alvo da ira dos holandeses calvinistas, em 15 de novembro de 1633.

Página 25

■ “O episódio antecedeu 29 dias ao golpe militar que matava a democracia no Brasil e nos impôs o mais tenebroso período da nossa história.”

Rui Leitão

Página 2



Ilustração: Tônio

■ “O livre mercado é um mito do liberalismo. No mundo real, não há capitalismo sem estado, porque ele garante a existência da propriedade privada.”

Estevam Dedalus

Página 10

Descentralização torna o Estado mais próximo da população

Ações de áreas da educação, saúde, infraestrutura, entre outras, são levadas aos 223 municípios paraibanos.

Página 3

Golpe militar de março de 64 resultou em erros e mortes

Movimento derrubou João Goulart e resultou em 14 pessoas assassinadas e 125 torturadas na Paraíba.

Página 13

Vidas jovens modificadas através do ensino da arte

Alunos da Escola Técnica de Arte, instalada na antiga Central de Polícia, têm acesso à educação cidadã.

Página 5

Dia de conhecer os finalistas do Paraibano 2023

Sousa e Botafogo decidem, hoje, uma vaga na final do Paraibano 2023. Já o Treze encara o SP Cristal.

Página 21

Editorial

O caminho para o futuro

O olhar para o futuro acompanha a humanidade. As civilizações buscam ao longo dos tempos o caminho para o advir. As sociedades investem em pesquisas, vasculham novas possibilidades, experimentam e aplicam novos conhecimentos. Parar no tempo e no espaço é um convite à estagnação quanto sociedade, é a possibilidade de ser ultrapassado e, principalmente, ser extinto. As nações mais ricas e fortes do mundo são aquelas que costumam, desde os egípcios, romanos e gregos, investir em informação, seguem o caminho do aprendizado, estão comprometidas com o desenvolvimento.

O caminho sem desvios para o futuro seguro e autossustentável perpassa por entender o mundo que está ao redor. A exploração predatória das riquezas naturais leva à saturação do *habitat* humano e o consequente definhamento da própria sociedade.

Por isso, é importante a retomada por parte do Brasil das políticas, enfraquecidas no último quadriênio, assim como é fundamental manter a busca por riquezas mais limpas, como a produção de energias renováveis, onde estão inclusas a eólica e a solar.

A volta da preocupação do Governo Federal com a proteção às reservas florestais no Norte do país e em outras áreas ameaçadas, a retomada de territórios que estavam dominados por exploradores em garimpos ilegais, o cuidado na utilização das riquezas da Amazônia Azul, tão vasta e ainda inexplorada, são boas notícias.

O Brasil ganha muito mais fazendo uso de maneira planejada e sustentável do que agir como uma nuvem de gafanhotos esfomeados que só pensam no lucro imediato e incontido. O país volta, após quatro anos, a ter um comportamento mais equilibrado ao tratar de suas fontes naturais de recursos. Muito ainda precisa ser feito, mas os sinais são positivos.

O caminhar para o futuro exige que os passos sejam dados com garantias do bom senso. Preservar o meio ambiente não significa abrir mão de riquezas oferecidas pela mãe natureza, mas, ao contrário, é agir como um investidor certo de que fará com que os recursos se multiplicarão e assegurem o sustento por muitas gerações.

Alertas feitos por pesquisadores não podem ser ignorados ou interpretados como discurso vazio. Ninguém quer atrasar o futuro do país. Na verdade, a luta é justamente para assegurar um desenvolvimento contínuo e harmonioso.

Todos ganham quando as riquezas de todos os tipos são consumidas com políticas de sustentabilidade. Do contrário, o caminho para o futuro será bruscamente interrompido. Preservar o meio ambiente é nutrir a própria vida humana, é garantir às novas gerações um lugar melhor para se viver. A defesa do desenvolvimento jamais pode estar ligada à exploração sem limites. A natureza oferece tudo ao homem desde que este faça uso de maneira racional e eficiente. O inverno significa um preço insuportável a ser pago.

O homem é um elemento poderoso da natureza. Se ele age desequilibradamente, todo o planeta fica instável e a própria raça humana fica sob ameaça de extinção. Os alertas dos cientistas já foram dados. A escolha é do homem: reverter quadros de destruição do meio ambiente ou sucumbir.

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

A anunciada visita de Lacerda à Paraíba

Boa parte dos brasileiros gostaria de esquecer o ano de 1964. O país vivia um período de turbulência política e social, em razão do conflito ideológico entre os que apoiavam o governo de Jango, considerados esquerdistas e reformistas, e os que se postavam na oposição, pregando a ameaça de que estávamos correndo o risco de nos tornar uma nação comunista, esses classificados como os de direita, reacionários.

Naquele tempo, mesmo atento aos acontecimentos, não possuía ainda discernimento para formar opinião convicta sobre os assuntos políticos. Normal que me deixasse influenciar pelas posições de meu pai a esse respeito. Ele era assumidamente um admirador de Carlos Lacerda, um dos principais líderes do Udenismo, pretenso candidato à presidência da República. Mas era um expectador curioso dos fatos, na ânsia de melhor compreender o que estava acontecendo.

Lembro que, na manhã do dia 3 de março, presenciei as lideranças do Liceu, instituição onde estudava, organizando uma manifestação pública de protesto. Indagando da motivação daquele movimento político, fui informado de que se tratava de uma reação contrária à anunciada vinda do então governador da Guanabara, Carlos Lacerda, à Paraíba, que viria servir como testemunha do casamento de um dos filhos do senador João Agripino e proferir à noite uma palestra na Faculdade de Direito, que funcionava ao lado do Palácio da Redenção.

Testemunhei a saída da passeata a distância. Não me sentia ainda motivado a participar de forma mais efetiva desses movimentos estudantis ligados à política. Mas, durante todo o dia, acompanhei o noticiário a esse respeito, além das informações que me chegavam através das pessoas do meu convívio.

Os estudantes secundaristas invadiram a Faculdade e se colocaram no auditório, local onde estava previsto acontecer a palestra de Carlos Lacerda. Em princípio, tudo ocorria de forma pacífica. Ganhamos de imediato a adesão do Diretório Acadêmico do curso de Direito, através do seu presidente Tarcísio Fernandes, que providenciou serviço de som para que pudessem ali proferir seus discursos. À medida que o tempo passava, os ânimos iam

se exaltando e os pronunciamentos passavam a ser mais fortes contra o lacerdismo.

Os adeptos da candidatura do governador carioca se organizaram em grupo para recepcioná-lo no aeroporto Castro Pinto, cuja chegada estava prevista para as 16 horas. Lá receberam a informação de que Carlos Lacerda teria desistido de vir à Paraíba. Decepcionados e tomando conhecimento da invasão da Faculdade, os lacerdistas decidiram ir ao confronto e marcharam rumo à Praça João Pessoa por volta das 18 horas.

Ali chegando encontraram o prédio da faculdade de portas fechadas. O clima ficou tenso e preocupante, principalmente quando eles resolveram arrombar a porta de entrada, usando um ariete. O governador Pedro Gondim, em razão da gravidade da situação, solicitou apoio do Exército para conter o conflito, no que foi atendido prontamente. Tropas do 15 RI, juntamente com a Polícia Militar, chegaram ao local e evacuaram a faculdade, levando presas 29 pessoas, dentre eles estudantes secundaristas, universitários e jornalistas.

O episódio antecedeu 29 dias ao golpe militar que matava a democracia no Brasil e nos impôs o mais tenebroso período de nossa história. Mas permite-nos avaliar o quanto estava em ebulição o país, vivendo esse ambiente de extrema apreensão que culminou com o fatídico ato que deu origem a uma ditadura militar que durou mais de duas décadas.

“

Não me sentia ainda motivado a participar de forma mais efetiva desses movimentos estudantis ligados à política

Rui Leitão

Foto Legenda

Marcos Russo



Arte popular em exposição

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Jackson e meu tormento

Em 1968, a lista castrense de punidos da UFPB deu-me a conhecer de nome o jovem professor José Jackson Carneiro de Carvalho, da Faculdade de Filosofia e Letras. Quatro anos antes, o capitão com quem a ditadura substituiu o civilista Mário Moacyr Porto já havia me penalizado atando-me a um clipe e devolvendo-me ao quadro de redatores do Estado.

Foi nessas circunstâncias que retive o nome de Jackson, julgando-me no foco da mesma visão e engajamento político ou ideológico.

Quem é ele? – indaguei a José Ferreira Ramos, também professor e ex-seminarista, meu compadre e meu crítico mais à vontade. Este era lacerdista de camisa verde, tomista, humilhando-me a cada página que lia direto do latim da grande Suma Teológica. Coube a esse meu irmão-afim, voltairiano de humor, definir-me para toda a vida: “Dos que conheço, você é o único que consegue escrever sem saber ler”.

E tantas décadas depois, tocado há pouco pela morte de Jackson de Carvalho e revendo seu exaustivo esforço de inteligência e análise da obra de Albert Camus, no intuito de atingir o leitor volátil de hoje, como volto a reenquadrar-me naquela sentença bem humorada de um dos meus mais diletos críticos!

Foi um tormento que não passou de todo. Saí da leitura como quem sai de um pesadelo. Levantei da cama, numa madrugada fria do sanatório, inteiramente alheio ao ressonar e à intermitência da tosse de meus 70 companheiros de enfermagem, quando fechei a leitura da tradução de “O Estrangeiro”, de Camus, que Pedro Santos me levava na visita do domingo.

Há males que vêm por bem: não fosse esse longo estágio hospitalar e nunca a dispersão da vida livre me deixaria ler os volumosos Tolstói, Thomas Mann, mesmo Os Sertões, de Euclides, que, na Casa do Estu-

dante, eu deixara pela metade. Mas desses livros imensos filtrei, para toda a vida, alguma experiência de humanidade. E do livro que eu acabara de fechar, de leitura ir-resistível, tudo me pareceu confuso e mais ainda quando fui ver em que me ajudaria a crítica. Lera um Camus completamente diferente do que lera Sartre, que vira o que eu não conseguia ver. Que leitor sou eu, meu Deus? “Melhor voltar conformado ao primeiro romance estrangeiro que me caiu nas mãos: “Emigrados de luxo”, uma aventura barata de Maurice Dekobra. Já bem maduro, volto a enfrentar o desafio de Camus motivado por uma passagem de Murilo Mendes: “Conheci-o de perto: usava o cilício da lucidez, as alpercatas da crítica. Do rigor ético. De exigência estética”.

E a densa nuvem de sombras a me perturbar. O que esse Camus pretende dizer?! E fui à professora Ângela, indicada para essas horas: “Na tua lucidez, o que condenou sem remissão o Meursault do Estrangeiro? A fria indiferença ante a mãe morta, no velório, ou o assassinato do árabe?” / - Por que me pergunta? / - Porque Sartre explica o que não consigo perceber.”

- Gonzaga, os filósofos têm sua maneira própria de pensar. Fique com a sua, a de leitor”.- conformou-me a amiga. E apaziguei minhas limitações.

O que não aconteceu com José Jackson Carneiro de Carvalho, que, vendo a angústia do apedeuta, dedicou três anos de sua aposentadoria, de sua merecida disponibilidade para pegar na mão de leitores menos iluminados. Entre os feitos e ascensões do magistério e do homem público, ficará o legado do escritor para cada geração que, daqui a 100 anos, o encontre na estante, ainda que, com o tempo, se ache na prateleira de baixo e cheio de poeira. Foi assim que encontrei o livrinho de Lima Barreto quando Francisco de Assis Barbosa ainda não o havia ressuscitado.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

DESCENTRALIZAÇÃO DE SERVIÇOS

Ações do Executivo chegam aos 223 municípios da PB

População é beneficiada nas áreas da saúde, educação, infraestrutura, entre outras

Ítalo Arruda
 Especial para A União

Com o objetivo de municipalizar os serviços, o Governo do Estado tem investido massivamente na descentralização de órgãos e setores. Com a iniciativa, as ações desenvolvidas pelo Executivo se estendem de forma ainda mais prática aos 223 municípios paraibanos. Além dos programas na área da saúde, como o Opera Paraíba e o Coração Paraibano, há uma interiorização das Escolas Cidadãs Integrais e Técnicas (ECITs), das Casas da Cidadania, do programa Tá na Mesa, entre outras ações que contemplam as áreas de infraestrutura, mobilidade urbana e assistência social.

Recentemente, o governo estadual também descentralizou a gestão com a instalação da nova sede da vice-governadoria no município de Campina Grande. A estratégia é ampliar não apenas o diálogo e a relação político-administrativa com os municípios de outras regiões, mas também garantir uma participação ativa do governo nos interesses da população paraibana.



Na área da saúde, ganham destaque os programas Opera Paraíba e Coração Paraibano

Promoção da igualdade social e territorial

“É uma medida importante para garantir que as ações e serviços possam chegar de forma mais eficiente e ágil aos municípios do interior. A interiorização dos serviços do governo estadual é um passo fundamental para promover a igualdade social e territorial na Paraíba”, afirmou o vice-governador Lucas Ribeiro, destacando que, agora, a gestão também está em uma região estratégica do estado, na segunda maior cidade da Paraíba.

Ainda segundo Lucas Ribeiro, a gestão municipalista tem sido uma das principais características do Governo do Estado. “Tenho acompanhado de perto os esforços do governador João Azevedo para ampliar a presença em todas as regiões e tenho

certeza de que essa é uma das medidas que mais têm impactado positivamente na vida das pessoas”, ressaltou.

Do Litoral ao Sertão, obras de travessias urbanas, pavimentação asfáltica, construção de creches e escolas, além de ações essenciais à população como, por exemplo, acesso aos serviços do Departamento Estadual de Trânsito (Detran-PB), que possui 56 unidades, divididas em cinco regionais que abrangem a Grande João Pessoa, o Brejo, a Borborema, o Sertão e Alto Sertão.

Segundo Isaías Gualberto, superintendente do Detran-PB, as unidades estão distribuídas em postos próprios e guichês nas Casas da Cidadania e Circunscrições Regionais de Trânsito (Ciretran). Entre os serviços

oferecidos pelo órgão, destacam-se aquisição, transferência e renovação de licenciamento, alteração de dados e emissão de documentos como Certificado de Registro do Veículo (CRV) e Certificado de Registro e Licenciamento de Veículo (CRLV).

“Após a regionalização, passou a ser ofertado diariamente atendimento para os setores de Veículo e Habilitação, de forma célere e sem fazer necessário a ida do usuário até João Pessoa”, explicou Isaías Gualberto ao ressaltar, ainda, que a virtualização dos serviços do Detran-PB também foi de grande importância. “Promove a todos fácil acesso a serviços que antes demandavam tempo e a presença do usuário em um dos nossos locais de atendimento”.

Gestão criou vários programas nos últimos anos

Considerada uma das áreas primordiais em qualquer gestão, a Saúde tem recebido um cuidado especial do Executivo estadual. Vários programas foram implantados e aperfeiçoados nos últimos anos para garantir ao paraibano um serviço essencial gratuito e de qualidade. Um dos resultados desse investimento é a criação da Escola de Saúde Pública da Paraíba (ESP-PB) e a ampliação das residências médicas e multiprofissionais.

De acordo com informações da Secretaria de Estado da Saúde (SES), este ano, pela primeira vez, estão sendo ofere-

cidos os programas de Residência Multiprofissional em Medicina de Emergência e Multiprofissional em Neonatologia e de Cirurgia Geral, nos municípios de Campina Grande, Patos e Cajazeiras.

Ao todo, segundo a pasta, são desenvolvidos 23 programas tanto na 1ª Macrorregião de Saúde, quanto no Sertão e Alto Sertão do estado, além de municípios de outras regiões, que têm como foco o processo formativo profissional.

Outro programa que tem sido destaque e de grande utilidade pública é o Opera Paraíba. Criado com o objetivo de

zerar a fila de cirurgias eletivas, o projeto tem sido referencial para vários outros órgãos públicos de saúde, incluindo o Ministério da Saúde. Recentemente, no último dia 21, a SES apresentou o modelo para uma equipe de representantes do estado vizinho, Pernambuco, especificamente da Prefeitura de Recife.

Desde que foi lançado, em 2019, o Opera Paraíba já realizou mais de 35 mil procedimentos em diversas especialidades, realizados nos 34 hospitais da rede estadual. Em média, conforme dados divulgados pela SES, o programa realiza duas mil cirur-

Gestão
O vice-governador Lucas Ribeiro diz que a gestão municipalista tem sido uma das principais características do Governo do Estado

UN Informe

Ricco Farias
 papireletronico@hotmail.com

COM BASE FRÁGIL NO CONGRESSO, LULA TENTA FIDELIZAR POLÍTICOS FORA DO ESPECTRO DA ESQUERDA



Foto: Agência Brasil

Com uma base frágil no Congresso, o presidente Lula (PT) tem acenado para composições com partidos que não o apoiaram na eleição do ano passado – isso ficou claro desde as tratativas com legendas fora do espectro da esquerda antes do anúncio dos titulares para os ministérios. Um dos casos mais ilustrativos desse esforço para fortalecer a base governista é o do PSD, que ganhou três ministérios e trouxe 42 deputados para o lado do governo. Outro caso a ser destacado é o do União Brasil, que também foi agraciado com três pastas ministeriais, mas até hoje alguns dos seus líderes, entre os quais o senador Efraim Filho, líder da legenda no Senado, se declaram independentes. Outra ação para se aproximar de governadores na esteira do bolsonarismo, Lula teve encontros com Cláudio Castro (PL), do Rio de Janeiro; Tarcísio de Freitas (Republicanos), de São Paulo, e Romeu Zema (Novo), de Minas Gerais, que governam os três maiores colégios eleitorais do país. O presidente sabe que os governadores têm influência com os deputados de seus partidos e, por isso, faz a política da boa vizinhança com opositores para tentar aprovar projetos que o governo considera fundamentais. Nas agendas de Lula nos estados, tem sido ocorrido um fato que corrobora essa intenção: parlamentares de oposição têm sido convidados a participar de solenidades oficiais.

PARA GARANTIR GOVERNABILIDADE

Essa intenção de não fechar portas para políticos que apoiaram a candidatura de Bolsonaro – parece ser, digamos assim, uma recomendação da cúpula petista para todos os diretórios estaduais do PT. Na Paraíba, por exemplo, o presidente estadual do partido, Jackson Macêdo, tem dito que a estratégia do presidente é acertada para “garantir a governabilidade”.

PARA DESTRAVAR PAUTAS

A nomeação de bolsonaristas para cargos no Lula III, em que pese gerar certo descontentamento na base fiel a Lula, tem sido bancada pelo presidente. Para o deputado federal Gervásio Maia, esse movimento do governo para atrair parlamentares que apoiaram Bolsonaro é necessário para destravar pautas importantes no Congresso.

“BASE PRECISA SER REFORÇADA”

“Temos uma base que precisa ser reforçada para que as matérias possam ser aprovadas”, avalia Gervásio Maia. Para ele, não há nenhum problema nessa estratégia do governo, “Se for preciso fazer um movimento para atrair partidos que não estiveram conosco nas eleições do ano passado”. Tudo em nome da governabilidade.

“ELA RECLAMA DE QUÊ?”

Recrudescer a animosidade entre Eliza Virgínia (PP) e Marcos Henriques (PT), após a vereadora de João Pessoa insinuar que o presidente Lula (PT) tem ligações com o crime organizado, sem apresentar nenhuma prova. “Eliza reclama de quê? Acho que ela tem mais é que olhar as besteiras que ela fez e deixar de criticar um governo que está consertando as infelicidades feitas no governo Bolsonaro”.

DIVULGOU OUTRA INFORMAÇÃO FALSA

Eliza Virgínia, que é investigada pela Polícia Federal, a pedido do STF, sob a acusação de incitar, nas redes sociais, os ataques de bolsonaristas às sedes dos Três Poderes, no dia 8 de janeiro, em Brasília, divulgou informação – comprovadamente falsa – sobre o ministro da Justiça, Flávio Dino. “Essa semana mesmo, [ele] subiu o morro sem nenhum tipo de segurança, porque eles são muito bem-vindos [nas favelas]”.

EM BRASÍLIA, GOVERNADOR ASSEGURA MAIS RECURSOS PARA OBRA HÍDRICA

“Houve um empenho de R\$ 50 milhões e o ministro se colocou à disposição para assegurar os recursos de acordo com o andamento da obra, já com a previsão de R\$ 180 milhões”. Do governador João Azevedo (PSB), referindo-se à reunião que teve, em Brasília, com o ministro da Integração e do Desenvolvimento Regional, Waldez Góes, em busca de recursos para a conclusão da obra do canal Acauã/Araçagi.

Juvandi de Souza

Pesquisador e professor da UEPB

“A Paraíba tem de dois a três mil sítios arqueológicos”



Arqueólogo ressalta a importância da PB na arqueologia e paleontologia e as descobertas em Sousa e Catolé do Rocha

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

A Pedra de Retumba, no município de Pedra Lavrada, foi redescoberta recentemente por pesquisadores do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Estadual da Paraíba (Labap/UEPB). O gigantesco painel rupestre, que estava sob camadas de terra levadas por um riacho, é um dos mais importantes sítios arqueológicos do Brasil. Esta é apenas uma das descobertas sob o comando do pesquisador Juvandi de Souza, arqueólogo, paleontólogo, coordenador do Labap.

Juvandi de Souza é mestre em Arqueologia e Conservação do Patrimônio (UFPE); doutor em História/Arqueologia PUC-RS; pós-doutor em História/Arqueologia, com ênfase em Arqueologia Pré-Histórica pela PUC.

Em entrevista ao Jornal **A União**, o pesquisador ressalta que a Paraíba é berço de sítios arqueológicos, paleontológicos e espeleológicos que contam a história do estado e dos povos que viveram por aqui. Ele é um dos mais respeitados especialistas no estado e reforça que a Paraíba tem grande riqueza histórica e muito a ser descoberto.

Juvandi de Souza comenta sobre os cemitérios dos bexiguentos, onde eram enterrados os mortos por doenças infectocontagiosas, e lembra a descoberta dos ossos de crianças em um cemitério Cariri, no município de Carará. O pesquisador frisa que a Paraíba é um celeiro de rastros históricos, ressalta as parcerias, mas lamenta a escassez de recursos e a falta de respeito de algumas pessoas por esses locais.

Entrevista

A Paraíba é considerada um celeiro de rastros históricos e muitos elementos arqueológicos e paleontológicos têm sido descobertos pela equipe da UEPB. O que isso representa no campo da arqueologia e paleontologia?

As nossas descobertas arqueológicas e paleontológicas têm um significado muito importante. Elas são as provas concretas de que a Paraíba é realmente muito rica, historicamente falando. Toda essa riqueza contida no solo paraibano, nos nossos paredões rochosos, nas ruínas de prédios antigos, por exemplo, só nos motiva ainda mais a buscar novos sítios para continuarmos explicando aquilo que ainda não está claro em nossa história evolutiva.

Há quanto tempo funciona o Labap/UEPB? Quantas descobertas foram feitas nesse período e quais as que mais chamaram a atenção?

O Laboratório de Arqueologia e Paleontologia (Labap), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), completou 16 anos. Hoje não temos como quantificar nossos achados com a ajuda da população, mas podemos afirmar que são centenas de sítios arqueológicos, paleontológicos e espeleológicos na Paraíba. Sobre as mais interessantes, temos várias no campo da arqueologia, entre elas, a redescoberta da Pedra de Retumba e os sítios com gravuras do Sertão. Na paleontologia, as novas descobertas na área de abrangência do Vale dos Dinossauros, o material arqueológico Tupi, nos sertões da Paraíba, e também as urnas funerárias.

Como estão atualmente as pesquisas realizadas pelo Laboratório? A equipe está desenvolvendo algum trabalho de escavação em sítios arqueológicos no estado?

Estamos com vários projetos em andamento. Podemos citar como exemplo as pesquisas dos materiais do grupo Tupi, dos materiais dos cemitérios Cariris e ainda as pesquisas em vários sítios paleontológicos com

fósseis de megafauna. Sobre nossas escavações, a próxima será realizada em um cemitério Cariri em meados de maio deste ano, no município do Congo. Esse trabalho vai contar com a participação de pesquisadores de quatro instituições do Brasil, Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Universidade de São Paulo.

Quantos sítios arqueológicos e paleontológicos existem na Paraíba? Qual a diferença entre eles e o que é possível aprender em relação ao nosso passado a partir dessas descobertas?

Em relação aos sítios arqueológicos, calculamos que existam em torno de dois mil a três mil, mas podem existir mais. Não é um número exato. Paleontológicos, calculamos uns 300 ou mais. A diferença entre eles é que os sítios espeleológicos são cavidades naturais, tipo cavernas, e os arqueológicos são os que têm registros de passagem do homem pré-histórico na região. Porém, às vezes, há registros arqueológicos no sítio espeleológico. Nesse caso, o sítio recebe duplo estudo e importância. Essas descobertas contam a nossa história, tanto a história da espécie humana, dos homens e mulheres da Paraíba, quanto do processo de formação e desenvolvimento dos animais e plantas.

Quais os municípios onde mais são encontrados sítios arqueológicos e paleontológicos na Paraíba? Em que região fica a maioria deles e o que explica o fato dessa região concentrar muitos sítios históricos?

Em praticamente todos os municípios da Paraíba temos registros de sítios arqueológicos. Em alguns, como Catolé do Rocha, o número é muito grande. Temos sítios paleontológicos em muitos municípios, do Litoral ao Sertão. O Sertão tem apresentado uma grande concentração de sítios arqueológicos. Ali serviu, no passado, como um grande corredor onde

os grupos se deslocavam de um para outro lugar, graças, também, às boas condições ecológicas da região em tempos passados.

Catolé do Rocha é um município onde foram encontradas centenas de sítios arqueológicos e paleontológicos. Como está o trabalho do Labap, especificamente, na cidade?

Neste momento, estamos aguardando apenas uma nova portaria do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (Iphan) para darmos continuidade às nossas atividades na região polarizada pelo município de Catolé do Rocha, no Sertão paraibano. Já temos conhecimento, por parte da população, da existência de muitos outros sítios, principalmente, no município de Belém do Brejo do Cruz, vizinho a Catolé. Esse é um projeto para muitos anos.

Entre as descobertas dos pesquisadores do Labap/UEPB, estão os cemitérios de bexiguentos. O que são esses cemitérios e quantos já foram descobertos na Paraíba?

Os cemitérios dos bexiguentos são pequenos cemitérios onde eram sepultadas as pessoas acometidas de doenças infectocontagiosas, a exemplo da varíola, bexiga, sarampo, cólera, tuberculose, entre outros males. Esses locais foram ocupados até meados do século 20. Vários municípios da Paraíba apresentam esses sítios, entre eles Patos, Pocinhos e Emas. Hoje, temos 31 cemitérios de bexiguentos identificados na Paraíba, mas estimamos que deve existir três vezes mais.

Os pesquisadores do Labap/UEPB localizaram ossos de crianças em uma das expedições. O que é possível afirmar sobre esse achado?

Nesta atividade, encontramos pelo menos 10 crianças que foram sepultadas em um cemitério Cariri, no município de Carará. Sobre este achado, nós já temos uma datação do cemitério que é de 1.140 anos A.P. Ainda é cedo para comentar as causas das mortes, mas acreditamos em doenças. A equipe da Universidade Federal do Ceará (UFC) que atua na medicina translacional está começando algumas análises.

(A sigla A.P. é uma marcação de tempo utilizada na arqueologia, paleontologia e geologia que tem como base de referência o ano de 1950. Este ano é utilizado como marcador por conta dos testes atômicos durante a II Guerra Mundial que desequilibraram a concentração química de alguns isótopos na atmosfera. Esses isótopos, como o carbono-14, são analisados em pesquisas científicas que determinam a idade de restos arqueológicos e fósseis como esqueletos de animais e restos vegetais).

Como é possível descobrir a idade dos ossos encontrados? Como funciona o processo?

Através de testes. No caso da matéria orgânica, o principal método de datação é o Carbono 14. Enviamos amostras de ossos e dentes para os Estados Unidos, pagamos – e é um trabalho bem caro. São pesquisado-

res americanos que realizam as análises. Por aqui, nós só recebemos os resultados.

O Labap/UEPB conta com alguma parceria para realizar suas atividades? Quem são os parceiros e de que forma têm contribuído?

Nós contamos com parcerias apenas quando temos projetos aprovados por órgãos de fomento. As maiores e melhores contribuições vêm das prefeituras de alguns municípios com os quais temos convênios. Também temos parcerias com a Universidade Federal do Ceará (UFC), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP), alguns laboratórios de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e um laboratório de paleontologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), além do apoio do Iphan Nacional.

Que tipos de materiais são encontrados nas escavações? Para onde são levados esses objetos?

Cerâmica, líticos (pedras), contas de colar. Se a escavação ocorrer em um cemitério indígena, aí o forte são ossos e dentes humanos, coprolitos, que são os excrementos fossilizados, entre outros. Todos os objetos coletados, sejam eles arqueológicos ou paleontológicos, são guardados na única instituição de guarda da Paraíba, que é a nossa, existente no Museu de História Natural da UEPB. Em nossa reserva técnica temos mais de 35 mil peças. Já nas duas salas de exposição, são cerca de 500 peças.

Como a população pode ajudar nesse trabalho do Labap?

A população tem um papel fundamental no nosso trabalho. As pessoas podem ajudar, de forma significativa, não destruindo os sítios arqueológicos, paleontológicos e espeleológicos; ensinando às demais a importância de manter esses locais preservados. Elas também podem contribuir nos avisando sempre que encontrarem ou souberem da existência de novos sítios.

Muitos objetos encontrados pela equipe estão no Museu de História Natural da UEPB e lá as pessoas têm a oportunidade de ver de perto essas relíquias. Como fazer para ter acesso? Onde fica o espaço?

O Museu de História Natural da UEPB foi criado em 2011 e é uma espécie de guardião dos materiais arqueológicos, paleontológicos, geológicos, faunísticos e florísticos da Paraíba. Está aberto à visitação pública de segunda a quarta-feira, no turno da manhã. Nas terças-feiras, funciona no período da tarde e, se for em outro dia, nesse horário, só com agendamento. Nós não temos funcionários. Só os nossos alunos pesquisadores e voluntários. O nosso museu fica no antigo Museu de Artes Assis Chateaubriand, no Parque do Açude Novo, em Campina Grande, e a entrada é gratuita.

Quais as principais necessidades hoje para que o trabalho de paleontólogos e arqueólogos seja realizado?

Para que possamos desenvolver um bom trabalho, acima de tudo, pre-

cisamos de boa vontade e compromisso com a atividade. Isso está em falta. Mas, precisamos também de mais recursos para poder trabalhar. Nós temos grandes projetos em âmbito de Paraíba, mas devido à escassez de recursos, acabamos limitando nossa atuação.

Quais as grandes novidades que temos em torno das descobertas arqueológicas e paleontológicas da Paraíba? Qual a importância desses achados para o nosso estado?

Realizamos, em 2017, uma grande escavação em um reduto militar do Século 16, a Atalaia do Mirante, em Forte Velho, distrito do município de Santa Rita. Esta foi uma das poucas intervenções desse tipo já realizadas na Paraíba. Por lá, muitos materiais bélicos foram coletados, mas por falta de recursos, não conseguimos prosseguir com o projeto.

O senhor comentou que há novas descobertas na área de abrangência do Vale dos Dinossauros? O que foi encontrado lá? O que essa descoberta representa? Pode haver mais rastros nessa região?

No dia 19 de março, o nosso amigo e guia local, o pesquisador Luiz Carlos Gomes, identificou mais um grande sítio paleontológico. Neste sítio, existem pegadas e pistas de dinossauros, icnofósseis de invertebrados, que são registros das atividades biológicas de organismos que viveram milhares de anos atrás. Também foram encontradas gótulas de chuvas fossilizadas, entre outros rastros. Nos próximos dias, irei visitar o local, que fica no município de Sousa, Sertão da Paraíba.

Em relação à Pedra de Retumba, o que é essa pedra? Onde ela fica? Qual a importância dela? E por que está sendo redescoberta?

A Pedra de Retumba é um grande sítio arqueológico, um dos mais importantes do Brasil, que foi identificado pelo engenheiro Francisco Retumba, no final do Século 19. Ele desenhou o gigantesco painel rupestre com centenas de gravuras. Com o tempo, o sítio foi sendo coberto por areia do riacho Cantagalo, no município de Pedra Lavrada, que fica no Curimataú paraibano. Virou uma lenda da arqueologia brasileira. Recentemente, com ajuda da população local, o sítio foi redescoberto.

Sobre as necessidades para que o trabalho do Labap possa ser realizado com tranquilidade, qual o recurso necessário, por ano, para que as atividades prossigam?

Arqueologia, paleontologia e espeleologia são atividades caras. Não temos como calcular os recursos por ano, mas por atividades. O ideal é que tivéssemos vida própria, ou seja, que tivéssemos recursos disponíveis e suficientes para cada atividade de campo. Além disso, não temos como falar quanto vamos gastar em uma determinada atividade. Às vezes, os custos são altos, a exemplo do trabalho que realizamos para remover os sedimentos que cobriam a Pedra de Retumba. Às vezes, poucos investimentos são suficientes para uma escavação, como foi o caso do Sítio Caxingo, no município de Prata.



Escola foi inaugurada em fevereiro e já conta com turmas ativas de cursos que envolvem tecnologia e artes na formação da juventude

SENTIR-SE PARTE

Educação cidadã transforma vidas

Adolescentes valorizam proposta inclusiva com novas metodologias de ensino da Rede Estadual da Paraíba

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Um local de ensino que respira arte, criatividade e cultura e que reconfigurou um espaço marcado por um passado de dor. Essa é uma descrição da Escola Integral Técnica de Arte, Tecnologia e Economia Criativa, que começou a funcionar em 13 de fevereiro onde antes abrigava a Central de Polícia do Estado, no Varadouro, em João Pessoa.

A unidade escolar reforça e consolida a visão educacional da Rede Estadual de Ensino, com foco na inovação e empreendedorismo, oferecendo novas oportunidades para a qualificação da juventude paraibana; e, principalmente, a disponibilização de formação de qualidade para a população de baixa renda.

Na escola, os jovens possuem aulas que passeiam entre a arte do teatro até alta tecnologia. Segundo Arthur Batista, gestor da Escola Integral, os cursos mais procurados neste momento "são aqueles ligados à tecnologia porque podem ser considerados mais 'comerciais', mas os alunos estão descobrindo os cursos mais voltados à arte", explicou.

Atualmente a escola conta com sete turmas, divididas entre os três anos do Ensino Médio e nos cursos técnicos de produção Design Gráfico, Técnico em Produção de Áudio e Vídeo, Técnico em Artesanato e Técnico em Teatro. No local também funcionará o Centro Inotech, com a disponibilidade de curso técnico em Informática Integrado Ensino Médio, onde os estudantes, além do conteúdo da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio, recebem formação profissional técnica para atuar em empresas da área de Tecnologia da Informação (TI) e em setores de TI de empresas de naturezas diversas, sejam elas públicas ou privadas.

O local possui uma estrutura de alto padrão, contando



Alunos da Escola Criativa compartilham sonhos de voar alto nas profissões escolhidas

com um amplo espaço, salas climatizadas, que passou por reformas após receber investimentos do Governo do Estado que foram superiores a R\$ 9,2 milhões.

Tainá Schiochet é uma adolescente de 14 anos que exala timidez. Aluna do 1º ano do curso de Teatro, resume o que é a Escola de Arte com uma palavra poderosa: acolhimento. "Eu sempre estudei em escola particular, e me sentia só mais uma. Aqui me senti acolhida, me senti parte. Já Iohana Louise, aluna do 3º ano do curso de Informática, lembra que quando soube que mudaria para uma escola pública, entrou em pânico. "Eu tinha muito preconceito, tudo o que eu ouvia sobre escola pública era massacrante, que a infraestrutura e a educação eram péssimas. Mas entrar nessa escola foi a melhor escolha que fiz na minha vida", afirma a adolescente.

Ao contrário das colegas, Bianca Rodrigues é egressa da escola pública. Aos 16 anos e cursando o 2º ano, ela confirma o principal diferencial da Escola Integral Técnica de Arte, Tecnologia e Economia Criativa. "Minha antiga escola era tradicional e mudar pra cá foi interessante porque encontrei pessoas parecidas comigo. Tenho aprendido coisas novas, muito além do que

uma escola normal ensina pra gente", relatou.

O fato de estudar num ambiente em que as relações são construídas também pela afinidade, traz algumas unanimidades e uma delas diz respeito ao método de ensino nas disciplinas regulares, especialmente quando falamos de indivíduos que entraram de fato na adolescência

■ Estrutura de alto padrão e metodologia de ensino atualizada possibilitam melhor formação

durante a pandemia da Covid-19.

Arthur Queiroz, de 16 anos, está no 2º ano do curso de Informática e lembra com certa melancolia de quando precisou concluir o Ensino Fundamental sozinho, em frente a uma tela de computador. "Fiquei vidrado, mas pelo menos vi que poderia tirar o meu futuro daquela tela. Só que eu não aprendi as matérias do jeito que deveria. Co-

meçar o curso de Informática me fez ver o que realmente quero fazer", afirmou.

Assim como Arthur, inúmeros adolescentes também viveram a angústia de ter seus sonhos interrompidos e até, ameaçados. Mas a escola trouxe, além do ensino regular, a possibilidade de garantir uma profissão e das amizades, uma nova perspectiva cheia de sonhos e esperanças.

Morgana Lima cursa o 2º ano de Design Gráfico e projeta um futuro com menos dificuldades. "Vai ser mais fácil do que foi para os meus pais. Aqui tenho oportunidade de melhorar meu currículo, vou fazer estágio, ter um emprego", diz a adolescente de 17 anos.

Sandro Gefferson, que tem 15 anos, e está no 1º ano de Informática, fala com brilho nos olhos sobre os projetos de vida futuros. "Quero ser médico ou entrar na Marinha, viajar muito e conhecer o mundo".

É através da educação inclusiva e cidadã que os adolescentes reconhecem o local que ocupam no mundo e, sobretudo, enxergam o papel do ensino de qualidade na transformação de suas vidas, de suas famílias e de suas comunidades. Mesmo jovens, os sonhos são muitos e cada dia mais altos através dos estudos.

Professores são agentes ativos da transformação

O prédio da Escola Integral Técnica de Arte, Tecnologia e Economia Criativa passou por obras de recuperação e adequação e oferece uma ampla estrutura de educação e ensino técnico. Para além do espaço físico e dos equipamentos, a unidade mantém um corpo docente que é mais uma das unanimidades dos estudantes. Perguntados quais eram seus professores preferidos, responderam em uníssono: todos!

Rubens Guimarães, professor da disciplina Projeto de Vida e tutor, considera que essa é uma nova forma de fazer escola e ele explica como funciona a tutoria. "Os novatos são acolhidos por ex-alunos, fazem dinâmicas sobre quais são seus sonhos no campo pessoal profissional, é feita então uma tabulação pelo professor do Projeto de Vida, uma espécie de perfil". A partir daí, afirma Rubens, "toda a escola vai girar em torno do aluno, tanto no ensino regular, (contribuindo para o ingresso no Ensino Superior), a base técnica (caso ele deseje ir para o mercado de trabalho) e como ele vai realizar esses sonhos, esses objetivos".

Alinhando o conhecimento com as habilidades práticas, o objetivo é ajudar na construção de um indivíduo autônomo. Além disso, a metodologia aplicada nas escolas da Rede Estadual da Paraíba visa proporcionar o acompanhamen-



Gestor fala sobre procura

to e preparação da população para situações reais a partir do modelo das "Escolas Cidadãs Integrais".

Professora de Matemática e tutora, Sheila César considera um trabalho difícil, porém gratificante. "Em 2022 tivemos uma turma de alunos na disciplina de artes que não gostavam da escola, que não gostavam de estudar e que não se sentiam parte do que é 'estudar'. Procuramos novas metodologias, novos meios, novas atitudes e abordagens para que eles se tornassem parte, e não apenas um número".

Por lecionar uma disciplina considerada mais complexa, Sheila costuma aplicar o conteúdo dentro do contexto dos alunos. "O que é uma fração? É uma parte de um todo, e isso se aplica na vida." A professora, mulher e negra, é um modelo para as alunas que a admiram por ocupar um espaço que é majoritariamente masculino.

Foto: Ortilio Antônio



Sheila César e Rubens Guimarães falam sobre novos métodos

CONEXÕES ENTRE VIDAS

Mediunidade por amor ao próximo

Dom de manter contato com espíritos é utilizado para ajudar pessoas, incluindo processos de cura de enfermidades

Ítalo Arruda
Especial para A União

Para o espiritismo, mediunidade é a capacidade que uma pessoa tem para transmitir a comunicação entre pessoas vivas e espíritos de pessoas que já morreram. Apesar de ainda ser considerada uma prática “sobrenatural” por uma parcela da população, esse tipo de atividade é mais comum do que se imagina e acontece frequentemente em milhares de casas espíritas espalhadas por todo o Brasil. Na Paraíba, de acordo com informações da Federação Espírita Paraibana (FEPB), cerca de 1,2 mil médiuns desenvolvem esse trabalho.

A cabeleireira Lorenis Araújo, moradora do bairro Paratibe, em João Pessoa, faz parte deste grupo de “mediadores”. Ela conta que começou a desenvolver a mediunidade quando tinha 20 anos e conhecia pouca coisa sobre a doutrina espírita. A sua primeira experiência se deu com “visão” que teve do espírito do avô paterno.

“Eu estava em casa, de madrugada, fui beber água e o vi”, disse Lorenis, relatando que, à época, um tio dela estava concorrendo ao cargo de vereador no município de Itapororoca, e o seu avô lhe apareceu para dizer que ele não seria eleito. “Quando eu falei isso, meus familiares não acreditaram, acharam que se tratava de um sonho e não de uma visão, mas eu rebati e disse que aquilo que eu vi foi real”, acrescentou.

Apesar de relatar ter sentido medo “nas primeiras vezes”, ela foi percebendo que aquilo era mais forte e precisava de uma atenção especial. “Eu passava mal quando sentia alguma presença ou vibração espiritual, tinha ansia de vô-

mito, dor de cabeça muito forte”, revelou a mulher enquanto descrevia alguns sinais que os médiuns podem apresentar ao entrarem em algum local ou serem visitados por “alguém que está do outro lado da vida”.

Com o passar do tempo, a vidência – faculdade de ver espíritos de forma natural – foi se tornando algo recorrente na rotina de Lorenis. A partir disso, a cabeleireira se reconheceu e se aceitou como médium, e procurou ajuda em uma casa espírita. Desde então, passou a estudar e aprofundar os conhecimentos sobre a doutrina da qual é adepta.

Há sete anos, Lorenis Araújo se dedica a um trabalho voluntário no Grupo Espírita Servidores do Evangelho (Gese), que funciona no município de Itapororoca e possui, aproximadamente, 10 médiuns. “A nossa principal missão é ajudar o próximo, tanto encarnado quanto desencarnado”, destacou ela ao ressaltar que, mesmo com algumas pessoas não acreditando, a comunicação com espíritos é algo completamente natural.



Lorenis Araújo teve o primeiro contato com a mediunidade através de uma mensagem enviada pelo espírito do seu avô. Após a experiência, ela decidiu usar o dom para ajudar pessoas encarnadas ou não



Prática da psicografia é amplamente conhecida no Brasil após a popularização do tipo de mediunidade através do trabalho de Chico Xavier e outros médiuns, de cartas endereçadas a pessoas específicas a obras para o conhecimento de toda a sociedade, como livros



Manifestação percebida de diversas maneiras

Além da vidência, a mediunidade se manifesta, segundo o presidente da FEPB, José Raimundo de Lima, de diferentes formas, como a psicografia, a psicofonia, a materialização, a cura, a audiência, entre outras.

Na psicografia, explica Raimundo, o espírito utiliza a mão do médium como instrumento para escrever

uma determinada mensagem, que pode ir desde uma pequena frase até um livro. “Como é o caso de Chico Xavier, que psicografou mais de 400 livros e de Divaldo Franco, que já soma mais de 300 obras psicografadas”.

Já a psicofonia consiste nas comunicações que ocorrem nas casas espíritas, popularmente conhe-

cidas como consultas ou escutas mediúnicas, quando o espírito fala com a voz do médium. “Os médiuns realizam reuniões semanais, geralmente, duas vezes por semana, e somente aqueles que foram preparados (passaram por um curso) fazem parte do encontro”, explicou Raimundo Lima.

Ainda de acordo com o presidente da FEPB o mé-

dium pode realizar a cura de alguma enfermidade ou doença, “dependendo do grau de merecimento” de cada pessoa que procura o atendimento espiritual. “São muitos tipos de mediunidade e o trabalho que os médiuns praticam é muito acolhedor e se estende a todos que procuram uma casa espírita, independentemente de religião”.

■ Para serem considerados um meio ou instrumento entre mortos e vivos, os médiuns passam por preparação

EDUCAÇÃO

Pedagogia do afeto cresce como metodologia de ensino na PB

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

Quem não gostaria de ser acolhido sempre que algo não saísse como o esperado ou toda vez que tivesse que enfrentar um novo desafio? Esta é a proposta das escolas com abordagem afetiva. Na Paraíba, cresce o número de escolas que, movidas pelo impulso transformador do respeito à diversidade, têm aderido à prática da Pedagogia do Afeto.

Muito mais que uma técnica pedagógica, a Pedagogia do Afeto é uma filosofia de vida adotada como um método de ensino-aprendizado, em que o plano pedagógico não se restringe à didática tradicional. No método afetivo, os alunos têm o direito (e o dever) de se expressarem. Isto porque, entende-se que só através da expressão é possível adequar o planejamento às necessidades de cada grupo de alunos.

Há mais de 40 anos a pedagoga Aldimar Wanderley, de 60 anos, se dedica à educação afetiva. Diretora e fundadora de uma instituição onde o acolhimento é a palavra chave, Aldimar explica que para cada saber há um tempo e respeitar esse tempo é fundamental para que as crianças se desen-

volvam com corpo e mentes sãs. “Muitas vezes, os responsáveis querem adiantar alguns ensinamentos e isso cria uma pressão muito grande nas crianças. Para que os pequenos evoluam, é preciso respeitar o marco do desenvolvimento de cada idade. É importante os pais tomarem conhecimento do que esperar de cada criança”, diz.

Durante o período de volta às aulas, por exemplo, o colégio coordenado por Aldimar recebe os alunos com uma semana de atividades especiais e brincadeiras, tudo voltado à adaptação e ao entrosamento de veteranos e novos alunos em um dos momentos mais importantes na vida dos pequenos.

A ideia é que o ano letivo seja algo positivo para as crianças, desde o início, a partir da promoção de vínculo afetivo entre alunos, familiares, equipe pedagógica e colaboradores. Através da abordagem afetiva, a escola oferece educação socioemocional dos primeiros meses à primeira década de vida de seus alunos.

“Toda criança necessita de atenção, socialização e espaço para brincar, aprender e desenvolver a criatividade”, comentou.



Pedagogia do Afeto garante melhoria do ensino-aprendizagem

De acordo com Aldimar, nos últimos anos, foi possível notar mudanças intelectuais, interacionais e até motoras nos alunos da instituição. E a pedagoga tem razão. Em junho de 2021 já era possível observar os impactos da pandemia de Covid-19. À época, uma pesquisa do Instituto Datafo-

lha apontou que 40% dos estudantes da rede pública brasileira tiveram algum tipo de dificuldade em aprender durante o ensino remoto.

Este percentual dizia respeito apenas ao ensino público do país, mas há mapeamentos que indicam que a queda no aprendizado foi geral. Em pes-

quisa desenvolvida no mesmo ano pelo Instituto DataSena, descobriu-se que as principais barreiras para o processo de aprendizagem dos alunos brasileiros foram a falta de estrutura e a ineficácia do meio on-line.

Mesmo dois anos depois do início da pandemia, ainda tenta-se dimensionar o prejuízo deixado pelo isolamento social no ensino dos estudantes brasileiros. De acordo com a nota técnica ‘Impactos da pandemia na educação brasileira’, elaborada pela associação Dados para um Debate Democrático na Educação (D3e), é importante focar em estratégias e programas de recuperação de aprendizagem para esses alunos. E as ações sugeridas incluem a observação atenta ao estado psicológico dos alunos e a promoção de acolhimento e afeto em ambiente escolar.

Para Talita Barbosa, os benefícios da educação afetiva já podem ser percebidos na pequena Aurora, de dois anos. “Tenho percebido que minha filha consegue se expressar melhor agora. É uma criança mais sociável, educada com as pessoas ao redor dela, bastante criativa e interessada e sempre em busca de aprender coisas novas”, explicou.

Ex-aluna da escola fundada por Aldimar, Talita afirma confiar nas técnicas pedagógicas relacionadas ao ensino afetivo. “Eu acho que essa prática é extremamente importante, pois dessa forma a criança consegue se desenvolver de modo mais seguro e mais feliz, construindo a sua própria identidade de uma forma mais amável, acolhedora e que melhore o seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo”, observa Talita Barbosa.

Segundo Aldimar Wanderley, as vantagens da proposta pedagógica sociointeracionista são múltiplas e colaboram para o desenvolvimento afetivo e cognitivo das crianças. A premissa é a mesma adotada por Paulo Freire, patrono da educação brasileira, que disse que a “educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

“A afetividade é um estado psicológico do ser humano que pode (ou não) ser modificado. Quando um professor consegue tocar o coração de um aluno, ele é capaz de mudar o dia a dia dela e o rendimento escolar. O afeto faz com que aquela criança se sinta confiante, confortável e capaz de aprender”, finaliza Aldimar.

CIDADANIA

A força dos cidadãos voluntários

Eles se unem em coletivos para desenvolver ações que resultam em benefícios para a população e o meio ambiente



Foto: Acervo pessoal



Foto: Acervo pessoal

Associação Guajiru (à esq.) e Engenheiros Sem Fronteiras (à dir.) reúnem dezenas de voluntários que optaram por dedicar tempo e esforço para transformações sociais a partir de ações coletivas

Sara Gomes
 saragomesreporteruniaio@gmail.com

Coletar o cocô de cães nas ruas, recolher o lixo nas praias durante a caminhada matinal, ser gentil e ceder o lugar aos mais velhos são atitudes simples, mas necessárias para se manter um ambiente coletivo saudável. Atitudes socialmente responsáveis são aquelas que visam contribuir para o bem-estar da sociedade como um todo, seja por meio da adoção de comportamentos éticos, pela promoção de ações solidárias ou pelo engajamento em causas que buscam melhorias sociais, ambientais ou políticas.

De acordo com a professora de Sociologia do Instituto Federal do Rio Grande do Norte Zona Norte, Anna Kristyna Barbosa, essas atitudes são importantes não apenas para o coletivo, mas também para a construção da identidade individual.

“Adotar atitudes socialmente responsáveis são importantes tanto para a construção da identidade individual quanto para o bem-estar da sociedade. Essas ações podem gerar um sentimento de dever cumprido e também o direito de cobrar medidas por parte das autoridades competentes”, explicou.

Natural de São Paulo, a administradora Érica Marques, 51 anos, mora em João Pessoa há 25 anos. Ela é voluntária da Associação Tartarugas Urbanas Guajiru porque sempre se preocupou com o meio ambiente. O lixo deixado na praia, produzido pela sociedade civil e ambulantes, destrói todo o ecossistema marinho. “Eu não consigo ir à praia e ignorar o lixo ao redor. Enquanto pessoa civil a minha preocupação é minimizar os danos provocados à natureza, pois a resposta da degradação ambiental vem gradativamente”, afirmou.

A Associação vai completar 21 anos de existência e, atualmente, conta com 85 voluntários, que são divididos em equipes. Uma das atividades é o monitoramento dos ninhos nas praias do litoral paraibano. As áreas de monitoramento são: Ponta de Campina, Intermares, Bessa, Cabo Branco, Seixas, Lucena, Tambaú e Jacarapé. Antes a área de monitoramento era só Cabedelo e João Pessoa. Ano passado, o projeto expandiu o monitoramento para Baía da Traição e Jacarapé.

Carla Marques e seu grupo se subdividem para monitorar o trecho de Ponta de Campina até o Mag Shopping. Três vezes na semana, a voluntária caminha das 5:30 às 6:30 para

procurar rastro de possível desova de tartarugas. “Cada voluntário monitora um trecho. Geralmente, as desovas acontecem de madrugada, então, temos que ir cedo para ver se ocorreu alguma alteração no ninho, monitorando até o nascimento. Eu me sinto realizada em contribuir com a preservação das tartarugas marinhas”, declarou.

Ela participa também do projeto “Limpar Mar” - ação social de limpeza das praias. Na última edição foram recolhidos 36,445kg de lixo nas áreas monitoradas pela associação. Além da limpeza, os voluntários promovem a educação ambiental dos ba-

gos e no contexto em que estou inserida. Se a pessoa não tiver tempo de comprar o alimento, pode fazer um pix diretamente para o Multiplika Pão”, revelou.

Sempre que possível, Érica acompanha o grupo na distribuição das refeições. Ela gosta de ouvir a história dos moradores de rua, demonstrando respeito e empatia. “Eu gosto de ouvi-los, mas também dar um abraço reconfortante. Gosto de brincar com as crianças, mas também perguntar quais os sonhos delas, incentivando-as a sair daquela situação através da educação”, concluiu.

Uma sociedade civil organizada,



Foto: Acervo pessoal

Engenheiros Sem Fronteira promovem o desenvolvimento sustentável

nhistas. “Sou do Sudeste e vejo que as praias paraibanas são um presente de Deus. Acho um absurdo presenciar pessoas em pleno século 21 jogando lixo em qualquer ambiente”, criticou.

Quando era criança, Érica almoçava com desconhecidos que batiam na porta de sua casa pedindo comida. “Meu pai nunca negou um prato de comida a quem sentia fome, então, ajudar o próximo faz parte da minha educação familiar”, lembrou. Atualmente, é voluntária do projeto “Multiplika Pão”, idealizado por sua amiga Kláudia Andrea. Érica auxilia na arrecadação de alimentos para que a equipe de voluntários distribua as refeições para os moradores de rua no Centro de João Pessoa, em frente ao Teatro Santa Roza. Consigo doações entre os meus ami-

engajada e consciente pode promover um impacto positivo nas atitudes coletivas. Para a socióloga Ana Kristyna, quando as pessoas se organizam em torno de pautas comuns, podem se tornar agentes de mudança e promover transformações em diversas áreas, tais como social, política, ambiental.

“Elas podem promover ações coletivas que visam a melhoria das condições de vida da população, a garantia de direitos, a proteção do meio ambiente, entre outros objetivos”, destacou. As atitudes socialmente responsáveis também podem trazer consigo o direito de cobrar das autoridades medidas que visem o bem-estar da sociedade.

“Quando os indivíduos percebem que estão fazendo a sua parte e que

ainda há problemas a serem resolvidos, é natural que busquem ações das autoridades competentes, uma vez que as mesmas possuem o poder e a responsabilidade de implementar políticas públicas que beneficiem a sociedade como um todo”, avaliou Kristyna.

A administradora e gestora de Pessoas do Engenheiros sem Fronteiras, Marcela Paulino, também teve uma educação familiar baseada em valores humanitários, de empatia e respeito ao próximo. Seus avós e pais a ensinaram a ajudar quem precisa desde pequena, tanto é que esses princípios acompanham sua formação pessoal e profissional.

“Todos os dias tento ser um ser humano melhor pensando no bem comum, no coletivo e nas possibilidades que eu tenho em contribuir para o desenvolvimento da minha região e das pessoas que vivem nela. Ajudar o próximo hoje me faz ser um ser humano melhor que ontem!”, declarou.

Há alguns anos, Marcela realiza a ação solidária “Arraia da Marcela” no mês de seu aniversário com os idosos da Vila Vicentina, que se encontra na sua sétima edição. Desde 2015, Marcela monta kits de higiene pessoal e oferece um lanche aos idosos, com música ao vivo e muita diversão. “A ação solidária na Vila Vicentina é um momento que me faz reviver as memórias afetivas da minha infância na casa dos meus avós. É aprender com a experiência e histórias destas pessoas, que retribuem com um sorriso doce ao viver um dia cheio de amor e alegria”, afirmou.

Responsabilidade social

Você sabia que as tampinhas de garrafas podem ajudar a causa animal? A Empadinha Barnabé recolhe as tampas e entrega à Ong JP Amor de Pets, que vende para uma cooperativa de reciclagem. O dinheiro é revertido para comprar ração e castração de animais.

Outro projeto social que vem ganhando destaque é o Engenheiros Sem Fronteiras - Núcleo João Pessoa, que é uma organização sem fins lucrativos vinculada à rede Engenheiros Sem Fronteiras Brasil, que tem por objetivo promover o desenvolvimento humano e sustentável por meio da engenharia, trabalho em equipe e voluntariado. A organização desenvolve projetos nas áreas de sustentabilidade, gestão e empreendedorismo, educação e infraestrutura.

A Diretoria-Geral do Engenheiros Sem Fronteiras - Núcleo João Pessoa menciona alguns projetos atuais



Foto: Acervo pessoal

Proteção de ninhos se tornou referência

em desenvolvimento na Grande João Pessoa, a exemplo do Projeto Gaivotas, Ecoeletro, Plantio Urbano, Papo do Ongueiro, entre outros.

O projeto Ecoeletro visa a conscientização da população local acerca do descarte adequado de resíduos eletrônicos (REE), que são gerados cada vez em maiores quantidades, em consequência ao seu elevado volume de consumo, e são resíduos que têm características tóxicas e têm potencial de causar danos à saúde humana e ao meio ambiente. O projeto atualmente está trabalhando na construção de coletores de REE e na promoção de educação ambiental em parceria com o Projeto de Extensão TREE, da UFPB.

Já o Projeto Plantio Urbano, iniciado em 2021, envolve o plantio de mudas em locais públicos - recomendados pela Secretaria de Meio Ambiente (Seman), e locais de interesse coletivo em João Pessoa. O projeto já proporcionou oito ações de plantio e mais de 50 mudas plantadas por membros do núcleo e voluntários externos, e visa incentivar também o engajamento do público geral dentro da temática da arborização urbana e reflorestamento.

“

Adotar atitudes socialmente responsáveis é importante para o indivíduo

Anna Kristyna Barbosa

NO AGRESTE

Gado Bravo celebra emancipação

Município comemora, em abril, os 29 anos da data em que passou da condição de distrito para a de cidade

José Alves
zavieira2@gmail.com

O jovem município de Gado Bravo estará comemorando aniversário de emancipação política no dia 29 de abril. Na data, o município estará completando 29 anos de existência. Localizado no Agreste paraibano, na Região Metropolitana de Campina Grande, Gado Bravo fica a 179km e João Pessoa.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município tem atualmente 8.179 habitantes. No município, as principais atividades econômicas que garantem renda para parte considerável dos moradores são a produção de leite e a agricultura com as culturas de milho, feijão, jerimum que movimentam a economia local.

As principais festas da cidade são a tradicional Festa de Março, em homenagem ao padroeiro da cidade, São José, e a Festa do Tapuia (comunidade rural indígena, situada às margens do Rio Paraíba, que guarda valiosas marcas culturais do povo.

A Festa de São José acontece, geralmente, durante o dia e atrai grandes multidões, principalmente, moradores da Região Metropolitana de Campina Grande. Já a Igreja Matriz São José foi construída no ano de 1933. Por conta da construção da igreja, no dia do padroeiro, também é realizada uma procissão que atrai praticamente toda a população católica da cidade.

Por outro lado, a Festa Tapuia é realizada todos os anos no mês de julho, em homenagem à padroeira da comunidade de Sant'Ana. O nome dado a festa "Tapuia" se deu em razão da colonização do local pelos indígenas tapuias. É uma festa que acontece na localidade desde a década de 1950.

No que diz respeito aos esportes, a vaquejada e o futebol amador são as grandes paixões dos mora-

dores de Gado Bravo. Essas são as modalidades que os moradores mais praticam. Segundo informações do jornalista Toni Moraes, a vaquejada e o futebol amador são praticados na cidade desde o período em que Gado Bravo era distrito de Umbuzeiro e depois de Aroeiras, até sua emancipação. "Os gadobravenses são povos advindos da zona rural destas duas cidades", informou o jornalista.

Gado Bravo, segundo Toni Moraes, teve alguns filhos muito admirados pela população. Um exemplo de pessoa muito querida pelos moradores foi Salomão Lucena. Ele foi o primeiro prefeito da cidade e lutou muito pela emancipação e liberdade política do município. Salomão faleceu antes de concluir seu segundo mandato. Era um político muito amado pela população gadobravense.

O prefeito do município, Marcelo Jorge, fez questão de afirmar que o governador João Azevêdo é um grande parceiro e que tem contribuído muito com a evolução do município. "Estamos recebendo do Governo do Estado, através da Cagepa, uma nova adutora que vai beneficiar toda a população com água encanada. Por mais de 15 anos, os moradores de Gado Bravo sofriam com a falta d'água e o abastecimento era feito por carros pipa", contou o prefeito Marcelo Jorge.

Segundo o prefeito, "em parceria com o Governo do Estado inauguramos recentemente a travessia urbana que liga a comunidade de Boa Vista (entrada da zona urbana), ao Centro da cidade. Essa parceria foi fundamental para transformar a mobilidade urbana do município que era bastante complicada", destacou.

Marcelo Jorge afirmou que nasceu na zona rural de Gado Bravo e que seu grande sonho era um dia ser prefeito na sua cidade. "Costumo dizer que vivo todos os dias a realidade deste sonho. Por vezes,



Fotos: Bruno Lira



Cidade, localizada no Agreste paraibano, possui uma população de pouco mais de oito mil habitantes, segundo estimativa do IBGE. Toda a atividade econômica do município é centrada na produção de leite e na agricultura com as culturas do milho, feijão e jerimum

mal acredito. A minha cidade é de uma riqueza cultural tremenda, e nós buscamos sempre despertá-la, fomentá-la e desenvolvê-la. Em nossa história, fomos grandes referências em diversos âmbitos. Hoje, somos destaque na educação, que evolui a cada dia. Somos, sobretudo, uma comunidade unida e de grande pertencimento. Contamos sempre com

grande apoio do Governo do Estado, que tem nos ajudado a crescer. Um importante exemplo é a obra da travessia urbana recém-inaugurada pelo próprio governador João Azevêdo e seu vice Lucas Ribeiro. Agradeço a eles por trazerem até nós uma realidade que parecia distante, mas que transformou a cidade", destacou.

Um dos destaques turís-

ticos da cidade é o antigo cruzeiro (que já deu nome à cidade). Ele foi construído em madeira por um imigrante católico devoto de São José, chamado Zé Chico. Os moradores mais antigos de Gado Bravo contam que Zé Chico chegou a localidade na década de 1920. Na época ele fez o cruzeiro e o colocou nas proximidades da rua

José Mariano Barbosa, próximo ao Bar do Zezito. Porém, em 1998 na gestão do ex-prefeito Salomão Lucena, o cruzeiro foi levado e fixado ao lado da igreja matriz da cidade. Nos dias atuais o cruzeiro original, feito em madeira, foi retirado do local e colocado em seu antigo lugar.

“

Gado Bravo é de uma riqueza cultural tremenda e buscamos sempre fomentá-la e desenvolvê-la

Marcelo Jorge



A primeira edificação da Igreja Matriz de São José foi construída em 1933. A edificação tem grande importância para os moradores católicos por ser São José o padroeiro da cidade



Procissão de São José faz parte das tradições da cidade

Povoamento da região começou no século 19

O primeiro nome de Gado Bravo foi Curtume (local onde ocorre o tratamento de couro cru ou pele animal para convertê-la em couro). Em seguida, a cidade passou a ser chamada de Cruzeiro, devido ao cruzeiro existente no município, que era muito visitado pelos fiéis da igreja católica. Alguns anos depois, a cidade passou a ser

chamada de Gado Bravo.

Segundo histórias dos moradores mais antigos, os criadores de Gado Bravo escolheram esse nome porque tinham muita dificuldade em se aproximar de seus rebanhos, que era considerado "gado selvagem". "Ninguém se atrevia a se aproximar do gado, contava seu Bila, um dos mais antigos morado-

res do município, já falecido.

O povoamento de Gado Bravo foi iniciado no fim do século 19 e início do século 20, principalmente, por imigrantes vindos do estado de Pernambuco. Na época, o local foi se transformando em um ponto de criadores de gado, o que transformou a vida dos moradores de toda a região.

Nome da cidade surgiu da dificuldade que os criadores tinham com os rebanhos

Multiplicidade da negritude

Hoje, em João Pessoa, artistas sobem ao palco do Teatro Paulo Pontes para a 2ª edição da Noite da Música Negra Paraibana

Guilherme Cabral
 guilhermecabral@epc.pb.gov.br

“É uma proposta essencial para projetarmos as pessoas negras que estão criando, movimentando a cena da música preta da Paraíba. Seria ideal que ela se ramificasse ainda mais, e fosse realizada mais vezes no ano, multiplicando as possibilidades, para atender, de fato, à demanda de artistas negros que temos no nosso estado”, declarou a cantora e compositora Laiz de Oyá, referindo-se a 2ª Noite da Música Negra Paraibana, da qual é uma das participantes.

Realizado pela Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), o evento gratuito acontecerá hoje, a partir das 20h, no Teatro Paulo Pontes do Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa. A iniciativa está relacionada ao Dia Internacional de Luta Contra a Discriminação Racial, celebrado no último dia 21.

Laiz de Oyá apresentará a música ‘Cumeeira de Xangô’, de sua própria autoria. “Eu a compus para o Xangô do meu terreiro. Sou filha do Ilê Axé Ojú Ofá Dana Dana, da Doné Mãe Renilda de Oxosse e o Doté Carlos de Xangô. Essa música vem como um presente para Xangô, orixá da cumeeira da nossa casa”, explicou ela, que subirá ao palco com Mari Santana, Filosofino, João Carlos Jr., Elon, MC Hir-

la, Pablito, Anita Garyballdi, Thais Soares, Wilcor, Mebiah e Fúria Negra. Os participantes vão mostrar as canções acompanhados de uma banda formada por Italo Viana (baixo), Del Santos (percussão), Tarcísio Pereira (trompete), Manu Lima (vocalis), DJ Zebb (programações e beats) e Jader Finamore (direção musical e arranjos).

Participante da edição anterior, Laiz de Oyá fez uma análise da música produzida pelos artistas negros no estado. “A Paraíba é um solo fértil de artistas criadores, e nós temos aqui uma gama de artistas negros que mostram as multiplicidades da negritude. Cada um com sua identidade, vivendo seus processos e contando suas histórias, movimentando o cenário artístico do nosso estado a nível nacional. Não só na música, mas estendendo para as demais linguagens artísticas, ouso dizer que nós, artistas negro, temos nos evidenciado com nossos trabalhos e criações, com muita qualidade, autenticidade e competência”.

Ao mesmo tempo em que acontece isso, Laiz de Oyá apontou que ainda há a falta de um olhar mais atento e, de fato, prestativo para os artistas pretos. “A população negra precisa de um olhar específico, de uma atenção que entenda que 400 anos de escravidão não acabam sem dei-

xar marcas. É aí que entram as ações de reparação, que precisam ser efetivas e contínuas”, afirmou ela. “O racismo é um problema das pessoas brancas. A luta contra a discriminação racial não deve começar em nós negros, essa demanda não é nossa. As pessoas que deveriam estar no front dessa luta são as pessoas brancas. Ao invés disso, seguimos num pós-abolição cheio de resquícios, onde vemos que, na verdade, as violências só mudaram um pouco de aparência, mas continuam aí. Outras casas grandes, outras senzalas. Um mundo repartido, onde nós, negros, não somos validados como pessoas que podemos ocupar todo e qualquer espaço, e falar sobre todo e qualquer assunto que se queira, por exemplo. Eu não existo só em novembro, eu tenho um ano inteiro para me alimentar, pagar contas, ter acesso ao lazer, etc., como todo ser humano”, comentou Laiz.

Outra artista, a cantora Mebiah, que participará do evento pela primeira vez, ressaltou a iniciativa da Funesc. “É muito importante por poder contribuir, de certa forma, para a nossa cultura, fortalecendo a nossa música, mas também em todos os outros aspectos, como o social e o político, dando visibilidade, pois é combustão para que a gente apareça. É um evento que abre espaço para artistas da

cidade, inclusive da periferia, mostrando estilos e propostas diferentes”, disse ela.

Mebiah apresentará a canção ‘Calma Preta’, de sua autoria. “Fiz essa música no ano passado e que fala da minha história, de onde eu vim, mas não é tanto uma autobiografia, porque não é uma definição só minha, mas também de outras mulheres”, comentou ela, que elogiou a Noite da Música Negra Paraibana. “Abre mais portas para os artistas pretos, principalmente da música, que andam meio esquecidos, porque falta comunicação para os artistas se unirem por uma ação comum, não importa a cor”.

Ancestralidade sertaneja

O cantor e compositor Elon Barbosa participará da Noite da Música Negra Paraibana pela segunda e interpretará a canção ‘Pretó’. “Essa canção é de Titá Moura, que ele fez para mim, produzida por Helinho Medeiros, como extensão do meu projeto Tateia, que lancei em 2022. Essa canção, que tenho previsão de lançar como *single* no início do segundo semestre, fala sobre afetividade e, como foi feita para mim, nascido na cidade de Pombal, trouxe elementos do Sertão e de uma ancestralidade sertaneja. No evento da Funesc, o arranjo é diferente, pois é da banda base que tocará nas

apresentações, mas vou cantá-la incluindo, no final, uma música incidental que é do repertório do reisado de Pombal e que vai estar no fonograma, com outro arranjo”, comentou o artista.

Elon disse que o evento é importante como forma de trazer vozes que, muitas vezes, são silenciadas. “Vem movimentar a cena preta, preto e *pretos* não apenas com denúncia contra o racismo, mas também traz outras narrativas que circundam a nossa existência enquanto pessoas pretas e essas narrativas são nossos afetos, o dia a dia no nosso trabalho e momentos de ousadia, transcendendo a nossa religiosidade”, justificou ele. “A luta contra a discriminação racial é uma coisa de todo dia, de alguém se colocar no mundo e entender que estamos num tempo de transcender tudo isso. A luta nunca acaba, afinal de contas, foram quase 400 anos de escravidão e o racismo e o Brasil é traumatizado por causa disso. É uma luta intrínseca à própria existência e é momento de superar essas questões. A pretitude tem potencialidade gigantesca e é base da cultura do Brasil”.

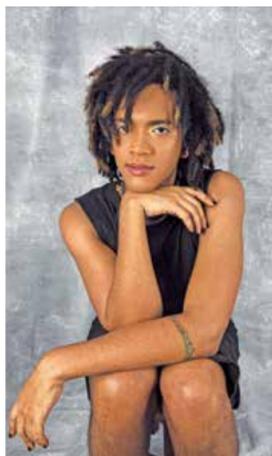
Mari Santana vai apresentar a canção ‘Abre Caminho’, que faz parte do seu primeiro EP solo, *Doces Águas*. “Foi composta por mim e Bixarte, que, na versão do EP, ela

também participa cantando. Foi composta em 2021 e tem uma mensagem que enaltece a força e sobrevivência do povo negro, tendo a espiritualidade e ancestralidade como principal força para superação das dificuldades encontradas no dia a dia”.

Para Mari, a música negra tem uma importância como para o mundo todo. “Junto à música indígena, a música negra é o berço do som, é onde as sonoridades da humanidade surgem ou se desenvolvem e no nosso estado não é diferente”, frisou a musicista. “A cena da música negra na Paraíba é muito ativa e diversa, temos produções em todos os gêneros musicais e artistas incríveis em todos os lugares e territórios do nosso estado. O que nos falta é mais espaços de todos os segmentos, como palcos, rádios, TVs, produções que abranjam e deem oportunidades de uma maior circulação e audiência para todas as produções, de uma maneira mais justa e diversa”.

O Dia Internacional de Luta Contra a Discriminação Racial foi definido pela Organização das Nações Unidas (ONU) em memória das 69 pessoas mortas no Massacre de Shaperville, em Joanesburgo, na África do Sul, quando participavam de um protesto contra a Lei do Passe, em 21 de março de 1960.

Fotos: Funesc/Divulgação



Da esq. para dir.: entre os participantes da nova edição estão nomes como Fúria Negra, Anita Garyballdi, Elon Barbosa, Filosofino, João Carlos Jr. e Laiz de Oya, cada um com a sua identidade



Da esq. para dir.: Mari Santana, MC Hirlla, Mebiah, Pablito, Thais Soares e Wilcor completam o quadro das apresentações do evento relacionado ao Dia de Luta Contra a Discriminação Racial

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

TikTok e geopolítica

O livre mercado é um mito do liberalismo. No mundo real, não há capitalismo sem estado, porque ele garante a existência da propriedade privada através do direito e da força. Ele também é responsável pela moeda, a infraestrutura e o investimento no desenvolvimento tecnológico e científico. Não existe país, na história do capitalismo, que tenha se desenvolvido sem atuação de um estado forte.

As disputas mundiais intercapitalistas são mediadas por Estados Nacionais que impõem seus interesses a partir de suas capacidades militares e da arquitetura do sistema comercial e político internacional. A grande potência capitalista do mundo, os EUA, possui cerca de 800 bases militares, a marinha mais poderosa, um vasto poder de dissuasão nuclear e a moeda de referência mundial, o dólar.

Os EUA estão numa cruzada contra o TikTok. Biden deu continuidade a uma perseguição que começou com o republicano Donald Trump. O governo proibiu o uso do aplicativo em órgãos públicos, escolas e está ameaçando impedir a empresa de operar no país, caso ela não venda o contro-

le para uma empresa estadunidense. O argumento do governo é o de que o TikTok não protege os dados dos usuários e que os repassaria para o Partido Comunista Chinês.

A preocupação com os dados parece ser mais uma maneira de legitimar os ataques à empresa chinesa, considerando que as *Big Techs* estadunidenses também lucram com base nas informações dos usuários. O fato é que o TikTok é a rede que mais cresceu nos últimos três ou quatro anos, figurando na primeira colocação entre os mais baixados. Nos EUA o número de usuários atingiu 150 milhões. Ele deve superar em breve o Facebook em receita com influenciadores e se encaminha para superar o Instagram em número de usuários.

O impacto TikTok é tão grande que forçou seus concorrentes a mimetizar o estilo de vídeos curtos característicos da rede chinesa. O Instagram criou o *reels*; o YouTube, o *shorts*. O que não foi suficiente para eclipsar os chineses. É curioso como o TikTok passou a determinar a estética das redes sociais, determinar as trends, até influenciar as músicas de sucesso. Cada vez mais a parada

de sucesso é um reflexo das músicas tocadas na plataforma.

A tentativa de Washington de desarticular o TikTok visa, ao mesmo tempo, diminuir o poder chinês e salvaguardar o mercado para as suas empresas de tecnologia, em especial a Meta. É mais uma prova contundente de que o livre mercado não existe e que as relações de comércio internacional são determinadas pelo poder e o lucro.

Força

O impacto TikTok é tão grande que forçou seus concorrentes a mimetizar o estilo de vídeos curtos característicos da rede chinesa

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e Existência

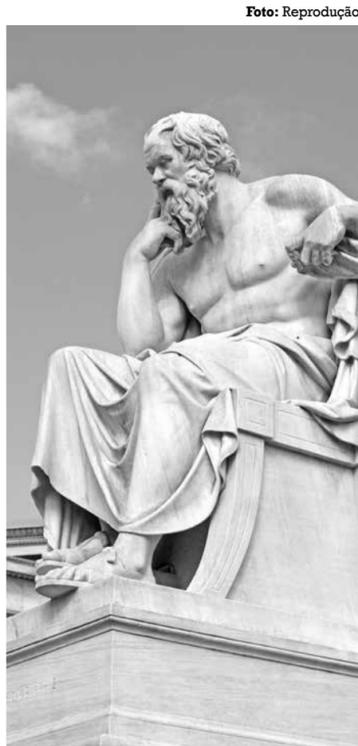
Felicidade está no interior do ser humano

Sócrates (470 a.C.-399 a.C.), filósofo grego, ao visitar o Templo de Apolo, na cidade de Atenas, na Grécia, ficou impressionado por esta inscrição entalhada no portal do santuário: “Conhece-te a ti mesmo”. Essa frase o influenciou de forma a sugerir que para construir o conhecimento que está fora de todo ser humano, antes, deve-se conhecer a si mesmo. Por exemplo, uma de suas teses apresenta que a felicidade está correlacionada com a própria virtude. Também, fundamentou que esta pode ser interpretada como um meio para alcançá-la ou como a própria felicidade.

A filosofia antropológica de Sócrates resolveu questões que surgiam do convívio em sociedade, como a justiça, o bem, a moral, a verdade e tantas outras encontradas nas relações humanas e em si mesmo. As suas teses estão todas apresentadas nos livros escritos pelo seu aluno filósofo e matemático grego Platão (428/427 a.C.-348/347 a.C.). Um dos diálogos platônicos é *Protágoras*, que expõe a conversa de Sócrates com este sofista. Eles discutem a natureza da virtude, se ela é ou não ensinável.

Protágoras (490 a.C.-415 a.C.) foi um filósofo sofista da Grécia Antiga, a frase mais conhecida dele afirma que: “O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são”. Esse argumento expressa o relativismo tanto dos sofistas quanto o relativismo do próprio Protágoras. Exemplificando-o, se o homem é a medida de todas as coisas, então coisa alguma pode ser medida para os homens, ou seja, as leis, as regras, a cultura. Diante disso, tudo deve ser definido pelo conjunto de pessoas, e aquilo que vale em determinado lugar não deve valer, necessariamente, em outro. Também significa que as coisas são conhecidas de uma forma particular e muito pessoal por cada indivíduo, o que vai contra, por exemplo, ao princípio de Sócrates de chegar ao conceito absoluto de cada coisa.

O diálogo de Protágoras com Sócrates defende que a virtude-a-



Filósofo grego Sócrates (470 a.C.-399 a.C.)

reté (em grego) – significa a perfeição moral e política. É um caminho para a felicidade. Assim, age-se de acordo com algo que julga ser “bom”, independentemente da noção que se tenha do que é “bom”, pois, desejá-lo é o único meio de alcançar a felicidade. Por isso, a felicidade para Sócrates é a obtenção da maior satisfação possível, e está disponível ao ser humano. Este age de forma a obter, ao máximo, realização, porque, segundo o diálogo *Protágoras*, considera-se aquilo que dá sentido à vida é algo “bom”. Entretanto, o contrário não ocorre, isto é, nem tudo que é prazeroso é “bom”. Nesse contexto, o livro *Apologia*, de Sócrates, escrito por Platão, encontra-se esta afirmação de Sócrates: “Pois a virtude não vem da riqueza, mas da virtude vem a riqueza e todas as outras coisas boas para o homem, tanto para o indivíduo quanto para o estado” (Platão, 1995, 30 a 8-b4). Nesse argumento, observa-se que nenhum bem material gera a felicidade. Também a riqueza e as propriedades não devem ser mais importantes do que a busca pelo

aperfeiçoamento moral, porque a virtude é o único e verdadeiro bem. Considerando isso, os bens não morais não podem ser relacionados com a felicidade de alguém, ou seja, não são meios para alcançá-la e nem são objetos da felicidade. Por causa disso, ao agir de forma virtuosa, o indivíduo relaciona-se com o mundo de uma forma que usará todas as coisas disponíveis de forma justa e boa, independentemente de quais sejam, só assim, seria feliz. Consequentemente, algo é bom para o ser humano quando ele o usa moralmente, a partir do conhecimento de si mesmo, na própria virtude.

Sócrates, “o homem bom”, era o filósofo da praça pública. Os seus ensinamentos ajudam a questionar: “De que adiantava saber qual o tamanho da Terra ou se o universo era infinito...”, se o homem não sabia conduzir a própria vida?” Para ele, o que importa é ajudar os indivíduos a descobrirem o que é bom, o que é justo, e o como se deve conquistar e viver a própria felicidade, a partir do próprio conhecimento interior, isto é, pelo autoconhecimento. E deve construí-la de modo incansável e sem mentiras sobre si mesmo, e nem buscar a satisfação de todos os desejos. Ele ensinava: “Ver tudo o quanto não precisava para ser feliz”. Outro conselho seu: “O homem que se conhece saberá como agir, trilhando o caminho correto, quanto mais virtuoso, maior será a chance de que seja feliz, porque fará bem a si e também aos outros”. Ou seja, será mais feliz e ainda ajudará os demais a construir a própria felicidade. Pode-se concluir – em Sócrates – que a virtude e a felicidade estão sempre unidas, porque essa unicidade está dentro do ser humano.

Sinta-se convidado à audição do 412º Domingo Sinfônico, deste dia 26, das 22h às 0h. Em João Pessoa -PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar algumas peças do barroco, classicismo e romantismo que apresentam a dignidade humana.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Envelhecer

Já faz um tempo que me dei conta, que uma coisa me importava mais que muitas outras: percebi que estou no caminho do envelhecimento, não exatamente pelos desenhos que as rugas fazem no rosto ou o corpo dando sinais que já não somos os afoitos de antes.

Na verdade, eu quero mais é envelhecer com saúde, pois ainda há muito para viver e sonhar. Só não posso me sentir um estrangeiro, pois sei onde piso, sou brasileiro, vivendo num país bonito, mas desigual. Aqui a pabulagem é grande e a segregação reina.

Outro dia vi uma postagem da atriz Malu Mader dizendo que envelhecer não é nada fácil. Deve ser uma teimosia feminina. E não deve ser fácil mesmo, viver pintando o cabelo, não sair de casa sem uma base no rosto, uma maquiagem apresentável, arrumada e bela escambau.

Mas há mulheres que não pintam os cabelos e encaram. Eu acho que o cabelo da mulher deve e tem que ser pintado, assim como acho careta, cafona o homem que pinta o cabelo, mas respeito. É gosto, é?

Em seguida me dei conta que, em sua vulnerabilidade, o estrangeiro em mim, que não sou, sequer a tormenta do *Estrangeiro*, de Albert Camus, mas sei que posso contar com a hospitalidade que o outro pode me oferecer. Sim, estamos aqui para amparar amigos, irmãos, parceiros, passantes – ajudar, colaborar. Sou feito de amabilidades.

Assim como as palavras se beneficiam da hospitalidade, principalmente dessa assertiva que reina sobre nós paraibanos (hospitaleiros), mas muitas vezes não cuidamos nem de nós, sequer dos nossos velhos.

Da página em branco do computador, ou aquele branco que às vezes acontece com todos nós e o médico diz que é estresse, quem tiver a sorte de não morrer cedo, envelheceremos todos nesse (mar) mal necessário. Por muita alegria, eu acho que a arte de envelhecer deve ser uma coisa natural, com saúde e lucidez, é caro.

O pássaro da hospitalidade, do afeto entre jovens e idosos, pais e filhos, netos e avós, amigos, é uma incondicional da vida: é o objeto de envelhecer. Não exatamente ir para o céu, mas saber contar as estrelas, as Três Marias, o Cruzeiro de Sul e reconhecer que viveu e valeu.

Mas o que é envelhecer? Morar numa casa limpa, na sombra, se possível aguar as plantas do jardim, assistir filmes com os netos, soltar pum a vontade, olhar para a mesa do jantar e não ver os filhos que foram para correntezas, coçar o olhos, chorar um pouquinho, operar de catarata, tomar uma taça de vinho, comer papa de aveia, olhar para frente para não cair, não ser teimoso, querer ir ao banco conferir o saldo, se divertir nos vídeos que chegam pelo zap ou acordar todos os dias, mas ter ou quem sabe, o mesmo propósito de viver dos peixes – nadando...

Não, envelhecer é uma coisa natural, é saber que estamos cada vez mais pertinho do céu. Ué, o céu de novo? Sim, está na canção de Herivelto Martins – “pois quem mora lá no morro, já vive pertinho do céu...”

Envelhecer lendo bons livros, tirar as remelas e saber que não é mais gato, nem gata, tomar comprimidos, depois do café, do almoço e da janta, verificar a pressão, dar um cochilo e uma volta na calçada do mar, na pracinha, na rua, e não nadar mais contra a maré.

Ei, Malu, cadê meu boné?...

Kapetadas

1 - Quem merece suas lágrimas não tem interesse no seu choro.

2 - O mais doído da pré-história foi a pedra que era lascada depois ficou polida.

4 - Som na caixa: “Mas quando eu for bem velhinho, bem velhinho, que usar um bastão, eu hei de ter um netinho, pra me levar pela mão”, Lupicínio Rodrigues.

Foto: Instagram



Atriz Malu Mader nas redes sociais: envelhecer não é nada fácil

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Bebendo da mesma fonte de cinema

Jamais seria novidade, nalgum instante da vida, refletirmos seriamente sobre os amigos e as parcerias deveras prazerosas que tivemos, quando das nossas ações com a *moving art*.

E rebobinando tais memórias como se fossem películas de cinema, diria que essas pessoas foram realmente parceiras, de longa convivência cultural, e que com elas podemos ainda contar, em razão de nossos projetos. Aliados que costumam “beber da mesma fonte” que nós, exaltando e reconstruindo marcos históricos de nossa urbe – sua cenografia, atores, costumes...

Guardo comigo um elenco invejável de parceiros, alguns já no “andar de cima” – meu genitor Severino Alexandre Santos, estoico pioneiro do cinema paraibano, também os bem lembrados João Córdula, Antônio Barreto Neto, Machado Bitencourt, Anco Márcio, Rubens Moreira, Wills Leal, Linduarte Noronha, Moacir Barbosa de Sousa, eternizados pela Academia Paraibana de Cinema –, além dos atuais apoiadores dos nossos projetos cinematográficos.

Bastante longa é a relação de amigos que compõem ainda hoje o nosso “filme”. E me sinto até constrangido em destacar nomes, para não ser injusto com a grande maioria deles. Embora existam alguns parceiros que nunca me fogem à memória, quanto o professor de História da Paraíba, José



Equipe da média-metragem de ficção ‘Antomarchi’ durante a sua premiação

Octávio de Arruda Mello, um parceiro de tantas jornadas “parahybanas”, aniversariante recente sob aplausos da família e de amigos. Camarada do GJHR, parabéns!

Atualmente, alguns parceiros que comungam da mesma proposta que eu – distante de modismos desconexos à realidade, como o do “multiverso” como forma de linguagem narrativa em audiovisual –, buscam sempre a valorização do que dispomos de mais real e singular, não menos expressivo cinematograficamente, que são as nossas cenografias urbanas e os costumes de seus “atores”. Citaria, inicialmente, nomes como o do meu filho Alexandre Santos, parceiro de sangue e de aventuras cinéticas; do “cinemista” de fato e médico Manoel Jaime Xavier Filho; do memorialista convicto Mirabeau

Dias (*Antomarchi*); do especialista em Cultura Popular José Nilton da Silva, e do amigo de infância e cinema, projeccionista Francisco de Assis Gabriel. Além de alguns de meus ex-alunos da UFPB e de outras universidades, exemplo de Joelma Cavalcanti, atriz e sempre assistente de produção nossa; do ator Ricardo Moreira, Marcelo Quixaba e tantos outros, que agora me fogem à memória...

Afinal, essa é uma história a ser contada brevemente em livro, que ora concluo, com enfoques também sobre a nossa Academia Paraibana de Cinema (APC). Obra que resgata as minhas origens, filhos e família, de um modo geral, além do pioneirismo daquele que fez do cinema toda sua vida – o meu saudoso pai. – Mais “Coisas de Cinema”, no blog: www.alexantos.com.br.

Letra
 Lúdica
 Hildeberto
 Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Poética e política

Penso que todo poema é histórico, político e social. Mesmo o poema lírico. Em *Lírica e sociedade*, Adorno nos ensina isto. Circunstâncias extraliterárias, portanto, condicionam a sua fatura, trilhada, sobretudo, em meio ao trato das palavras. No interior da forma poética, materializada a partir dos recursos retóricos disponíveis, substâncias outras, de ordem existencial e mesmo metavocabular se misturam na qualidade de motivos, assuntos, temas, todos regidos, não obstante, pela concepção unitária do princípio estético.

Não se dando assim, isto é, não se configurando um sistema coeso e coerente fundado, em especial, nos vocativos da estesia, numa “formatividade”, para me valer do termo usado por Luigi Pareyson, em *Os problemas da estética*, corre-se o risco de estreitar a palavra na mera expressão panfletária, no simples exercício verbal da indignação, da denúncia e do protesto.

Faço tais reflexões a partir da leitura dos poemas de Vamberto Spinelli Jr., reunidos na coletânea *Piquete soledade* (Arribaça, 2022), seu segundo livro publicado. *Sem lugar* é o título do primeiro, no qual observei, em particular, certo sentido de rebeldia explorado nas solicitações temáticas, assim como na composição dos versos. Forma e fundo, tentando aquele justo e medido equilíbrio responsável pela verbalização artística.

Vejo, a essas alturas, que o percurso se deixa maturar, principalmente porque, neste momento de sua trajetória poética, Vamberto Spinelli Jr., estando mais pressionado pelos fatores contextuais da injustiça social, da tirania política, do surto pandêmico e de outras mazelas que ferem a vida humana, em contraposição, parece se conter mais diante do falso brilho de certas investidas metalúdicas no tecido inconsútil da linguagem. Algum viés construtivista ainda se mantém, agora, no entanto, mais próximo ao calor dos acontecimentos, e mais eficaz no que concerne à elaboração do verso.

O primeiro poema do livro, *Piquete camusiano*, já na sua alusão intertextual e no seu *modus operandi*, versos curtos, substantivos, medulares, define a poética do autor. Uma poética toda feita de cortes, de rupturas, de sínteses, cuja economia condensa, sempre em prisma tenso e ácido, o conteúdo da fala. Mesmo que a meditação metalinguística recorra por todo o tecido linguístico, sobremaneira nos “Piquetes” e nas “Soledades”, nunca se aparta do olhar crítico acerca das contradições da realidade, uma vez que é “o poema seiva / quiçá / insolente fruto (...) só revolta ante / o absurdo”.

Espécie de profissão de fé, este poema canaliza o movimento dos muitos outros que compõem a coletânea. Sempre no tom e na perspectiva que mesclam os giros metalinguísticos aos motivos de ordem política e social. Entendendo-se bem: aqui os ingredientes circunstanciais que habitam o corpo do poema sucumbem necessariamente ao imperativo dos mandamentos estéticos. Exemplos, entre outros: *Acidental*, *Panfleto*, *Às ruas*, *Quando o verdugo desperta*, *Estado de sítio* e *Desgoverno ano III*.

Às vezes, contudo, na ânsia de veicular sentimentos de revolta, o poeta parece perder um pouco o tempo do verso, seu poder de sugestão, sua intrínseca obliquidade no ato de dizer e de falar poeticamente. Vejo este pequeno descompasso num texto que me parece modelar na sua energia semântica e no seu paradigma conceitual. Refiro-me ao poema *Motim*, donde tiraria o segundo, o terceiro e o quarto verso, para assim o escrever: “Escrever poemas, / motim / dentro / do silêncio”.

Tal não ocorre em, no entanto, *Bacurau*, outro parâmetro perfeito em que razão e emoção se unem na corporificação do texto. Ei-lo: “Um animal esguichando sangue arde // outo / animal / arde // de prazer / arde”.

Lau Siqueira, Linaldo Guedes e Bruno Gaudêncio acompanham esta publicação com palavras de reconhecimento e louvor ao jovem poeta paraibano. Palavras merecidas. Vamberto Spinelli Jr. é um poeta que tem o que dizer. Um poeta que sabe lidar com a palavra. Doutor em Sociologia, educador, militante político. Tudo isto integra, de certa maneira, a mensagem de seu discurso poético. Todavia, sem asfixiá-lo nem fazê-lo subserviente ao jogo das ideias nem à pertinência das intenções. Poética e política vivem, aqui, um equilíbrio geométrico.

APC: Integrante debate o patrimônio

Ocupante da cadeira 12 da Academia Paraibana de Cinema, o professor aposentado Mirabeau Dias participou de um debate, quarta-feira passada (dia 22), no Centro de Estudos Jurídicos e Sociais (Cejus), no Bairro dos Estados, em João Pessoa. “Igrejas e outros tesouros do nosso patrimônio histórico” foi tema do debate, que teve a participação do pesquisador do barroco, Augusto Moraes. O acadêmico da APC, Mirabeau Dias, um dos interessados no patrimônio histórico de João Pessoa, apresentou na ocasião uma série de fotografias da capital paraibana, desde o século 20 aos dias de hoje. Memórias que fazem parte do seu acervo privado.



EM cartaz

ESTREIAS

UM FILHO (The Son. Reino Unido, França. Dir: Florian Zeller. Drama. 14 anos). A vida de Peter (Hugh Jackman) vira de cabeça para baixo quando sua ex-esposa Kate (Laura Dern) aparece com seu filho, Nicholas (Zen McGrath). CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 16h45 - 19h30.

JOHN WICK 4: BABA YAGA (John Wick: Chapter 4. EUA. Dir: Chad Stahelski. Ação. 14 anos). Com o preço por sua cabeça cada vez maior, o lendário assassino John Wick (Keanu Reeves) leva sua luta contra a Alta Cúpula enquanto procura os jogadores mais poderosos do submundo. CENTERPLEX MAG 3: 17h30 (dub.) - 21h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 13h45 - 17h15 - 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 15h30 - 19h - 22h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 6: 14h30 (dub.) - 18h (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 13h30 - 17h - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 15h - 18h30 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 15h - 18h30 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 21h30 (exceto seg. e ter.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h - 17h30 - 21h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h40 - 19h; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 16h50 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 2: 15h40 (dub.) - 19h (leg.); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h50 - 20h.

LA SITUACIÓN (Brasil. Dir: Tomás Portella. Comédia. 16 anos). Três amigas (Natalia Lage, Júlia Rabello e Thati Lopes) em busca de uma misteriosa herança na Argentina. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h45 - 16h30 (exceto sáb.) - 18h45 (exceto sáb.); CINE SERCLA TAMBIA 1: 18h40 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 2: 14h40.

CONTINUAÇÃO

ABALEIA (The Whale. EUA. Dir: Darren Aronofsky. Drama. 16 anos). Um professor recluso (Brendan Fraser) que vive com obesidade severa tenta se reconectar com sua distante filha adolescente para uma última chance de redenção. CENTERPLEX MAG 2 (leg.): 16h - 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 8 (leg.): 21h.

CREED 3 (EUA. Dir: Michael B. Jordan. Drama. 12 anos). Adonis Creed (Michael B. Jordan) vem prosperando tanto na carreira quanto na vida familiar. Quando um amigo de infância e ex-prodígio do

boxe, Damian (Jonathan Majors), ressurgir depois de cumprir uma longa sentença na prisão, ele está ansioso para provar que merece sua chance no ringue. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 17h50 (exceto sáb.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 20h45; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 20h45.

GATO DE BOTAS 2: O ÚLTIMO PEDIDO (Puss in Boots: The Last Wish. EUA. Dir: Tom Wheeler. Animação. Livre). O Gato de Botas precisa encontrar a mítica Estrela dos Desejos, capaz de restaurar suas vidas. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 16h; CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 13h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h15 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h30 (dom.); CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h30 (dom.).

HOMEM-FORMIGA E A VESPA: QUANTUMANIA (Ant-Man and The Wasp: Quantumania. EUA. Dir: Peyton Reed. Aventura. Livre). O Homem-Formiga (Paul Rudd) e a Vespa (Evangeline Lilly) lutam contra Kang, o Conquistador (Jonathan Majors), no reino quântico. CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h15; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h15.

PÂNICO 6 (Scream 6. EUA. Dir: Tyler Gillett e Matt Bettinelli-Olpin. Terror. 16 anos). Os sobreviventes do massacre realizado pelo Ghostface, decidem deixar Woodboro para trás em busca de um novo começo em Nova York. Mas eles se tornaram alvo de um novo serial killer. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 19h; CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 20h50; CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (leg.): 20h40; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (dub.): 15h15 - 18h15 - 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 13h30 - 16h15 - 19h - 21h45; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 15h20 - 17h50 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h20 - 17h50 - 20h15.

SHAZAM! FÚRIA DOS DEUSES (Shazam! Fury of the Gods. EUA. Dir: David F. Sandberg. Aventura. Livre). Deuses antigos chegam à Terra em busca de vingança. Shazam (Zachary Levi) e seus aliados são lançados em uma batalha por seus superpoderes, suas vidas e o destino do mundo. CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 16h15 - 21h30; CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 18h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 14h45 - 17h30 - 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h - 22h10; CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h15 (exceto seg.) - 17h (exceto sáb. e seg.) - 20h (exceto seg.);

CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 15h45 (exceto seg. e ter.) - 18h45 (exceto seg. e ter.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h30 (sáb.); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h30 (sáb.).

65 – AMEAÇA PRÉ-HISTÓRICA (65. EUA. Dir: Scott Beck e Bryan Woods. Ficção científica. 12 anos). Após um catastrófico acidente, o piloto Mills (Adam Driver) rapidamente descobre que ele está preso na Terra... 65 milhões de anos atrás. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 15h40 (exceto sáb.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h25; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h25.

CINE BANGUÊ (JP) - MARÇO

MATO SECO EM CHAMAS (Brasil. Dir: Joana Pimenta e Adirley Queirós. Documentário. 14 anos). A história das Gasolinhas de Kêbradas, tal como ecoa pelas paredes da Colméia, a Prisão Feminina de Brasília (DF). CINE BANGUÊ: 26/3 - 18h; 28/3 - 19h30.

MI IUBITA, MEU AMOR (Mi Iubita, Mon Amour. França. Dir: Noémie Merlant. Drama. 14 anos). Jeanne vai comemorar sua despedida de solteira na Romênia. Lá, ela conhece Nino, sendo o início de um verão apaixonado e atemporal. CINE BANGUÊ: 28/3 - 17h30; 30/3 - 20h30.

MEDUSA (Brasil. Dir: Anita Rocha da Silveira. Terror. 14 anos). Uma gangue de mulheres fazem o melhor que podem para controlar tudo ao seu redor (até mesmo outras mulheres) para resistir à tentação. CINE BANGUÊ: 27/3 - 20h30; 30/3 - 18h30.

PERLIMPS (Brasil. Dir: Alê Abreu. Animação. Livre). A jornada de aventura de Cláe e Bruô, agentes secretos de reinos rivais. CINE BANGUÊ: 26/3 - 16h.

REGRA 34 (Brasil. Dir: Júlia Murat. Drama. 18 anos). Uma jovem defensora pública auxilia mulheres em casos de abuso. No entanto, seus próprios interesses sexuais a levam a um mundo de violência e erotismo. CINE BANGUÊ: 29/3 - 20h30.

SHORTBUS (EUA. Dir: John Cameron Mitchell. Drama. 18 anos). Jovens de Nova York se desafiavam emocionalmente pelas interseções cômicas e trágicas entre amor e sexo. CINE BANGUÊ: 27/3 - 18h30.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira [Box] [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

SHOW

Chico César e Geraldo Azevedo em JP

Hoje, na capital paraibana, dueto nordestino da turnê 'Violivoz' será apresentado no Teatro A Pedra do Reino

Da Redação

Em janeiro do ano passado, o encontro entre o paraibano Chico César e o pernambucano Geraldo Azevedo se fez em João Pessoa, na apresentação do show *Violivoz*. Hoje, no mesmo Teatro A Pedra do Reino da apresentação de outrora, a partir das 19h, os artistas repetem a parceria. "Nós víamos que nossos violões conversavam, que as nossas vozes conversavam, assim como os nossos versos, as nossas melodias", contou Chico César. As entradas custam R\$ 212 (inteira), R\$ 106 (meia) e R\$ 174 (social, mediante 1kg de alimento não perecível), que podem ser adquiridas através do site Ingresso Digital (www.ingressodigital.com), com taxas administrativas.

Na apresentação, além dos artistas consagrados da MPB, outro elemento essencial ao longo do show será o violão. Com arranjos de músicas de sucesso de seu repertório, Chico César realiza experimentações com um violão de 12 cordas, inspirado na viola de 10 cordas de seus conterrâneos Pedro Osmar e Zé Ramalho. Saindo do lugar comum dos espetáculos acústicos, ele constrói um show enérgico. "Eu nem imaginava que ele fosse esse músico tão grandioso como ele é", disse Geraldo Azevedo. "*Violivoz* determina um pouco o momento da minha vida porque tocar com Chico tem sido uma experiência maravilhosa e surpreendente".

O show é dominado por canções que atravessaram mais de 50 anos e foram renovadas em seus arranjos para a turnê que está em cartaz pelo país desde outubro de 2021. "Nada está serenado no *Violivoz*. Nem a experimentação, nem o aspecto mais político das minhas canções. Inclu-

Desde o final de 2021, o paraibano Chico (E) e o pernambucano Geraldo (D) fazem um show cujo protagonista, além do repertório de sucessos, é o violão



Foto: Marcos Hermes/Divulgação

sive porque não haveria motivo. Geraldo Azevedo é um mestre e uma referência no sentido de ser um artista que faz canções e toca um violão excepcional, e também está aberto a experimentações", afirma Chico César sobre a turnê.

No show, as canções com manifestos políticos mais claros estão representadas, por exemplo, por 'Pedrada', 'Pra não dizer que não falei de flores (Caminhando)' e 'Reis do agronegócio', além de novos arranjos para 'Bicho de Sete Cabeças' e 'Paula e Bebeto'. "Está tudo aí, até porque não há motivo para que não esteja", complementa o cantor e compositor paraibano.

Violivoz dá ao público uma oportunidade única de presenciar dois artistas se desafiando na música. "A relação com Chico César está abrindo espaço para criar novas canções porque são inspiradas também pelas canções dele, e vice-versa. E estamos sonhando em fazer essa caravana de Catolé do Rocha até Petrolina. Eu amo tocar, adoro fazer o que eu faço enquanto estiver com essa vibração que estou - e espero que ela dure muito tempo", finaliza Geraldo Azevedo.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial do Ingresso Digital

CAPACITAÇÃO

Festival de Dança promove formação em João Pessoa

Da Redação

Criada em 2005, a Jornada de Dança da Bahia é um encontro focado na relação entre dança e educação, realizado pela Escola Contemporânea de Dança, sob a coordenação da dançarina Fatima Suarez. Sua programação agrega o Fórum de Educadores de Dança, ação continuada voltada à reflexão sobre o ensino da dança na Bahia e no Brasil, e a Formação Itinerante de Professores de Dança, que ao longo de 13 anos capacitou mais de 1.600 jovens profissionais e educadores.

Nesta segunda (dia 27) e terça-feira (28), acontece gra-

tuitamente na capital paraibana a primeira ação em 2023 da 13ª edição da Jornada de Dança da Bahia. O evento que busca estabelecer conexões inventivas entre artista, professor, aluno e públicos, acontecerá a partir das 19h, no Teatro Ednaldo do Egyppto, com o espetáculo *A Arte de Isadora Duncan*.

Uma das marcas da iniciativa está em sua inspiração nos ideais e na filosofia de dança de Isadora Duncan (1877-1927). Esse traço se expressa ainda mais claramente na temática do evento para esta edição: "Movimento é vida", uma frase da chamada mãe da dança moderna.

O espetáculo *A Arte de Isadora Duncan* é um resumo dos trabalhos criados entre 1900 e 1927 pela dançarina norte-americana, considerada a precursora da dança livre que rompeu com os padrões do balé clássico e devolveu a dança a seu valor como arte sagrada e popular.

Além da montagem, a jornada traz para João Pessoa a Formação Itinerante de Professores de Dança (ano 14). A Formação já aconteceu em mais de 30 localidades em todo o Brasil, incluindo o interior da Bahia, Aracajú, Brasília, Campinas, Goiânia, Rio de Janeiro, Uberlândia, Manaus,

Belém, Recife e Natal, além de realizar oito Fóruns de Educadores de Dança dentro da programação da Jornada de Dança da Bahia, envolvendo mais de duas mil alunos/educadores e criando uma rede de comunicação e troca de saberes.

A formação tem o objetivo de capacitar profissionais e professores para o ensino da dança e fomentar o exercício de uma prática docente reflexiva e criativa. Aulas baseadas na filosofia e técnica de Isadora Duncan, ministradas por Fatima Suarez e membros do Contemporânea Ensemble.

O número máximo de vagas por encontro é de 30 par-

ticipantes. As inscrições são gratuitas e a seleção será feita a partir dos currículos. Para mais informações, basta mandar um e-mail para jornadadedanca@gmail.com.

Fatima Suarez é diretora do Mantra Centro de Dança e graduada em dança pela Universidade da Bahia Federal. Concluiu seus estudos em dança clássica na Escola de Ballet do Teatro Castro Alves, em 1984. Ela também estudou Balé em São Paulo com Ismael Guiser, no Rio de Janeiro, com Eugenia Feodorova, e Tatiana Leskova, em Londres, com Maryon Lane e Alan Herdmann, e na Bahia, com Carlos Moraes e Antônio Carlos Cardoso. Entre

1985 e 86, ela especializou-se em dança moderna e coreografia na London Contemporary Dance School e no Laban Center of Movement, na Inglaterra.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Jornada de Dança da Bahia

Foto: Ives Padilha/Divulgação



Foto: Cristiano Barbosa/Divulgação



Foto: Ives Padilha/Divulgação



Alguns registros da Formação Itinerante de Professores de Dança no evento, que, ao longo de 13 anos de existência, capacitou mais de 1.600 jovens profissionais e educadores por todo o país

GOLPE DE 1964

Após 59 anos, um resgate histórico dos erros e mortes

Ação militar derrubou João Goulart e culminou com 14 assassinatos na PB

Petronio Torres
pettroniotorres@yahoo.com.br

Um das datas mais emblemáticas da história do Brasil, desde a sua ‘descoberta’ pelos portugueses no ano de 1500, foi o golpe de 1964. Aquele ano que, através de uma ação militar, desencadeou e gerou, por tabela, uma série de fatos que marcaram de forma negativa a vida de milhares de brasileiros e brasileiras em vários estados do país, inclusive, na Paraíba, onde se registrou grande resistência, que culminou com 14 assassinatos e 125 torturas. Na próxima sexta-feira, dia 31, a data completa 59 anos marcada por fatos carimbados com sangue inocente. A União rememora os fatos e traz um recorte da nossa História que nunca será apagado. Pelo contrário, que ele seja sempre lembrado, como agora, para que sirva de lição, para aqueles que não viveram os tempos de chumbo, e de ensinamento, para que nunca mais se repita. Aliás, na gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) entre 2019 a 2022, ele flertou e ordenou aos comandantes de quartéis militares da República brasileira que se comemorasse o dia do Golpe Militar no Brasil.

Na Paraíba, quando se completou 53 anos do Golpe, em 2017, o Governo do Estado apresentou um relatório produzido por um grupo de estudiosos denominado de Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba. O documento relata, em suas conclusões finais, após quatro anos de trabalhos de investigação, os crimes de violação dos direitos humanos praticados por agentes públicos contra paraibanos durante o período da Ditadura Militar.

Durante os quatro anos de pesquisa, a Comissão Estadual da Verdade colheu 69 depoimentos. Através deles, foram identificadas que 14 pessoas morreram ou desapareceram na Paraíba durante a Ditadura Militar. Além dessas, pelo menos 125 pessoas denunciaram que foram torturadas, na Paraíba ou em outros estados.

O Relatório da Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba é apenas um resumo da documentação e entrevistas que fizemos com as vítimas de violações dos direitos humanos durante a ditadura militar que se instalou em abril de 1964. Tem muitos documentos, vídeos e áudios para ser estudados por pessoas interessadas nesse período.

Noutro momento, dois professores que foram barbaramente torturados quando eram estudantes da Universidade Federal da Paraíba, marcaram conosco uma audiência pública e, no dia, não apareceram, fugiram de casa para fugir da dor trazidas pelas lembranças. Tivemos que ter uma conversa reservada com eles quando, mesmo assim, paravam a entrevista gritando e chorando pelo trauma da tortura.

Houve uma senhora, filha de um desaparecido político, que chorou quando falou que foi assediada por um gerente de uma loja que ameaçou demiti-la devido ser filha de uma pessoa procurada pela ditadura. Na época, para conseguir um emprego, a lei ditatorial exigia que as lojas pedissem da pretendente ao emprego uma declaração do Dops em que dizia um nada consta. E ela não podia perder o emprego porque o dinheiro sustentava sua mãe e seus irmãos.

Os membros da Comissão Estadual da Verdade e da Preservação da Memória do Estado da Paraíba se dedicaram, por longos quatro anos, em ler relatórios secretos e confidenciais, ouvir testemunhos públicos ou reservado, procurar documentos oficiais que circularam entre 1964 a 1985, nos órgãos governamentais. “Louvo a dedicação que todos os membros tiveram em lidar com algo tão sensível, que ficou marcado também na gente”.



Comissão da Verdade fez levantamentos e reescreveu fatos do golpe na Paraíba

Prisões no Estado começaram logo após o golpe em quartéis

Logo após o golpe militar começaram as prisões na Paraíba e em todo o território nacional. Na primeira semana após o golpe, já se contabilizava a prisão de 172 agricultores ligados às Ligas Camponesas. Foram detidos no 15º Regimento de Infantaria e 1º Grupamento de Engenharia.

Os destacados líderes camponeses Pedro Inácio de Araújo (Pedro Fazendeiro) e João Alfredo Dias (Nego Fuba) foram soltos para, em seguida, serem assassinados. Seus corpos nunca foram encontrados. São os primeiros desaparecidos políticos do regime militar. Eles pertenciam à Liga Camponesa de Sapé, que já tivera seu grande líder e fundador, João Pedro Teixeira, assassinado em 2 de abril de 1962 a mando dos latifundiários da região.

A Paraíba esteve presente na resistência à ditadura, em vários segmentos da nossa sociedade

com nomes importantes na nossa história como Geraldo Vandré, Paulo Pontes e Gilvan de Brito, entre tantos outros. Também tivemos resistência na luta política, tendo vários filhos presos, torturados, exilados, mortos. A título de exemplo, podemos citar o geólogo Ezequias Bezerra da Rocha (PCBR), assassinado nos porões do DOI-Codi (PE), em 1972, cujo corpo foi lançado nos canaviais de Escada e encontrado por acaso. A morte sob tortura foi confirmada por laudo do IML.

Outro caso emblemático é o do estudante João Roberto Borges de Souza, natural de Cabedelo (PB). Ele presidiu o Diretório Acadêmico de Medicina da UFPB e foi vice-presidente da União Estadual dos Estudantes da Paraíba. Militava na Ação Popular (AP), quando de sua primeira prisão, em 1968, no Congresso da UNE, em Ibiúna (SP), e, posteriormen-

te, ligou-se ao PCB. Na terceira prisão, em Recife, permaneceu no Dops por três meses, no primeiro semestre de 1969, sendo torturado, mas foi liberado. Voltando para sua cidade natal, foi preso novamente ao sair de casa por integrantes do CCC e do Cenimar, às vistas de familiares e vizinhos. Três dias depois, em 10 de outubro de 1969, foi noticiada a sua morte, segundo a versão oficial, “em consequência de afogamento no Açude Olho D’Água”, no Município de Catolé do Rocha, Ser-tão da Paraíba. Seu rosto estava desfigurado por inúmeros ferimentos – hematomas, queimaduras por cigarros e unhas perfuradas.

Hoje, João Roberto dá nome ao Centro de Atenção à Saúde do Estudante, na UFPB, ao auditório da reitora da UFCG (antigo campus II da UFPB) e a uma escola pública no maior bairro da capital paraibana.

O que ensinam os livros de História sobre o movimento

O golpe de Estado no Brasil em 1964 foi a deposição do presidente brasileiro João Goulart, pondo fim à Quarta República (1946-1964) e iniciando a ditadura militar brasileira (1964-1985).

Em seu lugar assumiu o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli, até a eleição pelo Congresso do general Humberto de Alencar Castelo Branco.

Jango, como Goulart era conhecido, assumiu o poder após a renúncia do presidente Jânio Quadros em 1961. Em seu governo a crise econômica e os conflitos sociais aprofundaram-se.

As relações com os Estados Unidos deterioraram e o governo americano aliou-se às forças oposicionistas e seus esforços, apoiando o golpe. Goulart perdeu o apoio do centro, não conseguiu aprovar as reformas no Congresso e no estágio final de seu governo contou com a pressão dos movimentos reformistas para superar a resistência do Legislativo, levando ao ápice da crise política em março de 1964.

Em 31 de março a rebelião eclodiu em Minas Gerais, conduzida juntamente por militares e alguns governadores. Os legalistas inicialmente

estavam em superioridade, mas com a ocorrência de adesões em massa, a situação militar do presidente deteriorou. Os golpistas controlavam a maioria do país ao final de 1º de abril, e o Rio Grande do Sul no dia 2. O Congresso declarou vago seu cargo enquanto ele ainda estava em território nacional, na madrugada do dia 2. Movimentações para defender seu mandato, como a convocação à greve geral, foram insuficientes. Enquanto uma parte da sociedade saudava a autodenominada “revolução”, outra foi alvo de forte repressão.

Toca do Leão

Fábio Mozart

mozartpe@gmail.com | Colaborador

Solidão do celular

Meu smartphone quebrou, atendendo a um desejo secreto deste velho cidadão analógico, remanescente da arcaica era dos sinais elétricos contínuos. Um cidadão inadaptado para a vivência na realidade dos sinais digitais, secretamente hostil aos valores traduzidos por código binário. O fato é que meu celular entrou em desarranjo. O elemento sem o apoio da linguagem da máquina, desprovido de celular, é um zumbi sem alma do código binário. Dependência digital tem até nome: nomofobia. Virou a cachaça moderna, a droga que causa estranha dependência. Sem estar conectado ao celular, o elemento apresenta sinais de delírio, isolamento e insânia. Inclui insônia. A tecnologia arrastou a criatura moderna para a compulsão de um bêbado, um “noia” eletrônico obcecado pela dependência digital.

No meu caso, este humilde, raro e maravilhoso homem do século vinte, voltei à cadernetinha de endereços e contatos, enquanto rondava pelas lojinhas de técnicos de celular à procura de uma peça raríssima para meu aparelho ainda mais insólito. Trata-se de uma geringonça criada por uma empresa indiana, muito simples e vagabundo, mas barato. E o que é barato neste mundo da exploração globalizada não se cria. Enfim, ninguém capaz de salvar meu telefone móvel. Sem condições de me manter conectado no vazio da internet móvel, voltei à leitura de livros físicos, hábito que já estava fora da rotina. O problema do celular seguia aberto e quase insolúvel. Comprar um novo estava fora do orçamento. É assombroso, mas eu tenho outras prioridades de consumo. Milho moído, por exemplo. O famoso fubá. Sou do estranho tipo que prefere comer cuscuta a usar o celular. Conscientemente ou não, andei perambulando pelas ruas do centro à procura de um orelhão que casasse com minha cadernetinha de anotações de telefones, contatos antigos não mais permitidos pela nova narrativa da comunicação humana. Deu-me angústia de ter sido uma pessoa do tempo dos orelhões e até do telefone de veio. Não confundir com “telefone de velho”. Sim, eu fui operador em uma central telefônica na estrada de ferro, cujos sinais elétricos eram gerados por uma manivela.

Caiu-me à mão o livro “Alta fidelidade”, do inglês Nick Hornby. Nele pesquisei a citação: “Não tenho amigos, e sim pessoas cujos números de telefones eu não perdi”. De modo que quando consegui comprar um celular de segunda mão, transferido o chip, apagaram-se todos os contatos. Relacionamento via eletrônica continuava zero. Vi-me um sujeito sem amigos. Não se salvou nenhum. Onde andas, camarada? Eu te mandei o sinal e não recebeste. Que sinal? O da minha ausência. Fiquei quase uma semana sem ligar e você não notou meu eclipse eletrônico. E você, minha amiga de tão longas e analógicas datas, por que não veio me ver, saber se estou vivo? Que foi que nos aconteceu? Desaprendemos a nos visitar?

Não rola mais segredos de liquidificador, sentença poética de Cazuzza. Hoje em dia a gente pode escutar os segredos das pessoas, ditas no celular. Tem um aplicativo chamado Ear Spy que permite ouvir conversas ao redor, utilizando os fones de ouvido de dispositivos iOS e Android. Grava-se conversa de presidente da República, ouve-se segredos de alcova e outras desgraças deste mundo da comunicação total e calamitosa. Eu com minhas duas cabeças, uma cabeça analógica e outra digital, vou seguindo meu caminho, desamparado pelas novas e excludentes tecnologias, agarrado como velho naufrago aos cacos das interlocuções obsoletas.

Enfim, comecei a receber ligações dos contatos no celular. À medida que chegam as chamadas, salva-se automaticamente o número. Revitalizou-se minha caixa de contatos. Entre alianças e parcerias, companheirismos e vínculos antigos, aquela conexão afetiva e única que começou nos anos setenta com um bilhetezinho “gamado”, como se dizia na época. Enfim, a troca de celular filtrou as amizades. Restaurada, a caixa de contatos ficou com apenas dez por cento dos números anteriores. Só que a tecnologia moderna não sanou aquele velho problema das linhas cruzadas. Ao ligar para um número, uma terceira pessoa diferente atende. Linha cruzada. Liguei para a sessão de “retidão cívica”, atendeu o mestre da velhacaria Valdemar Costa Neto. Ao chamar o número da “tolerância e compaixão cristã”, respondeu o pastor Silas Malafaia. Deve ser algum problema de configuração do celular.

Colunista colaborador

Gilvan de Brito

Da estreia com o microfone desligado às coberturas e o columnismo político

Ser jornalista foi ideia fixa, a partir da influência dos pais, que liam jornal diariamente, até a descoberta dos livros ao passar a frequentar a biblioteca pública e desenvolver o hábito da leitura quase como uma obsessão

Luiz Carlos Sousa
lulajp@gmail.com

O jornalista Gilvan de Brito começou na profissão como repórter de pista na Rádio Tabajara. Tinha ideia fixa e pediu ao amigo Marciano Soares uma chance. Chegou **A União** já com alguma experiência. Trabalhava na chefia de Reportagem quando o jornal deu uma manchete dizendo que o presidente da República seria Orlando Geisel, quando na verdade, seria Ernesto Geisel. Nessa conversa para o Memórias **A União** ele conta detalhes do episódio e revela desencontros com o ex-governador Ernani Sátiro por causa de colunas políticas e de grandes coberturas que fez como a do afundamento, nos anos 70, de um barco na Lagoa, em João Pessoa, nas comemorações da Semana da Pátria, causando a morte de 35 pessoas.

Entrevista

■ *Vou fazer a você a mesma pergunta que eu fiz a todos os entrevistados até agora: como começou a sua relação, com A União?*

Foi como colaborador. Eu trabalhava no Departamento de Esporte da Rádio Tabajara e pensei em escrever. Comecei a fazer os comentários, fui ao editor e pedi para publicar. Ele disse: eu vou ficar publicando seus comentários. Faz mais de 50 anos.

■ *A sua primeira experiência com jornalismo foi no rádio?*

Era um sonho antigo. Quando eu era criança, via o meu avô comprar o jornal e minha mãe lia o jornal, os dois comentavam. E eu ficava pensando como era interessante o jornal. As pessoas leem, comentam e o jornal forma opinião.

■ *Você trabalhava em outra atividade?*

Antes disso fui muita coisa. Eu fui auxiliar de mecânico, trabalhei como balconista, trabalhei no Banco Industrial. Quando estava lá, Marciano Soares, que era meu amigo, assumiu a direção do Departamento de Esportes da Tabajara. Foi lá e disse: Marciano quero trabalhar na rádio. Ele perguntou: “Você acha que dá certo?” Não sei, vou tentar. E continuou: “Domingo vá lá, que você vai ler a relação dos jogadores do Botafogo que vão atuar”. Cheguei no domingo, me apresentou àquele pessoal todo: Marcos Aurélio, Geraldo Cavalcanti, Erialdo Pereira.

■ *Sem nenhuma experiência anterior?*

Eu fui para ler a escadaria do Botafogo. Os dois pistas que iam trabalhar na rádio nesse dia eram Erialdo Pereira e Manoel Batista. Manoel Batista era do curso de arbitragem, estava treinando para ser juiz. E o juiz que ia apitar o jogo faltou. Quem é que vai apitar? Bota Manoel Batista. Re-

sultado: tira Manoel da pista da Rádio Tabajara e bota para apitar o jogo.

■ *E Gilvan vai para a pista?*

Marciano: bota Gilvan para fazer o pista. Como é que eu faço? “Você conta tudo que ver lá”, disse Marciano. Está certo. No primeiro lance eu falei, falei, falei. E todo mundo agitado. Resultado: mandaram eu ligar o microfone. Eu estava falando de graça. Foi minha estreia, mas foi boa, porque deu certo depois. Não perdi mais nunca. Ao contrário, recebi o apelido interessante que era Gilvan de Brito “o repórter camisa dez”. Camisa dez a camisa do Pelé.

■ *E daí para vir para A União foi um salto?*

Não para **A União**. Eu fiquei como colaborador do esporte. Depois eu fui para o Correio, não foi diretamente para **A União**. Depois eu fui para rádiojornalismo da Tabajara também e para a Correio.

■ *Você começou no jornal, também no Correio?*

No rádiojornalismo. Mas no jornalismo, tem outra história interessante que aconteceu, também um acaso. Fui chamado para ser o repórter e fui lá. Me deram duas pautas. Escrevi, entreguei a Carlos Roberto. Ele nem viu e chamou Frank Ribeiro e mandou copidescar. Ele disse que não tinha o que copidescar, que eu escrevia melhor do que muito redator. Carlos Roberto olhou para mim e disse: “A partir de amanhã você vai ser redator.

■ *Como foi o começo no Correio?*

Tinha o programa Cidade Aberta ao meio-dia, programa que me levou muitas vezes à Polícia Federal e ao Grupamento de Engenharia, durante a ditadura, porque eu tinha mania de criticar.

■ *Você deve ter testemunhado muitos fatos, já que você trabalhou nesse período da ditadura, inclusive aquele episódio que repercutiu nacionalmente, no dia em que A União anunciou que o presidente seria Orlando, quando na verdade era Ernesto. Você já estava aqui?*

Eu tinha saído do Correio. Noaldo Dantas me chamou para ser chefe de reportagem de **A União**, me mandou para o Jornal do Brasil para fazer um estágio. Era Juvenal Portela, o chefe de reportagem do Jornal do Brasil. Ai começamos a conversar. Ai quando eu disse que dava até 30 notícias por dia no Correio da Paraíba – política era a minha área – ele disse: “Não, eu é que vou ter que aprender com você”.

■ *E o caso Ernesto Geisel?*

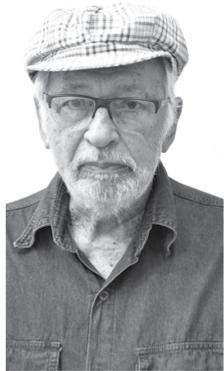
Eu já estava em **A União** nessa época, era o chefe de reportagem, como falei. Então, havia dois nomes para presidente, que naquela época, não tinha eleição. A eleição era feita no Congresso.

■ *O famoso colégio eleitoral?*

O colégio eleitoral, que a ditadura tinha a maioria. Então eles indicavam o nome e os deputados diziam que não era para votar contra e votava tudo a favor. Resultado: Ernesto Geisel e Orlando Geisel eram candidatos.

■ *Inclusive irmãos...*

Irmãos, Orlando era da guarnição de Manaus, no Norte era o comandante. E Ernesto dirigia a Petrobrás. Resultado ficou assim 15 dias. Sai, sai, não sai. E, então, **A União** a gente ficava naquela expectativa. Marconi Cabral era o editor e disse vamos fazer o seguinte: vou fazer um comentário sobre Ernesto e outro



No afundamento do barco da Lagoa, Gilvan estava com os filhos no local vendo a exposição militar



Fotos: Edson Matos

Gilvan revela que toda a cúpula de A União foi demitida com a troca dos nomes dos presidentes escolhidos na ditadura

sobre o Orlando e vou deixar um jornalista de plantão. Ai anunciaram Ernesto Geisel e o cara botou Orlando Geisel.

■ *O cara, no caso, era o chefe da oficina, quem era?*

Não, era um jornalista que ele deixou de plantão, um repórter só para esse trabalho. Ai deu a matéria de Orlando quando era Ernesto Geisel o escolhido. Ernani Sátiro estava em Brasília quando **A União** saiu e repercutiu em todo o país e em Brasília, principalmente, começaram a gozar com Ernani, que ficou fulo da vida e veio para a Paraíba. Ernani era cria da ditadura indicado governador, pela ditadura. Quando chegou à Paraíba, reuniu o pessoal de **A União**, da diretoria e punir aqueles que merecessem, para dar uma satisfação à ditadura.

■ *E o resultado?*

Noaldo Dantas era o secretário de Comunicação, demitido. Luiz Augusto Crispim, diretor de **A União**, demitido. Marconi Cabral era o editor, demitido. Eu era o chefe de reportagem, só trabalhava de manhã. E Carlos Aranha era o chefe da redação. Nós dois escapamos.

■ *Você foi jornalista da União, foi jornalista político?*

Em primeira mão, era a coluna. Foi em 70, 71 quando eu entrei em **A União**, nomeado por Ernani Sátiro.

■ *A imprensa teve alguns problemas com Ernani Sátiro. Você teve algum?*

Teve um episódio. Eu estava lá na Assembleia, era credencia-

do e estava pegando matéria para **A União** e Bartolomeu Fonseca ligou e disse: “Olha, o governador está fumando aqui e quer falar com você urgentemente. O foi que você escreveu contra ele?” perguntou. Nada, escrevi a minha coluna “Em primeira mão”. Ele disse: “Pois venha aqui agora, que ele subiu com três secretários para uma reunião com você. Eu corri para lá. Cheguei, o jornal aberto na minha coluna. “Amigo velho sente aí”, ordenou. Começou a passar a mão em cima da página: “Você acabou de fazer a pior coisa que fizeram no meu governo até hoje. Você elogiou um inimigo político e pessoal meu. O senhor tem a palavra para se defender”. Ai eu disse governador, não era essa minha intenção, porque eu fiz uma matéria que não tem agressão nem agravo contra o senhor nem ao seu governo. Disse ele, “pensando bem, a primeira vez que eu li esse comentário, já falando com o secretário, eu não achei nada demais. Ai chega o doutor Evaldo Gonçalves” – que estava lá – “Governador o senhor viu o que o seu comentarista disse no seu jornal? Botou uma matéria com Rui Gouveia”. O governador continuou: “Depois chegou o doutor Chico Pereira”. Ai ele ficou com aquela dúvida. Governador é o seguinte: não tive intenção de magoá-lo nem o seu governo. Ele ficou parado. Otinaldo disse: a partir da manhã, amanhã Gilvan não escreve mais a coluna “Em Primeira mão”. O governador replicou: “Não, não é assim, para aquele Rui Gouveia dizer que foi por causa dele? Vamos dar cinco dias, depois você resolve”. Eu fui que no dia seguinte deixei **A União** e

voltei para o Correio da Paraíba.

■ *Mas a sua relação com Ernani Sátiro era boa?*

Até essa data era boa e também não ficou ruim não. Já no fim do Governo, ele criou a Arena Jovem, que ia fazer campanha em favor da ditadura. Fiz um comentário – a essa altura estava escrevendo uma coluna no Correio da Paraíba “Diário da Política”, criada por Soares Madrugá. Eu escrevi uma coluna dizendo que Ernani Sátiro estava querendo reativar a Juventude Hitlerista da Alemanha ao convocar os jovens da Paraíba para defender a ditadura. No dia seguinte, Manoel Gaudêncio, que era o secretário da Casa Civil disse: “Cuidado com Ernani Sátiro ele está “fumando” com você, de novo, por causa do comentário. Na hora do almoço, um ao lado do outro, ele olhava para mim assim.

■ *Você disse que trabalhou umas dez vezes no Correio, umas cinco vezes na União, mas você também trabalhou em O Momento, foi editor-geral, e você também migrou para Brasília?*

Passei um bom tempo em Brasília, trabalhei lá na Câmara de Deputados como assessor parlamentar e depois trabalhei no Ministério da Indústria e Comércio, como coordenador de serviço, serviços, que era o terceiro segmento da economia. Depois fui indicado para coordenador-geral. Fiquei 12 anos fora da Paraíba para poder

■ *Mas me lembrei aqui agora que eu tinha feito uma pergunta antes, que foi a história da lagoa. Onde é que você estava nesse episódio?*

Na Lagoa, estava na hora!

■ *Mas estava cobrindo, estava passando, estava passando?*

Eu estava em casa, vindo da praia com os meninos e a mulher. Estava dormindo quando a mulher me acordou dizendo querer ir para Lagoa – a televisão está dando, que é uma exposição e tinha um barco de recreio. Ela disse: Os meninos estão querendo ir para a Lagoa.

■ *Você morava onde?*

Na Torre, pertinho. Fui, parei na Lagoa, atrás do Cassino. Fui com os meninos mostrar os tanques. E de repente, todo mundo correndo. Fui ver o que tinha ali: era a última volta do barco. Os meninos queriam ir, eu não deixei, negócio de ditadura, não vai. E mesmo que quisesse, era tanta gente, que não dava para chegar nem perto. O barco cabia 80 pessoas, botaram 200 pessoas e o comandante, um militar também, um sargento ficou em dúvida se dava ou não partida. Resolveu finalmente partir com aquele número de pessoas. Saiu, mesmo espremido, perto de preencher o espaço da água com a madeira. Quando saiu, na parte que dá para a Getúlio Vargas, notei que o barco estava afundando.

■ *Você percebeu isso?*

Está afundando. Os pais começaram a subir as crianças de lá, porque ele já estava afundando devagarzinho. Eu disse vou para a Rádio Tabajara, que era atrás do Tribunal de Justiça. O estúdio era no segundo andar. Subi pulando de três em três degraus. Quando cheguei lá, estava Geraldo Cavalcante, sentado ouvindo a transmissão que o rádio estava fazendo de Campina Grande, Campinense e CSA de Alagoas. Entrei na cabine e ele abriu o som. Ele sabia que eu tinha sido da equipe de Esportes e que eu ali, naquela hora, deveria ser coisa muito importante. Ele abriu o microfone e eu adverti os bombeiros para correr imediatamente para Lagoa, para salvar vidas, porque o barco de recreio lá estava superlotado e estava afundando, que eles pegassem tudo que era de boia e barco e levassem para lá. Fiquei contando a Geraldo, depois peguei meu carro e fui para lá, os bombeiros já tinham chegado. Tiraram umas 80, 100 pessoas e 35 morreram. Vinte e oito crianças e sete adultos afogados, inclusive o comandante da barca. Comecei a pegar matéria e fiz duas páginas. Acompanhei enquanto deu. À noite, fui para casa, deixei as crianças, voltei e fiquei até as nove, dez horas, mas eu não tinha o que fazer, não dava para procurar no escuro.

■ *Você foi jornalista esportivo, foi repórter político e jornalista político. E você tem toda uma produção literária. Você foi roteirista, você foi cineasta, dramaturgo com várias peças. Hoje mes-*

■ *E o dia seguinte?*

No dia seguinte eu cheguei logo cedo na Lagoa. Os bombeiros já estavam lá, mergulhando e de vez em quando taziavam uma criança. Depois disso, no outro dia o sepultamento para cobrir.

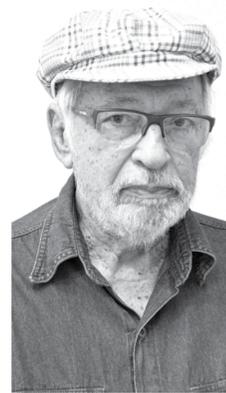
■ *Que outros episódios você destaca? Você testemunhou a transferência de A União do prédio antigo, onde hoje é a Assembleia para o Distrito?*

Eu estava no Correio nessa época, mas fiz a reportagem do novo prédio de **A União**. Já estava concluído, as máquinas estavam chegando e seria um jornal de primeira qualidade, o equipamento era moderníssimos, não havia igual em jornal. O Jornal **A União** em offset. Depois disso ainda trabalhei n’A União.

■ *Você, além dessa cobertura do episódio da Lagoa, além do fato da barragem de Orlando e Ernesto, que outros fatos você destacaria aí nessa desse seu período em A União?*

Eu destaco a reportagem, a equipe de reportagem que eu montei quando eu vim do Rio e Noaldo me nomeou chefe de reportagem. Eu procurei fazer a melhor equipe de jornal da época. Ai convoquei Kátia de França, Anco Márcio, Carlos César, Carmelo Reinaldo e outros que não lembro mais. Dávamos todo dia a melhor cobertura do Estado. A gente, supria com as informações da cidade, coisa que interessava, porque todo mundo quer saber o que é que é importante para a sociedade.

■ *Você foi jornalista esportivo, foi repórter político e jornalista político. E você tem toda uma produção literária. Você foi roteirista, você foi cineasta, dramaturgo com várias peças. Hoje mes-*



Gilvan relata que diretora da Biblioteca Pública pediu para que ele, mecânico, lavasse as mãos

■ *Do alto dos seus 82 anos prestes a serem completados, você ainda trabalha?*

Trabalho dez horas por dia no computador, fazendo livro. Essa disposição vai me levar até o fim. Eu só paro quando arriar em cima do computador pelo prazer que eu sinto de escrever. Tenho 150 livros. Essa pandemia pode ter desagrado muita gente, mas eu atravessei muito bem, porque passei o tempo todo escrevendo e só ouvindo notícia.

■ *Como foi que você conseguiu conciliar a atividade de um repórter entre duas paixões, política e futebol e, de repente, migrou para arte?*

E o seguinte: eu escrevia 400 linhas por dia na coluna política e no sábado e domingo eu ficava parado mundo, só deitado, de barriga pra cima, não resolveria o meu problema. Eu queria produzir, eu queria fazer alguma coisa. Comecei a escrever peça de teatro, fiz algumas. A primeira delas ganhou um prêmio nacional e passei a outros trabalhos de literatura também, ensaios, biografias, dramaturgia. Fiz até hoje 28 peças, muitas premiadas. Na semana era para o jornal, para as atividades de sobrevivência.

■ *Qual é a história interessante?*

Eu era ainda meio rapazinho, mecânico, auxiliar. Morava na Torre e ia para a oficina, na Desembargador Trindade, onde hoje é a rodoviária. Não dava para ir em casa para almoçar e voltar. E, às vezes, não tinha nem almoço. Ficava lá para ganhar uns trocados como auxiliar de mecânica, tinha que tirar um radiador, um motor de arranque para consertar depois botava no lugar e o cara para ir lá e me dar um trocado. Quando dava meio-dia todo mundo ir almoçar, eu corria pra um caldo de cana que tinha lá perto. Um caldo de cana, dois pães doce. Depois subia a Peregrino de Carvalho para a biblioteca, na General Osório, e começava a ler um livro, pegar o jornal **A União**, que era o primeiro que eu lia a revista Veja e outras lá.

■ *Você é responsável também por ter comandado a chefia de reportagem e lançado vários coleguinhos nossos que deram certo na profissão, como é o caso do Wellington Farias, que não escolhe de ninguém as histórias maravilhosas que ele tem com você desde como começou na profissão... Como foi essa história com Wellington?*

Wellington morava perto de Isa Y Plá e ela me pediu para botar ele para trabalhar na imprensa. “Ele escreve direitinho, veja como ele toca o violão”, recomendou. Mande-o lá segunda-feira. Ela mandou. Ele começou a fazer as reportagens e eu dizia como deveria fazer, dava uma orientação quando tinha um trecho mais complicado, eu batia e ele conseguiu levar durante algum tempo. Como eu saí do jornal nessa época para Brasília, ele ficou sem ninguém para escrever. E todo mundo perguntando o que houve com você?. O texto era tão bom, o que houve? “É que Gilvan me ajudava a fazer isso daí”... Mas ele é muito inteligente, depois pegou mesmo e se desenvolveu e tornou-se um dos grandes repórteres da Paraíba.

■ *Nada com o livro propriamente dito?*

Depois eu resolvi ler livros. Comecei a ler um grande livro O Vermelho e o Negro de Stendhal. E outros. Uma vez quando fui chegando lá, a diretora disse: “Eu quero falar com você”. Eu respondi pois não, saí acompanhando. Ela abriu a porta da sala, e disse: “Mostre suas mãos”. Mostrei a mão cheia de óleo. Ela disse: “Eu recebi uma denúncia que o senhor está sujando os livros da biblioteca. Ai eu morri e pensei acabou-se a minha vida de ler livro de graça. Eu disse: pois é, amanhã não venho mais. Ela retrucou: “Não é todo mundo que se interessa pela leitura, assim como você. Aqui está uma barra de sapólio radium. Quando você chegar pegue e lave as mãos bem direitinho, cuidado para não sujar a pia, tire todo o óleo. Depois esconda atrás do livro que você está lendo e pode continuar. E outra coisa: toda semana, quando for na sexta-feira, eu vou dar um livro e você trás na segunda-feira.

■ *Do alto dos seus 82 anos prestes a serem completados, você ainda trabalha?*

Trabalho dez horas por dia no computador, fazendo livro. Essa disposição vai me levar até o fim. Eu só paro quando arriar em cima do computador pelo prazer que eu sinto de escrever. Tenho 150 livros. Essa pandemia pode ter desagrado muita gente, mas eu atravessei muito bem, porque passei o tempo todo escrevendo e só ouvindo notícia.

■ *E que leitura você faz de agora, do alto da sua experiência e tantos car-*

gos e de tantas colunas e de tantos livros que você faz do jornalismo hoje, com o advento, por exemplo, da Internet?

A Internet é uma dádiva. Tiro por mim, porque quando comecei a querer aprender, mesmo escrever, a fazer as coisas, eu corria para a biblioteca pública, porque não tinha dinheiro para comprar livro. Eu tenho história interessante pra contar dessa biblioteca pública. Hoje, você quando quer alguma coisa, vai no Google, digita aquilo ali, ele lhe dá um relatório de informações. Ai eu fico me lembrando do meu tempo.

■ *Qual é a história interessante?*

Eu era ainda meio rapazinho, mecânico, auxiliar. Morava na Torre e ia para a oficina, na Desembargador Trindade, onde hoje é a rodoviária. Não dava para ir em casa para almoçar e voltar. E, às vezes, não tinha nem almoço. Ficava lá para ganhar uns trocados como auxiliar de mecânica, tinha que tirar um radiador, um motor de arranque para consertar depois botava no lugar e o cara para ir lá e me dar um trocado. Quando dava meio-dia todo mundo ir almoçar, eu corria pra um caldo de cana que tinha lá perto. Um caldo de cana, dois pães doce. Depois subia a Peregrino de Carvalho para a biblioteca, na General Osório, e começava a ler um livro, pegar o jornal **A União**, que era o primeiro que eu lia a revista Veja e outras lá.

■ *Nada com o livro propriamente dito?*

Depois eu resolvi ler livros. Comecei a ler um grande livro O Vermelho e o Negro de Stendhal. E outros. Uma vez quando fui chegando lá, a diretora disse: “Eu quero falar com você”. Eu respondi pois não, saí acompanhando. Ela abriu a porta da sala, e disse: “Mostre suas mãos”. Mostrei a mão cheia de óleo. Ela disse: “Eu recebi uma denúncia que o senhor está sujando os livros da biblioteca. Ai eu morri e pensei acabou-se a minha vida de ler livro de graça. Eu disse: pois é, amanhã não venho mais. Ela retrucou: “Não é todo mundo que se interessa pela leitura, assim como você. Aqui está uma barra de sapólio radium. Quando você chegar pegue e lave as mãos bem direitinho, cuidado para não sujar a pia, tire todo o óleo. Depois esconda atrás do livro que você está lendo e pode continuar. E outra coisa: toda semana, quando for na sexta-feira, eu vou dar um livro e você trás na segunda-feira.

■ *Do alto dos seus 82 anos prestes a serem completados, você ainda trabalha?*

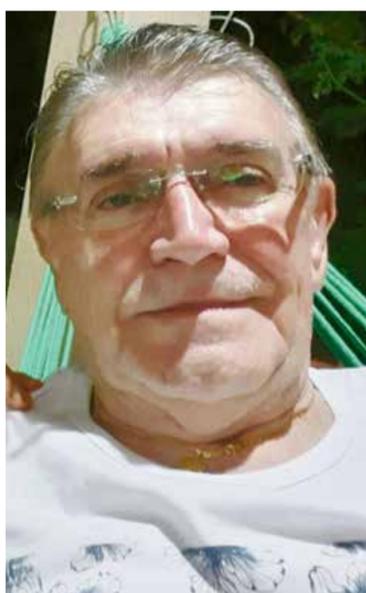
Trabalho dez horas por dia no computador, fazendo livro. Essa disposição vai me levar até o fim. Eu só paro quando arriar em cima do computador pelo prazer que eu sinto de escrever. Tenho 150 livros. Essa pandemia pode ter desagrado muita gente, mas eu atravessei muito bem, porque passei o tempo todo escrevendo e só ouvindo notícia.

■ *E que leitura você faz de agora, do alto da sua experiência e tantos car-*





Iara Ieno, Rosa Aguiar, Daniella Pereira, Joana D'Arc Palmeira, George Delameida, Conceição Medeiros, Zorilda Roque, Patrícia Rabello e Fernando Lianza são os aniversariantes da semana

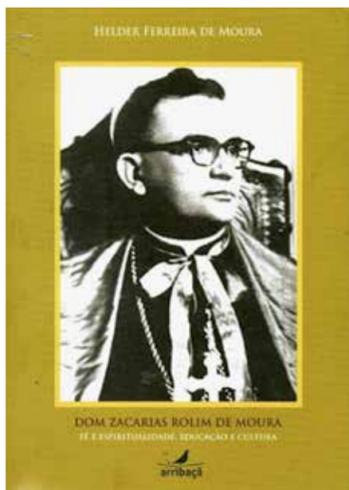


O escritor Everaldo Dantas da Nóbrega (foto) vai lançar seu novo trabalho "Amor à Poesia II", durante momento de autógrafos na Livraria do Luiz, na sexta-feira (31), às 18h. O convite para o evento está sendo feito pela Ideia Editora e pela Academia Paraibana de Letras Jurídicas.

No dia 19 de abril, quando se comemora o Dia do Índio, vou festejar meu aniversário com almoço festivo, no novo restaurante Estaleiro, localizado no bairro do Bessa. Com o tema Brasil Tropical, vou homenagear a valorosa mulher paraibana, neste evento que terá a decoração a cargo do expert André Luiz e em parceria com o Aquário Paraíba. Osmar Santos vai registrar a festa que será animada pelo DJ Rodrigo. Vou oferecer saboroso bolo, e o restaurante Estaleiro vai brindar os convidados com uma entradinha, que será a especialidade da casa: caldinho de peixe. Na foto com a amiga Carla Bezerra, registro a entrada de O Estaleiro.



Nessa próxima quarta-feira, dia 29, a comunidade docente municipal de Cajazeiras estará recebendo o livro "Dom Zacarias Rolim de Moura - Fé e Espiritualidade, Educação e Cultura", de autoria de Helder Ferreira de Moura. A doação será feita pelo Prefeito Municipal, Dr. José Aldemir, e por iniciativa do prof.



Francelino e conta com o apoio da Secretária de Educação do Município, profa. Maria do Socorro Delfino Pereira.

Amigas queridas, lideradas por Marluce Almeida e esta colunista, realizaram passeio, na semana passada, à Praia do Seixas, Litoral Norte



de nossa capital, para festejar o aniversário de Graça Melo (na foto entre Marluce, Telma Carvalho e Glória Farias). No Fantur, deliciamo-nos com a rica gastronomia do restaurante Estaleiro, registramos o nosso ponto extremo oriental das Américas e do Brasil e visitamos o fabuloso Aquário Paraíba. Pense num evento arretado!

O CEO do Festuris, Eduardo Zorzanello, na foto com o secretário de Indústria e Inovação de Gramado, Ike Koetz, o vice-prefeito de Gramado, Luia Barbacovi e a executiva Ellis Chaves, foi um dos painelistas



no evento Líderes Sustentáveis, que ocorreu nos dias 21 e 22 de março na Sociedade Recreio Gramadense.

A Gol Linhas Aéreas confirmou, durante reunião com a secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico, Rosália Lucas, e o presidente da Empresa



Paraibana de Turismo (PBTur), Ferdinando Lucena, além de executivos da companhia aérea, que irá operar voos extras para Campina Grande durante o período de realização do Maior São João do Mundo. Os voos serão operados aos sábados, a partir do dia 3 de junho até 29 de julho, com chegada ao Aeroporto da cidade às 16h25 e retorno às 17h05 para Salvador (BA), de onde os passageiros poderão fazer conexões para outras cidades.

O município de São José de Piranhas, na Paraíba, ganhou uma loja ampla e ainda mais confortável do Boticário. A unidade, reinaugurada pela Queiroga Cosméticos, grupo responsável pelas lojas da marca na região há 38 anos, fica no centro da cidade e tem formato híbrido para atender revendedoras e clientes simultaneamente com conforto, comodidade e segurança.

Na foto, Ildinete Queiroga, diretora da Queiroga Cosméticos, grupo que conta com nove lojas da marca nas cidades de Cajazeiras, Sousa, São Bento, Uiraúna e São José de Piranhas.



IMOBILIÁRIA

PARAÍBA PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

SAO BRAZ

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.

PARA MÁXIMO ESPRESSO

*marca de terceiro não relacionada com a São Braz.

O governador João Azevedo e o prefeito de Campina Grande, Bruno Cunha Lima, receberam o presidente Luiz Inácio Lula da Silva que veio à Paraíba para a inauguração do primeiro complexo híbrido de energia solar e eólica, em Santa Luzia, no Sertão paraibano. Nesta visita à Paraíba, a primeira deste mandato, Lula veio acompanhado da esposa, Janja, do ministro das Minas e Energia, Alexandre Silveira e da ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos.

A Associação dos Plantadores de Cana da Paraíba (Asplan) formalizou uma parceria com o Doutor em Meteorologia, Alexandre Magno Teodósio de Medeiros, para que seus associados possam receber boletins meteorológicos e assim melhor programarem suas ações no campo. A consultoria prevê o monitoramento quinzenal e mensal das condições de tempo e clima sobre o Nordeste do Brasil, com ênfase nas mesorregiões do Agreste e da Mata Paraibana, além de avaliação das condições registradas e previstas. E o primeiro boletim com esses dados meteorológicos, com foco nas chuvas de março e previsão para a primeira quinzena de abril, será divulgado na próxima semana. Mais um avanço da entidade que é presidida pelo produtor e Engenheiro Agrônomo, José Inácio de Moraes.

Na próxima quinta-feira (30), acontecerá a estreia do documentário "Expedição Terroá Paraíba, no Cine Centerplex, Mag Shopping, às 18h. A película, que tem suas origens e inspiração no Festival Terroá, tem assessoria de imprensa a cargo da Viváss Assessoria & Comunicação.

A paraibana Luciana Palmeira Langer, jornalista e Senior Manager de CRM (Customer Relationship Management) do Banco Bradesco, será homenageada pela Associação Brasileira de Imprensa e Mídia Eletrônica, em virtude de sua contribuição em iniciativas que fomentam a Liderança Feminina e a Equidade de Gênero. O reconhecimento se dará em sessão solene no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, no dia 30 de março.

Através de nota publicada em alguns veículos de comunicação do Estado, a empresa Ampar Hotelaria e Participações LTDA, formada por empresários paraibanos, entre eles o advogado Rui Galdino, publicou nota esclarecendo que o grupo que arrematou, legalmente, o Hotel Tambaú, contratou empresas especializadas em fazer os levantamentos técnicos necessários ao desenvolvimento dos projetos: levantamento topográfico, arquitetura e análise estrutural, para dar início às obras que vão recuperar e revitalizar a unidade hoteleira, que é um marco no turismo paraibano.

Selic Fixada em 22 de março de 2023 13,75%	Salário mínimo R\$ 1.302	Dólar \$ Comercial -0,73% R\$ 5,251	Euro € Comercial -1,46% R\$ 5,651	Libra £ Esterlina -1,06% R\$ 6,423
--	---	--	--	---

Inflação

IPCA do IBGE (em %)	
Fevereiro/2023	+0,84
Janeiro/2023	+0,53
Dezembro/2022	+0,62
Novembro/2022	+0,41
Outubro/2022	+0,59



MINHA CASA, MINHA VIDA

Novas regras empolgam o mercado imobiliário na PB

Programa estimula a atuação de pequenos e médios construtores no estado

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

As mudanças no programa habitacional Minha Casa, Minha Vida (MCMV) vão impulsionar o mercado imobiliário da Paraíba e valorizar o preço do metro quadrado não só de imóveis novos, mas dos já existentes, na avaliação do setor. Com a possibilidade de concessão de subsídio de até R\$ 47.500 na compra de imóveis de até R\$ 264 mil, a atividade econômica será aquecida e as construtoras já anunciam novos empreendimentos, expandindo os bairros onde são realizados os investimentos.

O Diário Oficial da União publicou, na semana passada, o decreto presidencial de nº 11.439/2023, que regulamenta a Medida Provisória nº 1.162/2023, a qual dispõe sobre o Programa Minha Casa, Minha Vida. O decreto estabelece que as novas regras do programa serão regulamentadas também por normas complementares editadas pelo Ministério das Cidades e pelo Ministério da Fazenda, além de órgãos colegiados gestores de fundos financiadores.

O presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa (Sinduscon-JP), Wagner Breckenfeld, acredita que o programa MCMV vai proporcionar a valorização do custo do metro quadrado da construção civil, ao passo que, com o subsídio, mais pessoas poderão realizar o sonho da casa própria. "Com mais procura, os preços aumentam.



Programa deve ajudar a valorizar o preço do metro quadrado e estimular as vendas de imóveis

Paralelamente, os imóveis já existentes também serão impactados com a valorização, mesmo que não seja na mesma intensidade".

Com pensamento similar, o presidente do Conselho Regional de Corretores de Imóveis da Paraíba (Creci-PB), Ubirajara Marques, também opina que haverá a elevação do preço do metro quadrado dos imóveis novos, independentemente de estarem incluídos na faixa de valores do programa habitacional.

Quanto aos imóveis existentes, ele tem dúvidas sobre o impacto. "Além da depreciação normal dos imóveis, em razão

do tempo ou da falta de manutenção, há algumas localidades em que o poder público não investe, o que gera desvalorização no bem do particular".

Wagner Breckenfeld, afirma que o setor está esperando a consolidação das mudanças do programa habitacional. "Há muita especulação sobre o tema. O segmento apresentou suas demandas ao ministro das Cidades, Jader Barbalho Filho, e estamos com uma perspectiva de uma melhoria significativa para a construção civil".

Para ele, o MCMV vai incluir novos perfis de imóveis com um teto maior de inclu-

são no programa, que passa a ser de R\$ 264 mil. O dirigente aponta que a intervenção do Governo Federal na economia é fundamental. "Não existe construção civil sem governo, sem o Sistema Financeiro de Habitação e sem subsídio", enfatiza.

Ubirajara Marques estima que até o início do segundo semestre, o Minha Casa, Minha Vida esteja consolidado e gerando resultados ao mercado. "Tenho certeza que vai impulsionar a indústria, principalmente para pequenos e médios construtores. As construtoras já vão prospectar os donos de terrenos para fazer negócios".

Construtoras expandem empreendimentos

As construtoras iniciaram o ano com crescimento nas vendas e expandindo empreendimentos. Apenas em janeiro deste ano, a MRV, empresa do grupo MRV&CO, registrou um crescimento de 73,6% nas vendas, em relação a janeiro de 2022, na Paraíba. Diante do resultado, o grupo vai apresentar ao mercado uma nova marca da MRV&CO.

Para o gestor comercial da MRV na Paraíba, Rafael Mello, o mercado da região está bem maduro com relação à construção civil e muito atraente para investidores. "A Região Metropolitana de João Pessoa está com crescimento acelerado. Estamos crescendo em todas as áreas, sejam lançamentos, vendas ou volume de clientes interessados," pontua.

Com previsão de lançar 17 novos empreendimentos no Nordeste, a MRV&CO vai colocar no mercado da região cerca de 6.300 unidades, ainda no primeiro semestre de 2023. "Acreditamos em um cenário ainda mais favorável para o

mercado imobiliário neste ano, com os programas do Governo Federal, as novas taxas de juros e a promoção de uma oferta maior de lançamentos", afirma Rafael Mello.

"A previsão é de lançarmos mais três empreendimentos neste ano, com novidades nas cidades de João Pessoa e Cabedelo. Também abriremos uma loja no Cabo Branco, um dos bairros mais nobres da capital, com a entrada da Sensia Incorporadora, marca de médio alto padrão do grupo".

Novos bairros

A construtora Alliance também está investindo em lançamentos e apostando em

novos bairros de João Pessoa, como a Ponta do Seixas. A empresa possui cinco empreendimentos em construção, com quase todas as unidades vendidas. "Acreditamos no potencial do mercado paraibano e na beleza do nosso litoral como mais um atrativo. Nossos clientes ficam encantados com a possibilidade de morar com vista privilegiada para o mar. Hoje, temos empreendimentos à beira-mar em João Pessoa e também nas praias de Ponta de Campina e Intermares (Cabedelo). Além da localização, nossos projetos agregam muita praticidade e qualidade de vida", explica o diretor-executivo, Hugo Montenegro.

Divisão de acordo com faixa de renda

- Urbano 1** - renda bruta familiar mensal até R\$ 2.640
- Urbano 2** - renda bruta familiar mensal de R\$ 2.640,01 a R\$ 4.400
- Urbano 3** - renda bruta familiar mensal de R\$ 4.400,01 a R\$ 8.000

- Rural 1** - renda bruta familiar anual até R\$ 31.680
- Rural 2** - renda bruta familiar anual de R\$ 31.680,01 até R\$ 52.800
- Rural 3** - renda bruta familiar anual de R\$ 52.800,01 até R\$ 96.000

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz@gmail.com | Colaborador

Acessa a luz amarela na economia mundial

O conflito Rússia x Ucrânia ainda está longe de acabar e as consequências já estão na mesa. Todos os países vão sentir os efeitos, alguns mais que outros. O grande sinal é que a economia americana já dá sinais e vem sendo afetada fortemente inclusive pela crise que vem há tempos atingindo as principais economias europeias.

Embora o resultado tenha sido esperado, o crescimento de apenas 2,9% (4º trimestre de 2022) da economia dos Estados Unidos frustrou muitos analistas que esperavam uma reviravolta. Isso porque a inflação norte-americana vem demonstrando sinais de resistência e os números são os piores em quase meio século. O Fed (Federal Reserve - banco central dos EUA) vem tendo muita dor de cabeça para segurar o dragão, vem aplicando juros alto para contê-la, a exemplo da nossa taxa Selic aqui no Brasil. O Fed estabeleceu agora em março a maior taxa de juros desde 2007. Subiu alguns percentuais e atingiu os 5%.

O cenário global é de desconfiança e março foi um mês de notícias preocupantes que envolve alguns bancos importantes, como o Silicon Valley e o Signature, ambos dos EUA. E nesta semana surgiu o caso do Credit Suisse que também anda com um pé na falência, fazendo com que o Banco Central Suíço o socorra com uma linha de crédito emergencial na ordem dos USD 54 bilhões, tudo para acalmar o mercado.

Portanto, a "luz amarela" foi acesa e qualquer deslizamento pode levar a uma recessão mundial sem precedentes. No caso norte-americano, espera-se uma atuação proativa do governo para tranquilizar o mercado (ação e não intervenção, pois a economia de lá é uma das mais livres do mundo), apontando que isso é um problema localizado e não generalizado. Uma crise em um banco qualquer pode ser facilmente controlada, mas quando ocorre em vários bancos num curto espaço de tempo, isso causa uma enorme insegurança no mercado, faz com que os clientes (principalmente os investidores) migrem os recursos para outras instituições ou para outros locais e isso cause um "efeito manada", uma corrida desenfreada por saques que provocaria um "tsunami" em todos os bancos.

Como o mundo hoje é globalizado e conectado, todos seriam afetados rapidamente, como uma nova "pandemia", desta feita, financeira. Vamos torcer para que o Federal Reserve entre em cena, que o governo norte-americano atue também de forma proativa acalmando o mercado e os clientes.

Na opinião do professor da Unifesp André Roncaglia, em entrevista ao canal Investing.com, ele atribui um risco pequeno de que essas crises venham a afetar o nosso mercado, já que o nosso sistema bancário é muito regulado e há uma concentração muito forte dos recursos nas mãos de grandes bancos. De fato, cinco bancos (BB, Caixa, Itá, Bradesco e Hsbc) dominam praticamente 90% de todos os depósitos e operações bancárias no Brasil e dois deles são bancos do governo ou controlados por ele.

O que nos preocupa é a nossa equipe econômica ainda não ter um projeto para o Brasil até em questões mais simples de serem resolvidas e estão batendo cabeça. Estão gastando energias no embate com o Banco Central e medindo forças com os bancos na questão das taxas de juros em operações bancárias. Isso causa insegurança jurídica e deixa as instituições nervosas e acuadas, o que pode afetar em maior grau a sensação de que estamos em crise aqui dentro do nosso país.

Agora trazendo para o cenário nordestino, as recentes crises promovidas pela Braiscpany (acusada de praticar uma suposta pirâmide financeira no sistema de cripto moedas) e a da Fiji Solutions (cujo estrago pode chegar na casa dos R\$ 420 milhões), tem deixado todos nós desconfiados com tudo isso que está acontecendo. Óbvio que as pessoas comparam o que ocorre com os grandes bancos norte-americanos e essas crises locais e ficam receosos de investir em "fintechs" e outras empresas menores que atuam no mercado até de forma séria. Pessoas que pensavam em tirar o dinheiro daquela caderneta de poupança, cujos rendimentos todos sabem que mal empatam com inflação, vão pensar duas vezes em arriscar.

No cenário norte-americano grandes bancos já ensaiam promover uma grande ajuda para salvar esses bancos em crise, assim como o Banco Central Suíço está fazendo com o Credit Suisse. Medidas que acalmariam um já nervoso mercado financeiro global.

Investidores, "um olho no gato e o outro no peixe", metáfora para dizer que devemos ficar atentos ao que acontece lá fora, pois uma crise lá pode nos afetar de forma imediata aqui. Uma boa semana a todos!

CLIENTE MAIS PERTO

Redes sociais facilitam venda on-line

Conhecer bem o produto e o público a ser alcançado é essencial para obter resultados positivos nas negociações

Jayanne Rodrigues
Agência Estado

“

Melhor estar em uma rede social entregando com frequência do que estar em várias e ficar só repostando

Lela Batista

O Instagram tem mais de 200 milhões de contas *business* (feita especialmente para empresas/marcas), segundo dados da plataforma. Em paralelo, outras redes sociais acompanharam as mudanças do mercado de trabalho e o momento de renovação que veio com a pandemia, a exemplo do TikTok. Afinal, em um mundo digitalizado, vale a pena inserir o negócio em todas as redes? Para especialistas, já existe um consenso.

A criadora de conteúdo Lela Batista, de 34 anos, costuma brincar que, quando lançou, em 2011, sua loja de *cupcakes* no Instagram “era tudo mato”. O empreendimento fechou em 2014, mas deixou aprendizados que Lela compartilha até hoje. O primeiro conselho ela sabe de cor e salteado: “Melhor estar em uma rede social entregando com frequência e eficácia do que estar em várias e ficar só repostando, sem dedicação a entender como a plataforma funciona”, sugere ela, publicitária e especialista em Instagram.

Para Lela, o ponto de partida é entender o tempo disponível de cada pessoa e o que ela deseja obter a partir da plataforma. “Tem de observar o objetivo para o empreendedor ingressar naquela rede. Seja crescer, tornar-se mais conhecido ou aumentar as vendas.” Após essa reflexão, o ideal é estudar o cliente e conhecer o público.

Estratégia

A estrategista digital Rejane Toigo acrescenta que a rede social escolhida vai depender do produto. “Tenho de me comunicar com o perfil de consumidor para entender o que ele está procurando na *internet*, investigar quais são as soluções para os seus problemas que podem levar ao meu produto”, afirma.

O pilar da produção de conteúdo, diz Rejane, inclui identificar o que o empreendedor quer vender na plataforma, o quanto quer investir (a rede social é gratuita, mas o conteúdo não é), o público alvo e o que almeja alcançar. Mesmo assim, com base nessas dicas, ainda há armadilhas que podem por em risco a credibilidade do negócio.



Utilização das redes sociais tem auxiliado empresas a divulgarem seus produtos e estreitarem laços com os consumidores

Interação com seguidores deve seguir estratégia

Ambas as especialistas alertam que engajamento e número de seguidores não resolvem o problema das vendas. *Likes* e comentários são uma forma de dizer que o empreendimento está estabelecendo uma conversa. Porém, esse diálogo pode caminhar para um sentido errado, adverte Rejane. “A interação tem de conduzir até o produto e aos objetivos do negócio. Tem muita gente que desvia do conteúdo vendedor para o conteúdo engajador”.

Estar presente em uma rede social não é suficiente, é necessário interagir e construir senso de comunidade. “Mas interação sem estratégia de conteúdo também não funciona.”

Já a criadora de conteúdo Lela avalia que muitos empreendedores costumam impulsionar o crescimento da conta através de ferramentas que não seguem as diretrizes da plataforma, como compra de seguidores e automação. Uma das punições é a ex-

clusão do usuário da rede.

Papel dos seguidores

Outra situação citada pela criadora tem a ver com relevância dos seguidores. Após uma influencer tailandesa, com 23 milhões de seguidores, compartilhar um filtro criado por Lela, a criadora ganhou inúmeros seguidores no Instagram. No entanto, o efeito não foi interessante. “Não é legal ter seguidor da Tailândia porque não tenho produto para oferecer para

ele. Então, mesmo quando não é comprado, você pode atrair ‘seguidor fantasma’ por *hashtag* e conteúdos viralizados”, diz. Essa dica também vale para pequenos empreendedores.

Um caso hipotético: um negócio de São Paulo é compartilhado por uma influencer do Ceará. A descoberta pode render muitos seguidores, mas não significa dinheiro ou aumento das vendas. A localização do negócio é outro ponto a ser levado em consideração.

Conteúdo

É necessário manter uma comunicação eficiente com os seguidores avaliando como realizar o engajamento de publicações de modo a atingir o público certo

Comércio eletrônico no país fatura R\$ 262 bilhões

Talita Nascimento
Agência Estado

Com a participação das redes sociais, o faturamento do comércio eletrônico brasileiro chegou a R\$ 262,7 bilhões em 2022, alta de 1,6% em relação ao ano anterior. Apesar do crescimento bem abaixo da inflação, depois de anos de altas de duplo dígito na pandemia, o valor representa um recorde para o setor. Os dados são de pesquisa realizada pela NielsenIQEbit.

Nesse ano, a empresa revisou a metodologia e, nos novos parâmetros, em 2020 o faturamento foi de R\$ 199,1 bilhões e, em 2021,

de R\$ 258,5 bilhões. Chama a atenção, porém, que o percentual de consumidores digitais brasileiros que fizeram compras em *sites* estrangeiros bateu recorde histórico. Foram 72% os que fizeram alguma aquisição em *sites* internacionais durante o ano de 2022, índice mais alto da série iniciada em 2013.

Na comparação entre 2020 e 2021, a porcentagem de quem compra em *sites* de outros países havia caído de 71% para 68%. Agora, porém, o número supera o registrado há dois anos. Além disso, grupo de brasileiros que compra mais de 10 itens em *sites* internacionais cres-

ceu quatro pontos percentuais, na comparação entre 2022 e o ano imediatamente anterior, e agora representa 15% do público total dessas plataformas.

No comércio eletrônico em geral, segundo o levantamento, houve alta de 24% no número de consumidores em *e-commerce* no país, na comparação com o ano anterior. Na análise por região, o Norte teve destaque em crescimento de vendas, com alta de 18%. As outras duas regiões brasileiras que cresceram no quesito foram Nordeste (3%), Sudeste (0,4%) e Sul (3%).

Consolidação

Para a NielsenIQEbit,

a pesquisa aponta para a estabilidade do setor, graças ao resultado do *ticket* médio, que teve queda de 7,5%, em relação a 2021, assim como a alta do número de pedidos, registrada em 7,9%.

“As pessoas realizaram mais compras, mas de itens de menor valor agregado, o que justifica a queda do *ticket* médio. O resultado é muito importante e consolida o *e-commerce* como um canal de compras muito popular entre os brasileiros. Após o *boom* de 2020 para 2021, com alta de 29,8%, o setor se mantém num patamar alto, com previsão de estabilidade”, analisa o Head

de *e-commerce* da empresa de pesquisas de mercado, Marcelo Osanai.

Início do ano é melhor

Na análise mensal do desempenho de 2022, é possível perceber que o início do ano foi mais aquecido que o fim, mesmo com datas importantes em novembro e dezembro, como a Black Friday e o Natal. Os meses com maior variação no volume de vendas na comparação entre 2022 e 2021 foram janeiro e fevereiro, com altas de 20,1% e 18,1%, respectivamente. Novembro, principal mês de vendas, ficou praticamente estável, com queda de 0,4%.

Consumidores digitais são maiores de 35 anos

“

Tenho de me comunicar com o perfil de consumidor para entender o que ele está procurando

Rejane Toigo

A maior parte dos consumidores digitais brasileiros tem mais de 35 anos, segundo o levantamento. A representatividade dessa faixa cresceu ao longo do ano de 2022 e soma mais de 68% do público total. Esse perfil compra, principalmente, alimentos e bebidas, itens de casa e decoração, construção e ferramentas, eletrodomésticos e gastos com saúde.

Quanto à renda, aumentou a importância de consumidores que ganham de quatro a 10 salários míni-

mos, independentemente da faixa etária. A porcentagem que representa esse grupo cresceu de 33,5% para 34,8%. Na análise de gênero, as mulheres se mantêm em destaque no *e-commerce* brasileiro. Em 2022, elas foram 57,7% do público total. Apesar da predominância do público feminino, a presença dos homens aumentou levemente de 2021 para 2022, passando de 41,5% para 42,3%.

Categorias

Destaque em 2022, a ces-

ta de alimentos e bebidas saiu da sexta posição no *ranking* para o terceiro lugar em número de pedidos. O segmento foi o que mais contribuiu para a alta geral de pedidos no *e-commerce*. De acordo com a pesquisa, o grupo teve a maior variação, com crescimento de 82,8% em 2022, na comparação com o ano anterior.

O setor de perfumaria e cosméticos ficou em primeiro lugar, ultrapassando casa e decoração, que ocupava a liderança em 2021. Em 2022, dentre as princi-

pais categorias de vendas, aquelas com *tickets* maiores apresentaram performances negativas.

Considerando o *ticket* médio ponderado das cinco maiores categorias, o valor que era de R\$ 720 em 2021 passou a ser R\$ 259 em 2022, uma queda de 64%. O segmento de eletrônicos foi exceção e teve alta de 9,8% na variação do *ticket* médio na comparação entre 2022 e 2021. O item de casa e decoração também teve uma contribuição significativa, com alta de 5,8%.

Tráfego

As principais origens de tráfego que encaminharam os consumidores para as plataformas de venda *on-line* em 2022 foram *sites* de busca, responsáveis por 24% do fluxo; redes sociais, com 23%; e busca direta pelo nome da loja, com 25%.

A pesquisa também determinou que a maior parte das compras são realizadas durante a semana, tanto na análise que avalia volume de pedidos, como na que considera faturamento.

OUSE CRIAR

Programa premia seis equipes

Estudantes apresentaram projetos nascidos a partir de ideias inovadoras sobre turismo e cidades criativas

Renato Félix
Assessoria Setcites

Seis equipes foram premiadas pela banca avaliadora dos projetos do Ouse Criar/Parque Tecnológico Horizontes de Inovação no encerramento da segunda edição do programa. Os estudantes apresentaram seus projetos, nascidos a partir de ideias inovadoras, no auditório do Sebrae, durante a tarde da última quarta-feira com soluções para diversos problemas enfrentados pelas cidades onde vivem, nos eixos “Turismo” e “Cidades Criativas”.

No eixo de turismo, a equipe vencedora foi a Viva Porto, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Antônia Rangel de Farias, do bairro da Torre, em João Pessoa. A ideia da equipe é produzir um *flyer* impresso em papel semente para distribuição aos visitantes da comunidade ribeirinha do Porto do Capim, como uma ação didática e de divulgação do projeto de turismo de base comunitária do local.

No eixo de cidades criativas, a equipe vencedora veio de Campina Grande. A equipe UneArte é da Escola Cidadã Integral Técnica Professor Bráulio Maia Júnior, do bairro Dinamérica, e seus focos de intervenção foram a Vila do Artesão e Casa do Artesão. UneArte também é o nome do aplicativo que visa melhorar a visibilidade do artesanato da cidade. O app pretende ser uma “vitrine digital”, catalogando produtos e servindo como ponte entre produtor e consumidor.

As escolas das duas equipes vencedoras recebem, cada uma, R\$ 15 mil que serão destinados à compra de material de tecnologia para apoio didático-pedagógico. As escolas das equipes que

terminaram em segundo lugar recebem R\$ 10 mil e as dos terceiros lugares, R\$ 5 mil, para serem revertidos para o mesmo fim.

No eixo Cidades Criativas, o segundo lugar ficou com a equipe Me Mostra Campina, da ECTI Doutor Elpídio de Almeida, e o terceiro com a equipe BTechgreen, da Escola Estadual Poeta Carlos Drummond de Andrade, ambas em Campina Grande. No eixo Turismo, o segundo lugar ficou com a equipe Porta do Sol, do Centro Educacional de Inovação e Tecnologia (Inotech), e o terceiro lugar ficou com a equipe Abá, da Escola Estadual Técnica de Arte, Tecnologia e Economia Criativa, ambas em João Pessoa.

“O evento, o encerramento de uma trilha de formação de jovens do Ensino Médio em atividades empreendedoras e inovadoras, como sempre é muito estimulante”, conta Rubens Freire, secretário executivo de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, que participou da comissão julgadora. “Entre esse momento e o sonho realizado de uma empresa bem-sucedida há várias etapas a serem cumpridas”.

Da próxima etapa, todas as equipes participantes – foram dez ao todo, oriundas das 1ª e 3ª gerências regionais de ensino – participam: é o programa de incubação do Parque Tecnológico Horizontes de Inovação. Após o envio do relatório final dos oito meses no Ouse Criar, elas entram na fase de otimizar esse processo de criação de novos produtos e novas startups.

“Estamos cumprindo uma etapa preliminar importante: a mobilização da juventude para problemas das cidades”, comenta o secretário, que lembra que ofertar esse tipo de ambiente deve ser responsabilidade dos governos.

■ As escolas das duas equipes vencedoras recebem, cada uma, R\$ 15 mil, que serão destinados à compra de material de tecnologia



Equipe vencedora “cidade criativas” é da Escola Cidadã Integral Técnica Professor Bráulio Maia Júnior, em CG



No eixo de turismo, a equipe vencedora foi da Escola Estadual Professora Antônia Rangel de Farias, em JP

■ As escolas das equipes que terminaram em segundo lugar recebem R\$ 10 mil e as dos terceiros lugares, R\$ 5 mil

SEMPRE FOI SOBRE NÓS

Ciclo de *lives* sobre mulher na ciência termina sexta-feira

Renato Félix
Assessoria Setcites

O ciclo de *lives* “Sempre Foi Sobre Nós”, promovido pela Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, e dedicado a discutir a presença da mulher na ciência, termina na próxima sexta-feira. O tema será “Mulheres e os objetivos de desenvolvimento social da ONU”, com Rafaela Camarães, secretária de Estado do Meio-ambiente Sustentabilidade, e Alessandra Brandão, professora da UEPB. A transmissão será às 10h, pelo canal da Fapesq-PB no *YouTube*.

A participação da professora Alessandra Brandão trará uma reflexão sobre as ideias que encaminham o mundo para a atual crise ambiental, que, na visão da docente, se apresenta mais como uma crise civilizatória do que ecológica. Também abordará alguns pontos da literatura ecofeminista que entende a necessidade de uma nova forma de olhar o mundo, a partir do respeito a todos seres humanos e não-humanos.

“Uma perspectiva ecofeminista apresenta a necessidade de uma nova cosmologia que reconhece que a vida na natureza – incluindo os seres humanos – mantém-se por meio da cooperação, cuidado e amor mútuos”, adianta a professora. “Somente deste modo estaremos habilitados a respeitar e a preservar a diversidade de todas as formas de vida, bem como das suas expressões culturais, como fontes verdadeiras do nosso bem-estar e felicidade”.

Na sexta-feira passada, o tema foi “Mulheres, inovação e empreendedorismo feminino”, com Flávia Aquino, coordenadora do curso de Engenharia de Energias Renováveis da UFPB, e Turla Alquete, diretora do campus Cabedelo do IFPB.

A professora Turla mostrou dados para expor como a representatividade das mulheres em cargos de direção no IFPB ainda é baixa: 28%, enquanto elas são 37% do corpo docente. Entre os estudantes, elas são 43% na graduação, 47% na pós-graduação e impressionantes 68% no Proe-

ja, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos do MEC. Para ela, esse número tem uma explicação. “A gente percebe que a mulher está no Proeja porque ela não pôde estar antes na universidade”, pondera. “O papel social da mulher ainda é muito ligado ao cuidar da casa – tudo, menos aos estudos”.

Ela também contou que o instituto lançou em 2011 o Programa Mulheres Mil, repaginado em 2021 como Qualifica Mulher. “É um programa que traz uma formação profissionalizante e, dentro disso, aparece o empreendedorismo”, diz. “Eram turmas de 40 mulheres e o final do curso era sempre de muita emoção, com a possibilidade dessa formação ajudar a melhorar as condições de vida dessas mulheres”.

Segundo ela, os cursos ofertados eram diretamente ligados ao mercado e às necessidades da comunidade: Panificação e Beneficiamento de Pescado. “Existiu uma bus-

ca ativa dessas estudantes: fomos às comunidades procurar as mulheres interessadas em fazer esses cursos, existia o transporte que trazia essas mulheres ao campus e elas ainda recebiam um valor diário de R\$ 10 para poderem se alimentar”, conta. “Então veja que não é somente ofertar o curso: é dar todas as condições para que essa mulher, que está em extrema vulnerabilidade, possa concluir o seu curso pro-

fissionalizante de três meses com êxito”.

Flávia Aquino, por sua vez, mostrou como áreas de ciências exatas ainda têm uma presença muito maior de homens e que a presença de mulheres inspira outras mulheres que vêm na sequência. No seu departamento, são 10 professoras entre 29 docentes. Mas ela afirma que isso ainda era mais visível no Ensino Médio.

“No Ensino Médio só tive

professoras”, contou. “Era um universo muito masculino. Só comecei a ter professoras na universidade. E no mestrado e doutorado, eu tive uma grande orientadora na UFRN, a professora Dulce Melo. E vê-la dar conta da vida pessoal, da vida profissional, gerindo 30 alunos, dando aula e em projetos, ela virou minha musa inspiradora. Eu disse: “Então acho que eu consigo também””.



Alessandra Brandão, professora da UEPB, participará da live, no canal da Fapesq-PB, na próxima sexta

DIVERSIDADE

Ecossistemas marinhos do Litoral paraibano

Eles são ricos não só em beleza, mas em diversidade, o que contribui para mergulhos, pesquisas e desenvolvimento da vida

Ítalo Arruda
Especial para A União

Ricos em diversidade e beleza, os ecossistemas marinhos do litoral paraibano reúnem uma grande variedade de espécies de organismos em sua fauna e flora. Da superfície ao fundo do mar, é possível encontrar dezenas de peixes, crustáceos, tartarugas, algas, recifes, entre outros indivíduos que não só habitam e colorem o ambiente aquático, mas também contribuem com o desenvolvimento do turismo na região costeira do estado.

Os recifes de corais, por exemplo, encontrados nos mares da Paraíba – como nas piscinas naturais do Seixas e de Pí-cãozinho, e ainda, no Caribessa, em João Pessoa, bem como nas piscinas da Ilha de Areia Vermelha, na Praia de Camboinha, em Cabedelo –, são fundamentais para a vida marinha, conforme apontam estudos científicos. Além de protegerem fisicamente as praias tropicais, esse tipo de organismo serve como “casa” para muitas outras espécies de animais aquáticos que se alojam aos seus arredores.

Preservá-los, então, é fundamental para o equilíbrio e o ordenamento da biodiversidade marinha. É o que afirma o pesquisador e professor de Oceanografia do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Cláudio Natividade. Segundo ele, os organismos que habitam o ambiente subaquático estão, basicamente, divididos em três grupos: o plâncton, o nécton e o bento.

O plâncton, que compreende um compartimento pelágico (cuja região vivem os organismos que não dependem do fundo do mar), é composto, entre outros animais, por larvas, peixes, moluscos e crustáceos. “Eles se desenvolvem nesse ambiente e, depois, podem migrar para outro lugar. Normalmente, seguem à deriva (próximos à superfície da água), acompanhando o movimento das correntes marítimas”.

Entre os néctons, estão aqueles organismos que possuem uma capacidade de natação mais elevada e podem se mover para outras áreas do mar, inclusive, um pouco mais profunda, transitando entre os ambientes coralíneos ou recifais para ambientes considerados desabrigados. “Eles podem transitar também para regiões mais fundas em busca de microrganismos que lhes servem de alimento. É o caso de alguns peixes, golfinhos, bem como de lulas e até algumas aves”.

O grupo dos bentos, por sua vez, é formado por organismos que vivem diretamente em associação com o fundo do ambiente marinho. Eles tanto podem ser fixados ao fundo do mar quanto podem locomover-se sobre o fundo, “seja no sedimento consoli-

dado, como nos recifes, seja nos sedimentos inconsolidados (na areia)”, observa.

Recifes de corais

Locais de desova e viveiro de peixes, os recifes de corais são de extrema importância para a fauna marinha e desenvolvem um papel fundamental para a cadeia alimentar aquática. De acordo com o oceanógrafo Gilberto Alves Pekala, eles funcionam como barreiras naturais, “protegendo essas comunidades de tempestades marinhas e minimizando a ação das ondas costeiras”. Além disso, os corais são substratos para algas marinhas. “As algas fazem a fotossíntese liberando compostos orgânicos aproveitados pelos corais que, por sua vez, secretam os compostos úteis às algas”, frisa.

Impactos

Por se tratar de ecossistemas integrados, as atividades humanas, como a pesca irregular, o turismo náutico, entre outras ações antrópicas (ações realizadas pelo ser humano) no ambiente marinho, podem causar impactos significativos para a fauna e a flora destes espaços. Para Natividade, o ecossistema é uma rede, chamada de teia trófica, e, se há alteração em uma determinada parte, as consequências atingem todos os organismos que estão nela.

“Tomemos como exemplo uma alga, que serve de alimento para algum tipo de peixe e se desenvolve em um recife. Se essa alga for destruída ou sua população diminuir, inevitavelmente, você vai causar impacto nos peixes ou nas tartarugas que comem essa alga. E isso, consequen-

temente, vai causar impacto nos predadores dessas espécies que trará impactos para a população desses predadores e, com isso, proporcionar um desequilíbrio”.

Com relação às atividades de turismo, o professor do IFPB ressalta que cada uma pode ter um impacto diferente. Segundo Cláudio Natividade, o mergulho contemplativo, muito comum nas piscinas naturais – inseridas em Área de Proteção Ambiental (APA) – tem impacto mínimo. “É uma atividade que não deixa resíduos. O máximo que ela vai soltar serão partículas de CO₂ (bolhas de ar) da própria respiração humana. Neste caso, não se trata de uma consequência grave”.

No entanto, a embarcação que leva o mergulhador, conforme explicação do pesquisador, pode causar problemas. “Quando ele fundeia (processo de ancorar o barco), por exemplo, para sustentar a embarcação, pode atingir alguma região de recifes, corais ou naufrágio. É preciso ter cuidado”, ressalta. Natividade destaca que uma alternativa para este problema é o plano de manejo, um documento que vem sendo elaborado pela Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) em parceria com pesquisadores, professores e colaboradores com o objetivo de regulamentar o uso do espaço. “É uma medida importante para planejar, organizar, minimizar os conflitos de uso do ambiente e potencializar os recursos positivos”, avalia Natividade ao defender “que é importante manter essas áreas saudáveis, tendo em vista que quanto mais preservado for, mais atrativo será”.



Temidos em algumas áreas litorâneas, os tubarões pertencem a essa rica vida marinha

Por meio de mergulho contemplativo, é possível apreciar a riqueza de várias espécies marinhas

Os peixes têm a capacidade de se desenvolver e migrar para outros lugares, sempre à deriva, mas próximo à superfície

PARAIBANO 2023

Dia de conhecer finalistas

No Marizão, se enfrentam Sousa e Botafogo, às 16h; no Amigão, o confronto será entre Treze e SP Crystal, às 17h

Fabiano Sousa
 fabianogool@gmail.com

Passados 47 jogos, o Campeonato Paraibano vai conhecer, hoje, os finalistas de sua 113ª edição, com os dois jogos que marcam o encerramento das semifinais. Botafogo, Sousa, São Paulo Crystal e Treze disputam as duas vagas, com os confrontos envolvendo também vagas para disputas no cenário do futebol nacional na temporada de 2024.

Das quatro equipes semifinalistas, duas já têm participações garantidas em competições nacionais no próximo ano, o Botafogo por disputar o Campeonato Brasileiro da Série C tem vaga assegurada na Série B, em caso de acesso ou na Série D caso seja rebaixado ou ainda se manter na Série C.

O Sousa vai disputar ainda no primeiro semestre deste ano a Série D e também já tem vaga garantida na próxima temporada, podendo disputar a Série C em 2024, caso consiga o acesso na disputa da quarta divisão deste ano. Uma das equipes vai garantir também participação na Copa do Brasil da próxima temporada.

As outras duas equipes, São Paulo Crystal e Treze, respectivamente, correm atrás de uma vaga na disputa na Copa do Brasil e no Brasileirão da Série D em 2024, bem como, manter viva a disputa de uma vaga na fase de grupos da Copa do Nordeste. Os finalistas do Certame Estadual sairão dos confrontos entre Sousa e Botafogo, além de Treze e São Paulo Crystal.

Sousa x Botafogo

No Marizão, em Sousa, o time da casa recebe o Botafogo, a partir das 16h, pelo jogo da volta precisando reverter a vantagem do alvinegro para seguir na competição. No primeiro jogo, o Belo venceu por 1 a 0 e tem a vantagem do empate, com isso, o Dinossauro terá de vencer por dois gols de diferença no tempo normal. Vitória do alvinegro por diferença mínima leva a decisão para as cobranças de pênaltis.

Em caso de classificação, o Botafogo carimba também a passagem para a sua 19ª participação na Copa do Brasil. Nesta temporada, o clube voltou a disputar competição nacional após três temporadas, mas foi eliminado logo na 1ª fase da disputa, após derrota por 2 a 1 para o Águia-PA. Apesar de ter apenas que empatar, o treinador alvinegro não quer deixar que os jogadores esbarrem na zona de conforto da vantagem contra o Dinossauro.

“Conforto é só quando consegue o título. Você comemora uma semana, e já vem outro desafio. A gente tem essa visão no futebol e mostramos para os jogadores que é preciso estar sempre concentrado. Temos de

saber como nos comportar jogando fora de casa”, disse Tiago Batizoco.

Nas últimas quatro temporadas, o Sousa sempre esteve presente nas semifinais, chegou à final em 2021 e acabou com o vice-campeonato. Agora, o alvinegro tem novamente a chance de chegar a mais uma final e brigar pelo tão sonhado terceiro título estadual. Mas para tanto, terá de voltar a vencer o Botafogo por dois gols de diferença, depois de seis temporadas. O último feito foi na edição estadual de 2016, quando levou a melhor por 3 a 1, pela 2ª fase da competição. Quem apita o jogo é o árbitro Fifa, Raphael Clauss-SP, auxiliado por Danilo Riccardo e Fabrini Bevilaqua, também paulistas.

Treze x SP Crystal

Treze e São Paulo Crystal duelam às 17h, no Amigão, em Campina Grande, por objetivo em comum, ambas querem chegar a final da competição e, de quebra, garantir a participação em duas competições nacionais no calendário esportivo de 2024, a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro da Série D, respectivamente.

A última vez que o Treze disputou uma competição nacional foi em 2020 (Copa do Brasil e Brasileirão da Série D), de lá para cá o alvinegro amargou ausências e viu o rival rubro-negro no cenário das principais competições.

Agora é o Galo quem pode viver dias melhores e ainda vê o rival fora das principais disputas nacionais. Se avançar para a final, o alvinegro retoma as disputas da Série D e da Copa do Brasil no próximo ano.

“O clube tem a chance de voltar ao protagonismo do futebol estadual e em caso de classificação para final, temos de pensar grande, com o objetivo de conquistar o título. Mas vale ressaltar que no caminho temos um adversário páreo duro. Estamos a uma vitória de recolocar o clube no lugar de destaque que ele merece. Vamos em busca de conquistar a vaga na final do campeonato”, disse Arthur Bolinha, presidente do Treze.

O empate em 1 a 1 deixou o confronto em aberto. No entanto, o duelo em fase de mata-mata contra o Treze traz boas lembranças ao São Paulo Crystal. Em 2021, o tricolor de Cruz do Espírito Santo levou a melhor contra o Galo no confronto que valeu vaga para as semifinais do estadual, também em confronto disputado no Amigão. No tempo normal, empate em 0 a 0, nas cobranças de pênaltis 5 a 3 para o Caracará.

Caso consiga novamente eliminar o Galo, o São Paulo alcançará dois feitos inéditos: Série D e Copa do Brasil. Quem apita o jogo do Amigão é Afro Rocha, auxiliado por Paulo Ricardo e Ruan Neres.



Foto: Divulgação/Sousa



Foto: Cristiano Santos/Botafogo



Foto: Divulgação/Treze



Foto: Divulgação/São Paulo Crystal

Jogadores de Sousa e do Botafogo têm novo e decisivo embate neste domingo, no Estádio Marizão

O confronto entre Treze e São Paulo Crystal define vaga no Brasileiro da Série D e também na Copa do Brasil de 2024

ALZHEIMER

Jogadores de futebol têm mais riscos

Estudo mostra uma maior possibilidade de atletas, com exceção de goleiros, desenvolverem doenças neurodegenerativas

Agência Estado

Um estudo sueco divulgado pela Lancet, principal revista de artigos científicos do planeta, mostrou que jogadores de futebol, com exceção de goleiros, têm mais risco de desenvolver doenças neurodegenerativas do que a população em geral. Segundo a pesquisa, a probabilidade de um atleta do esporte mais popular do mundo ter Alzheimer ou demência é 1,5 maior do que as outras pessoas.

O estudo analisou os laudos médicos de mais de seis mil jogadores de futebol da primeira divisão do Campeonato Sueco entre 1924 e 2019. Em seguida, os pesquisadores compararam a taxa de pessoas afetadas por problemas cerebrais degenerativos com a de uma amostra de 56 mil suecos.

Os goleiros não foram levados em consideração por não sofrerem tantos golpes na cabeça quanto os atletas de linha. Além dos possíveis choques, os jogadores de linha usam a cabeça nos cabeceios e cortes de chutes violentos.

Trata-se do maior estudo já realizado sobre o tema desde a publicação de uma outra pesquisa feita na Escócia, de 2019, que concluiu que os jogadores de futebol são 3,5 mais propensos a sofrer com algum problema neurodegenerativo ao fim da carreira - o estudo foi feito com jogadores escoceses nascidos entre 1900 e 1976. A relação foi descoberta com a morte de Nobby Stiles, volante campeão do mundo com a Inglaterra, em 1966, que sofria de demência.

Outros casos em modalidades nas quais pancadas na cabeça são frequentes, como futebol americano, hóquei e rúgbi, também foram registrados.

Buscando minimizar os danos físicos e mentais à saúde dos atletas, a Fifa instituiu em 2022 uma nova regra permitindo uma substituição extra no campo, além das cinco alterações habituais, quando há suspeita de concussão cerebral.

A troca extraordinária tem como objetivo evitar a permanência do atleta que sofreu a pancada na partida e fazer com que a equipe seja prejudicada com a per-

da de um jogador por causa de um acidente de trabalho. A regra passou a vigorar na Copa do Mundo do Catar, vencida pela Argentina.

Cérebro x concussão

Segundo o neurologista Felipe Chaves Duarte, do Hospital Sírio-Libanês, uma concussão ocorre quando há um prejuízo na função cerebral, impactando a memória e a orientação após um trauma na cabeça, com

a possibilidade da perda de consciência ou não. Algumas pessoas podem ter sintomas após uma concussão que incluem dor de cabeça, tontura, zumbido e insônia por semanas ou até meses.

“Esses sintomas, em geral, ocorrem por uma alteração da rede de funcionamento do cérebro, ou seja, na forma como os neurônios se conectam, em vez de um dano na estrutura cerebral”, explica Duarte. “Concus-

sões repetidas têm uma relação com acúmulo de proteínas danosas no cérebro devido ao trauma recorrente. Com isso há danos de regiões importantes para a memória e o planejamento cerebral.”

Fere Chaddad Neto, coordenador do setor de neurocirurgia vascular do hospital BP - A Beneficência Portuguesa de São Paulo, explica que uma concussão pode levar ao rompimento

da membrana plasmática causando danos aos neurônios. Por vezes, ocorrem as chamadas lesões axonais difusas, que são lesões microscópicas nos axônios (células por onde se transmite o influxo nervoso), ocasionando a morte do neurônio, inchaço no cérebro e aumento da pressão intracraniana.

“Importante, que a maioria desses sintomas são revertidos sem necessitar de grandes intervenções médicas, bastando repouso e uso de medicamentos para tirar a dor ou anti-inflamatórios.”

Pancada na cabeça

Em agosto do ano passado, a International Football (Ifab, sigla em inglês), associação que estabelece as regras do futebol, enviou a confederações nacionais uma recomendação para que jogadores de até 12 anos das categorias de base sejam proibidos de cabecear a bola durante treinos e partidas.

No Reino Unido, a orientação já havia sido colocada em prática e, caso a mudança tenha impacto positivo, a tendência será remover os cabeceios deliberados de todas as partidas até o sub-12 na temporada 2023/24. O objetivo é evitar que os adolescentes, com o cérebro ainda em desenvolvimento, sofram com algum tipo de dano decorrente de pancadas.

Duarte explica que traumatismos cranianos, como as concussões, ocorrem de forma mais frequente nos lobos frontais do cérebro, na região da testa. São áreas especializadas em funções cognitivas avançadas, como comportamento, planejamento e controle dos movimentos. Segundo o neurologista, a região mais perigosa para um trauma é o tronco encefálico (região da nuca), localizado na transição entre o crânio e a coluna vertebral.

“Ele (tronco encefálico) é responsável por algumas funções básicas para manter o corpo vivo, como nos manter acordados e controlar a respiração”, diz Duarte.

Chaddad Neto ressalta que o retorno de um esportista às atividades após uma concussão deve ocorrer de maneira gradual. De acordo com o especialista, o atleta deve permanecer em repouso por um período entre 24h e 48h, retornando primeiramente às tarefas diárias e exercícios aeróbicos leves e assim por diante.

“Caso o atleta não sinta nenhum sintoma da concussão durante os exercícios ou em repouso, ele poderá retornar aos esportes em uma semana. No entanto, alguns estudos com atletas adolescentes sugerem que eles levam mais tempo para recuperar a função cognitiva total quando comparados a outras faixas etárias, o que sugere que eles devem ser mantidos fora do jogo por mais tempo.”

Foto: Divulgação/Agência Estado



Segundo a pesquisa, a probabilidade de um atleta do esporte mais popular do mundo ter Alzheimer ou demência é 1,5 maior do que as outras pessoas, e possíveis choques preocupam ainda mais

“

Esses sintomas, em geral, ocorrem por uma alteração da rede de funcionamento do cérebro, ou seja, na forma como os neurônios se conectam, em vez de um dano na estrutura cerebral

Felipe Chaves Duarte

SAÚDE MENTAL NO FUTEBOL

Psicologia ajuda os atletas da base

Jovens jogadores precisam saber lidar com a forte pressão e necessitam de profissionais para dar um maior suporte

Agência Estado

O atacante Endrick, de 16 anos, vive um incômodo jejum de gols no Palmeiras. Trata-se de um sentimento que ele nunca conheceu até subir no profissional. Foram mais de 12 jogos sem balançar as redes em 2023. Na partida contra o Red Bull Bragantino, na reta final da primeira fase do Paulistão, a joia de Abel Ferreira, após ser substituída no segundo tempo, chorou no banco de reservas, de tão nervoso e descontrolado que estava pela segura dos gols.

O fato reacendeu o debate sobre a importância da saúde mental, sobretudo com jovens esportistas lançados aos leões nos times profissionais, onde a cobrança e a vitrine são bem maiores. Esses meninos precisam lidar com uma forte pressão no futebol com a qual não estão acostumados.

Há uma falácia em afirmar que o garoto dos times grandes e dos centros mais importantes do futebol aprende a lidar com as cobranças e a rivalidade desde o começo. A base é um mundo à parte na formação do jogador, onde ele pode errar e aprender e não será cobrado por isso como ocorre aos olhos do torcedor no time principal, seja ele qual for. Há a cobrança externa, mas na cabeça desses meninos também há a cobrança interna, aquela que o faz pensar que se não fizer os gols ou jogar sempre bem, ele vai perder a chance de se tornar profissional.

A pergunta é: como lidar com isso? Diante de toda essa pressão e expectativa por parte da torcida e imprensa em relação ao garoto do Palmeiras, o técnico Abel se posicionou algumas vezes para blindar e defender o atleta. Na entrevista coletiva após o jogo com o Red Bull Bragantino, o português afirmou: “Ele tem de ter calma. Ninguém gosta de ler críticas. Claro que há uma pressão tremenda para que ele faça cinco, seis gols. Ele próprio tenta lidar com isso. Ele vai fazer o gol na hora certa. Tem de ter calma, que não perca o sorriso. Meteu a camisola no rosto no banco porque chorou. Não sou o pai dele, mas devia ter dado um abraço”.

Endrick é apenas um exemplo desses jogadores que são chamados a atuar no time principal antes da hora. Há outros como ele pelo futebol brasileiro. O atacante Vitor Roque, do Athletico-PR, é outro a ser jogado no campo e testado muito cedo. Lá atrás, Ronaldo, que se tornou o melhor do mundo e campeão mundial, disputou sua primeira Copa do Mundo aos 17 anos, quando já brilhava com a camisa do Cruzeiro. Ronaldo sofria as mesmas cobranças de todos esses jogadores novinhos alçados ao profissional.

O psicólogo do esporte Eduardo Cillo, que coordena o departamento de psicologia do COB (Comitê Olímpico do Brasil), ressalta que é fundamental uma blindagem em cima dos atletas nes-

se momento das cobranças, seja no futebol ou em qualquer outra modalidade. Há um ingrediente no futebol mais cruel do que em outras modalidades esportivas: a vitrine. Os times jogam duas ou três vezes por semana, e essa pressão, quando não superada, só faz aumentar, feito uma lata de água prestes a ser derrubada.

“Não fazer gol durante um período é normal independentemente do nível de experiência e da expectativa que se tem sobre o jogador. Isso faz parte. Nessa hora, no entanto, é preciso blindar o jogador para não deixar que ele caia na pilha nem se deixe levar por algum tipo de ansiedade, de querer resolver logo ou fazer de uma vez. Se ele seguir contribuindo com o time no coletivo, uma hora essa bola vai entrar e aí a situação estará resolvida”, afirma o especialista, que também é doutor em psicologia pela USP.

O futebol brasileiro evoluiu nesse caminho. Antes, ter um psicólogo na comissão técnica era observado com muita desconfiança. Por anos, os jogadores se recusaram a conversar com esses profissionais. Quem se aproximava de um psicólogo era tido como ‘jogador-problema’. Felizmente, esse erro de interpretação caiu por terra. Atualmente, os psicólogos estão na base, ajudando garotos a entender a profissão e a vida, em todos os seus aspectos.

Apesar deste recorte específico com o esporte, o problema atinge a sociedade como um todo. De acordo com o mapeamento mais recente feito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre transtornos mentais, o Brasil é o primeiro da lista entre as populações com maior predomínio de transtornos de ansiedade no mundo, com aproximadamente 10% das pessoas. O Brasil está à frente de Paraguai (7,6%), Noruega (7,4%), Nova Zelândia (7,3%) e Austrália (7%).

O acompanhamento psicológico para jovens jogadores é uma das bandeiras defendidas por Alex Araújo, CEO da 4Life Prime Saúde Ocupacional e que também trabalha no agenciamento de atletas. Na visão do especialista, quando não se tem o acompanhamento adequado, os jogadores ficam suscetíveis a crises de ansiedade, humor depressivo e baixa produtividade, o que pode prejudicar o rendimento no campo. E isso não acontece somente com os mais novos. Luan, do Corinthians, é um jogador experiente que se “fechou” no clube e não consegue mais atuar. Já teve ajuda para retomar sua condição de atleta de destaque, que se perdeu em algum momento quando deixou o Grêmio e se mudou para São Paulo.

“Mas o cuidado com jogadores mais novos deve ser priorizado. Eles ainda estão em formação e provando de vivências novas o tempo todo. O emocional está diretamente ligado com a pressão que os pais colocam em cima



Endrick, de 16 anos, ainda não marcou um gol na temporada pelo time principal do Palmeiras e sente-se bastante incomodado



Vitor Roque, do Athletico-PR, é outro jogador jovem que chegou muito cedo ao time principal e já foi convocado para a Seleção Brasileira

“

É muito importante ter um psicólogo que trabalhe de forma interdisciplinar com toda a equipe

Eryca Bastos

deles. Começa por aí. A família reforça todo dia a importância que é para eles ter um filho jogador; que vai mudar a condição financeira e, conseqüentemente, a qualidade

de vida de todos. O caso do Endrick demonstra isso, pois, com apenas 16 anos, o emocional ainda não está preparado para todas as dificuldades que virão. Ele ainda está em fase de desenvolvimento e o apoio psicológico é fundamental”, diz Alex.

No futebol brasileiro, o trabalho dos psicólogos em prol da saúde mental tem conquistado cada vez mais espaço nos clubes de alto rendimento, casos de Cuiabá, Guarani e Sport. Os de maior poder financeiro já entraram nessa há algum tempo. De acordo com Eryca Bastos, psicóloga das categorias de base do Dourado, as habilidades psicológicas requerem atenção para o desenvolvimento dos jogadores.

“É muito importante ter um psicólogo que trabalhe de forma interdisciplinar com toda a equipe, desde a iniciação esportiva, passando pela

base e trabalhando as especificidades da psicologia do esporte, para que o atleta esteja preparado não somente nas questões táticas, técnicas e físicas, mas também, psicológicas, que, com certeza, fará total diferença”, diz.

Para Rosângela Vieira, psicóloga do Sport, o ideal é que os clubes de futebol tenham este profissional na base e também no time profissional. Ela explica que todas as categorias precisam aprender a fazer o autocohecimento da sua mente, nas partes cognitivas e emocionais. “Como trabalhamos com adolescentes e jovens, sabemos que o cérebro deles ainda está desenvolvendo a maturidade psicológica. Portanto, se faz necessário o acompanhamento e as conversas, pois quando o atleta chegar no profissional, ele já vai estar mais bem preparado para lidar com as diversas situações que irá vi-

nciar: torcida, pressão por resultados, queda no rendimento e tantas outras demandas”, explica.

André Luis Aroni, psicólogo do Guarani e Doutor e pós-doutor em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, diz que é preciso um trabalho diferente com os atletas da base.

“Existem pontos de atenção em cada fase da carreira do atleta: para o sub15, a distância da família, as condições do alojamento, as tarefas da escola... são pontos de grande atenção. Atletas de futebol perto dos 35 anos de idade já pensam em suas transições de carreira. Entretanto, a iniciação esportiva é um período bastante sensível no aprendizado desses jovens, assim, faz todo o sentido também ter estímulos da psicologia junto dos habituais físicos, técnicos e táticos”, entende o especialista.

Foto: Cesar Grifeco/Palmeiras

Foto: José Tramontin/athletico.com.br

ESTREIA EM 15 DE ABRIL

Belas do Belo na Série A2 do Brasileiro

Atletas seguem disputando a competição sub-20, mas ainda não conseguiram vencer depois de dois jogos

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) divulgou, nesta semana, a tabela detalhada e o regulamento específico do Campeonato Brasileiro Feminino da Série A2. Com o Botafogo representando o futebol Paraibano, a competição tem previsão para o dia 15 de abril, com a 1ª fase em disputa até dia 27 de maio. De acordo com o regulamento, o Campeonato Brasileiro Feminino da Série A2 acontecerá em quatro fases. Serão 16 times divididos em dois grupos de oito clu-

bes na primeira 1ª fase, classificando às quartas de final os quatro melhores colocados de cada chave. Na sequência, brigam por vagas na semifinal e na final. Os quatro semifinalistas conquistam o acesso à Série A1.

Representante do futebol paraibano na competição, o Botafogo vai disputar uma vaga pelo grupo B e terá como adversários o 3B-AM, JC-AM, Esmac-PA, Vila Nova-GO, Fortaleza-CE, Sport e UDA-AL. As Belas estreiam no dia 15 de abril jogando como mandantes, contra o 3B-AM, às 15h, no Estádio Almeidão, em João Pessoa.

“A CBF acertou na escolha por um novo formato. Teremos uma disputa forte e com mais jogos, teremos de fazer valer os nossos mandos de campo. Estamos nos preparando e reforçando o elenco com uma mesclagem de atletas do sub-20 com o elenco principal para que possamos fazer uma boa competição”, pontuou a treinadora Gleide Costa.

O critério utilizado pela CBF para formação dos grupos foi a proximidade geográfica por estado, com todas as equipes do mesmo grupo se enfrentando em turno único, na primeira fase. A

partir das quartas de final os jogos ocorrem no modelo de ida e volta. A final está programada para os dias 1 e 8 de setembro, contando com uma pausa no meio da competição, por conta da Copa do Mundo disputada na Austrália e Nova Zelândia.

Como foi em 2022

Na temporada passada, as Belas não fizeram um bom campeonato e terminaram na 12ª colocação entre os 16 clubes participantes. Nos seis jogos disputados, uma vitória, um empate e quatro derrotas. A equipe marcou apenas dois gols e sofreu 11,

mesmo assim ainda ficou na frente do Vasco da Gama, do Rio de Janeiro.

O título ficou com o Ceará depois de vencer o Athletico-PR nos pênaltis. Nos dois jogos, vitória de cada time por 2 a 0, sendo a última partida em Fortaleza.

Mas na edição da Série A2 de 2021, o Botafogo-PB terminou com um aproveitamento de 57,14%, com quatro vitórias e três derrotas, na sua melhor participação na fase de classificação. Foram 15 gols marcados e oito sofridos. Por sinal, o Belo de Gleide só foi derrotado por um adversário, que foi

o Ceará. Foram três jogos e vitória das cearenses por 2 a 1 (fase de classificação), 2 a 1 e 3 a 1 nas oitavas de final.

Brasileiro Sub-20

As Belas do Belo estão disputando atualmente o Campeonato Brasileiro Sub-20 e já jogaram duas partidas, sendo a primeira no Distrito Federal, quando perdeu de 3 a 0 para o Minas Brasília, no Serejão; e na última quinta-feira., nova goleada, agora para o Flamengo por 7 a 0, na Gávea. O terceiro jogo será contra o Botafogo carioca, na próxima quarta-feira, às 15h, no Almeidão.



Na última quinta-feira, jogando no Estádio da Gávea, no Rio de Janeiro, o Botafogo não suportou a melhor qualidade técnica do Flamengo e foi goleado no Brasileiro Sub-20 por 7 a 0

CORRIDA DE RUA

Inscrições ainda abertas para a Maratona de João Pessoa

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Já são mais de 2.500 os inscritos para a Maratona de João Pessoa 2023, a corrida de rua acontece no dia 23 de abril. Os interessados ainda podem se inscrever por meio do site oficial www.maratonadejoaopessoa.com.br, com valores a partir de R\$ 95.

A maratona terá provas de 5, 10, 21 e 42 quilômetros. O trajeto tem início no Busto de Tamandaré e passa pelos bairros de Manaíra, Bessa, Intermares, Ponta de Campina, Poço e também pelo Centro. Quem vai fazer o maior percurso larga mais cedo, às 4h30, do Busto de Tamandaré, já os demais trajetos têm largada às 5h45.

Para quem vai enfrentar as provas mais longas, é necessário focar na preparação, afinal “é preciso estar bem para correr 21 quilômetros”, como afirma o educador físico Ruan Carlos que tem treinado pelo menos cinco vezes por semana. “Preparativo na academia, onde tenho treinado pelo menos duas horas todos os dias e

“

Estamos bem animados e iremos com toda a nossa estrutura e empolgação, porque a nossa equipe é animada mesmo

Celso Trindade

também na orla, onde corro de segunda a sábado. O domingo tenho deixado para o descanso mesmo”. O entrevistado, que costuma participar de corridas dentro e fora da Paraíba, falou da expectativa em relação à Maratona de João Pessoa. “É uma prova muito boa que tem um trajeto interessante além de

muito bonito. No mais, nos resta dar o nosso melhor e cumprir a prova dentro do tempo planejado”, finalizou.

Tem também quem vai encarar quase mil quilômetros para participar do evento esportivo. O educador físico Celso Trindade, que tem uma assessoria de corrida em Sobral, no Ceará, participará com 50 alunos em todos os trajetos. “Mas a maioria vai fazer os 42 quilômetros. Estamos bem animados e iremos com toda a nossa estrutura e empolgação, porque a nossa equipe é animada mesmo”. Celso disse ainda que é a primeira vez da equipe na maratona de João Pessoa. “Ficamos sabendo por um casal de João Pessoa que veio morar em Sobral e treina com a nossa equipe. Não fomos para a maratona do Rio de Janeiro e decidimos fazer essa, fiquei surpreso com a adesão do grupo”.

A competição é uma realização da Run Eventos e Zenite Esportes, responsáveis também por organizar a Meia Maratona de João Pessoa e a Volta Ciclística de João Pessoa.



O educador físico Celso Trindade participará com mais 50 atletas da cidade de Sobral-CE

Mamanguape em chamas

Ademilson José
 Especial para A União

A guerra por territórios, econômica e religiosa que muitos europeus travavam por lá e que acabou sendo transportada para o Brasil colonial não causou estragos somente em cidades como Olinda, em Pernambuco, onde a Igreja Católica já esbanjava alguma ostentação de poder. Atingiu igualmente povoados que ainda eram pequenos e que, a exemplo de Mamanguape, a cinquenta quilômetros da capital paraibana, João Pessoa, também foi incendiada pelos holandeses calvinistas no começo do Brasil-holandês.

O fato se deu mais precisamente em 15 de novembro de 1633 e está detalhadamente registrado no livro 'Panorama de Mamanguape' (Comunigraf, Recife-2008), de autoria de Adiel Alves Rodrigues, um pesquisador e historiador natural de Mamanguape que reside na capital pernambucana.

Mamanguape só viria a se tornar cidade mais de 200 anos depois, em 25 de outubro de 1855, mas, em 1633, já era freguesia e já contava com sua atual Catedral São Pedro e São Paulo, que é de 1630. O tamanho do povoado é que, de fato, ainda não era lá essas coisas, mas o problema é que, para os incendiários batavos, "tinha jesuítas demais".

Segundo o 'Panorama' de Adiel Rodrigues, foi justamente a justificativa apresentada para o incêndio pelo relatório encaminhado à Holanda e à sede do Brasil-holandês em Recife, por um dos representantes da Companhia das Índias Ocidentais, Joannes Laet: "...Mamanguape já era um povoado com vistosos edifícios e um centro religioso católico de jesuítas que eram muito atuantes", afirmou Laet nas páginas 336-337 do seu 'História ou Annaes dos Feitos da Companhia'.

Tudo muito parecido com as motivações do incêndio de Olinda que, na chegada holandesa, já somava enormes conventos e belas igrejas pelos morros da cidade. Os holandeses não queimaram Olinda e se instalaram no Recife porque preferiam espaços planos, não. Como calvinistas, o fizeram para apagar símbolos religiosos do inimigo - Espanha e Portugal. E com um adendo sintomático de fé: a data do incêndio foi 24 de dezembro (vés-



Ilustração: Tônio

Foto: Reprodução



Incêndio ocorrido em terras paraibanas, provocado pelos holandeses calvinistas, está em obra de 2008

Foto: Arquivo Pessoal



Adiel Alves Rodrigues, pesquisador e historiador natural de Mamanguape e que reside na capital de Pernambuco

“

(...) fuzileiros que se achavam na região deveriam ir a um lugar chamado Mamanguape

Robert Southey

pera de Natal) de 1631.

Conforme Adiel Rodrigues, também escrevendo sobre as ações holandesas no Vale do Mamanguape, Robert Southey reconhece que "não eram estas (casas) assaz numerosas

para poderem resistir com a maior esperança..." ao poderio militar holandês. Ou seja, era prédio de menos, só que, com jesuítas demais!

E transcrevendo Laet e Robert Southey juntos, Adiel relata detalhes relacionados às ordens do incêndio que foram oriundas de Recife: "...Com toda prudência, duas das quatro expedições de fuzileiros que se achavam na região deveriam ir a um lugar chamado Mamanguape, perto do qual se mantinham os jesuítas e outros padres...".

E supostos cuidados depois do fato consumado: "...Duas companhias, a de Hendrick Hendricksz e a de Charles Turlon Junior (...) marcharam tão circunspectamente descober-

tas, e os habitantes tiveram bastante tempo para fugir; os nossos, encontrando o povoado deserto, incendiaram completamente todos os seus vistosos edifícios, e voltaram ao acampamento...".

A pesquisa de Adiel Rodrigues, que tem outros livros e é membro fundador da Academia de Letras, Ciência e Artes do Vale do Mamanguape (Alca-VM), também mostra um aspecto que poucos pesquisadores paraibanos dão atenção. Que a presença holandesa no Vale do Mamanguape é anterior ao Brasil-holandês (1630 - ocupação de Recife). Na Baía da Traição e Mamanguape, ela se dá em 1625, posterior somente a também curta ocupação de Salvador (1624).

Há 390 anos, além de Olinda, em Pernambuco, cidade paraibana também foi incendiada no início do período Brasil-holandês

“Laboratório” para a invasão em Recife

Adiel Rodrigues diz não ter localizado registros diretos de trabalhos sobre a restauração de Mamanguape pós-incêndio, mas mostra dois fatos comprovadores de que, como a grande vantagem do povoado era a boa capacidade de navegação e de ancoragem do rio, o Brasil-holandês manteve a vigilância porque não tardaria a explorar a região.

“Em 27 de outubro de 1634”, diz um outro relatório do mesmo Laet, “o coronel Artichofski e o comandante Smient foram até ao Rio Mamanguape, para entrar e espiar os navios que os marinheiros disseram que estavam lá tomando carga (...) e, no dia 28, avançaram cerca de dez quilômetros e avistaram um yacht carregado de cerca de 200 caixas de ‘assucar’ e algumas toneladas de ‘páu brazil’”.

A detalhada pesquisa de Adiel Rodrigues abre margens, inclusive, para diversas reflexões novas, entre elas a de que a chegada dos holandeses em 1625 na Baía da Traição, e os avanços deles para Mamanguape, foi uma espécie de “laboratório” para preparar uma grande expedição para espaços mais ao norte do litoral do

Nordeste do Brasil.

Ou seja, como a tentativa de 1624 pela Bahia havia sido um desastre (Salvador era capital e detinha forte aparato espanhol-português), a alternativa era buscar outras partes do litoral. E tanto foi planejado que, além de adentrarem o território do litoral norte paraibano, estudando a região, na saída cuidaram de levar índios potiguaras para educar, catequizar e, depois, usá-los como guias e guerreiros. E na volta, em 1630, ao invés de Salvador, e optaram por Recife.

Sobre os índios, os registros são muitos e Adiel também conta: “Em 1º de agosto de 1625, depois de 41 dias passados nas terras de Mamanguape, os holandeses reembarkaram. O general Boudewijn Hendricksz (...) abandonou essas funestas costas do Brasil, onde deixava enterrados perto de setecentos (sic) dos seus (...) muitos índios queriam ir com os holandeses, no entanto, só Gaspar Paraupaba e André Francisco, do Ceará; Pedro Poty, da Baía da Traição; Antônio Guiravassanay, Antônio Francisco e Luiz Gaspar conseguiram ir”.

Aldeias são engolidas pelo Porto de Salema

Quem, além de Adiel Rodrigues, também documentou detalhes dessa precoce presença holandesa em Mamanguape antes mesmo do Brasil-holandês, foi o historiador e ex-conselheiro do Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (TCE-PB), Adailton Coelho Costa.

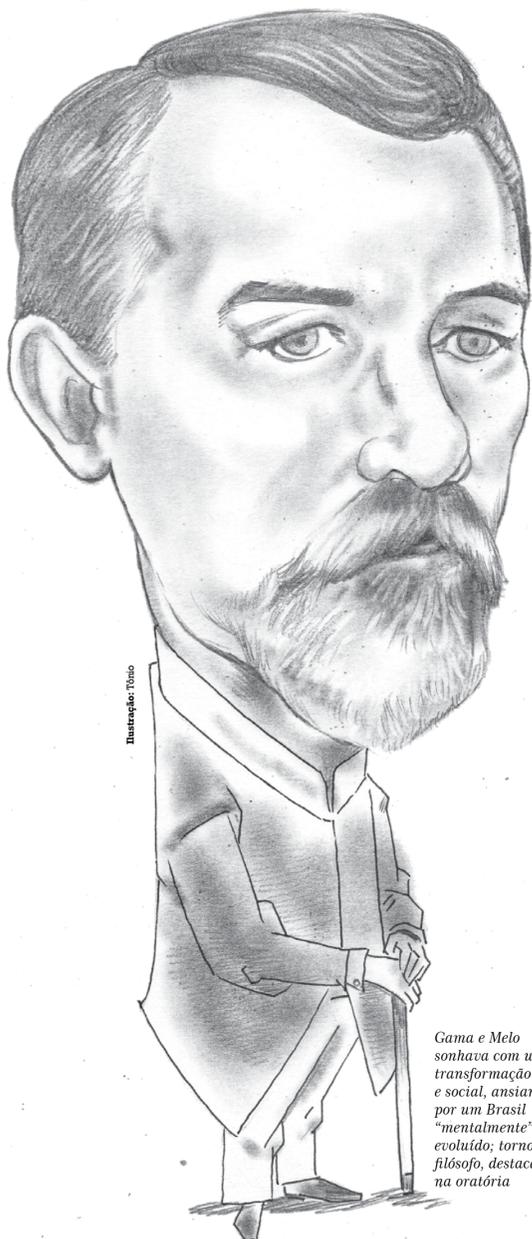
No seu 'Mamanguape, a Fênix da Paraíba', ele confirma a presença e o bom relacionamento dos holandeses com os nativos da região, assim também como os permanentes conflitos dos potiguaras com os portugueses. Esses conflitos, segundo ele, levaram muitos potiguaras ao longo dos anos a se afastarem das guerras e dos portugueses no litoral, e, sem querer, começaram a desenhar a geografia política dos primeiros e principais municípios da região. Segundo Adailton Coelho Costa, aqueles três canhões antigos que ainda hoje podem ser vistos no alto da Aldeia do Forte, na Baía da Traição, foram parte das providências de segurança adotadas pelos espanhóis e portugueses de Itamaracá, depois dos 41 dias que os holandeses estiveram instalados pela então Baía de Acajutibiró e Mamanguape.

“Os permanentes desentendimentos entre portugueses e potiguaras”, arremata Adailton Coelho Costa, “motivaram a construção de nova aldeia, a qual foi denominada Monte-mor (hoje Rio Tinto) que recebeu o contingente indígena,

transferido pelos jesuítas”. A Aldeia Monte-mor mantém o nome até hoje, mas, depois da ocupação dos Lundgren e da Fábrica de Tecidos Rio Tinto, a partir de 1924, ganhou o nome também de Vila Regina.

Duas outras aldeias que também foram criadas pelas famílias potiguaras que se afastaram do litoral (as de Salema e Mamanguape) também existiram por muito tempo, mas terminaram “engolidas” pelo Porto de Salema, que teve forte desenvolvimento, sobretudo entre 1840 e 1900. Mamanguape mantém o nome da aldeia e hoje é a maior das 11 cidades do Vale. Salema também mantém o nome, mas, ao invés de aldeia, hoje é distrito de Rio Tinto. Na sua fase áurea, o porto foi motor gerador do desenvolvimento da vila, da cidade e de um apogeu que, em 27 de dezembro de 1859, levou Mamanguape a receber a visita do então imperador Dom Pedro II. Hoje, no entanto, já tem mais de 120 anos que, mesmo sem incêndios na região, o porto não ancora uma canoa.

Canhões na Baía da Traição foram parte das providências dos espanhóis e portugueses



Gama e Melo sonhava com uma transformação política e social, ansiando por um Brasil "mentalmente" mais evoluído; tornou-se filósofo, destacando-se na oratória

Jornalista, filósofo, escritor e político que combateu cangaceiros

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@uniao.com

O jornalista, filósofo, escritor e político Antônio Alfredo da Gama e Melo nasceu na cidade de Paraíba (atual João Pessoa), em 1º de outubro de 1849, e mor-

reu na capital paraibana em 12 de abril de 1908. Era considerado um respeitável dissidente político, embora tenha ocupado vários cargos oficiais.

Ele realizou os estudos fundamentais em escolas particulares da capital e, o secundário, no

Liceu Paraibano, bacharelando-se em Direito pela Faculdade de Recife, em 1873, tendo sido contemporâneo de Castro Alves, e Cardoso Vieira; e influenciado pelas ideias de Tobias Barreto, líder dos estudantes e um republicano exaltado.

Gama e Melo sonhava com uma transformação política e social, ansiando por um Brasil "mentalmente" mais evoluído. Tornou-se filósofo, destacando-se na oratória e, sendo comparado a Cícero, da Grécia Antiga. Foi fundador de A República, jornal

dissidente que pregava "o sentimento de justiça e de igualdade dos cidadãos".

Herdou do pai a vocação para as línguas clássicas, substituindo-o, através de concurso, na cadeira de Latim do Liceu, onde também lecionava retórica, chegando

a diretor do estabelecimento. Ao enveredar na política partidária, foi o primeiro vice-presidente da Província da Paraíba, nomeado por carta imperial datada de 19 de abril de 1880, tendo assumido a presidência da província interinamente por cinco

vezes: de 15 de maio a 10 de junho de 1880; de 3 de setembro a 20 de outubro de 1880; de 4 de março a 21 de maio de 1882; de 2 de novembro a 9 de novembro de 1882; e de 17 de abril a 7 de agosto de 1883. Foi também presidente do Estado da Paraíba, de 22 de

outubro de 1896 a 22 de outubro de 1900.

Foi membro da Academia Paraibana de Letras (APL) e patrono da Cadeira 17, que tem como fundador Antônio de Aguiar Botto de Menezes, que também foi ocupada por Joacil de Brito Pereira.

Medida eficaz aborta ataque de Antônio Silvino a Itabaiana

No mês de maio de 1900, Antônio Alfredo da Gama e Melo governava a Paraíba e foi informado que um bando de 80 cangaceiros, liderados por Antônio Silvino, estava reunido na Serra do Surrão, em Ingá, aguardando a chegada de outros parceiros, procedentes de Pernambuco, para juntos atacarem Itabaiana e cidades vizinhas, incluindo Ingá e Mogeiro.

Gama e Melo se reuniu com o chefe de Polícia e com o tenente-coronel Bento José de Monteiro Paes, oficial da Polícia e comandante do Batalhão de Segurança, sendo nessa época a denominação da atual Polícia Militar, para que fossem adotadas medidas de segurança eficazes. O Bento José informou ao presidente que a corporação militar não dispunha de armamento e munição para enfrentar "aquele imprevisível".

Como o estado não contava com orçamento para adquirir o material bélico em falta, o governador solicitou aos seus correligionários uma ajuda financeira para esse fim. Dessa forma, conseguiu recursos para a compra

de 50 fuzis e 10 mil cartuchos, o que foi negociado com um comerciante de armas em Recife. Através da imprensa, ele deu ampla publicidade a essa campanha, utilizando habilmente sua condição de jornalista e de governador.

Depois de receber esse material e efetuar um treinamento, o Batalhão de Segurança organizou uma patrulha com cerca de 60 homens, sob o comando do tenente Paulino Pinto de Carvalho, para dar combate ao grupo armado de cangaceiros na Serra do Surrão.

Na época, era costume desses cangaceiros fugirem para estados vizinhos, sempre que pressentiam a presença das chamadas patrulhas volantes. Por esse motivo houve um acerto com a Polícia de Pernambuco e foi preparado um plano para a realização de ataques simultâneos aos homiziados no Surrão.

Na manhã do dia 17 de junho de 1900, a tropa do tenente Paulino seguiu de trem até Itabaiana e de lá seguiu a pé ao encontro do grupo inimigo. Iniciado o combate, o tenente

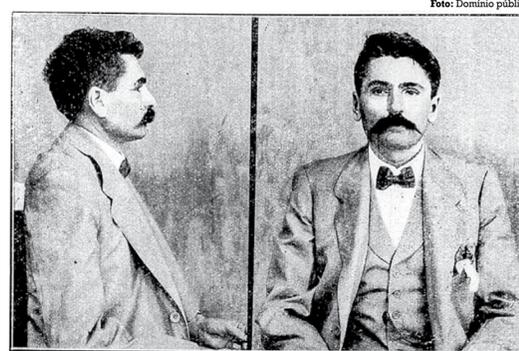


Foto: Domínio público

Gama e Melo governava a Paraíba quando foi informado que cangaceiros liderados por Antônio Silvino (na foto de 1914) planejavam ataque a Itabaiana

seguiu à frente da tropa incentivando seus comandados, que estavam empolgados com a nova arma. Logo no começo, um tiro inimigo atingiu a arma do tenente que ficou imprestável. Paulino pegou a arma do seu ordenança e continuou na luta. Pouco

depois foi ferido no abdome.

Mesmo assim, o oficial continuou lutando até que foi atingido na perna, tendo fratura exposta da tíbia e do perônio. Nessas circunstâncias, o primeiro-sargento José Lopes Pessoa de Macedo, integrante da patrulha, assu-

miu o comando e o ataque continuou.

Percebendo o poder de fogo da tropa, os cangaceiros fugiram, contabilizando 14 mortos. Essa foi a maior baixa em um grupo de cangaceiros já ocorrida na Paraíba. Algumas fontes relatam que as cabeças dos 14 cangaceiros mortos foram cortadas e enviadas para exames legistas em Pernambuco e na Bahia. O tenente Paulino foi conduzido para Itabaiana, aguardando transporte para a capital, onde foi internado no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, que ficava na rua Visconde de Pelotas.

Ao tomar conhecimento desses fatos, Gama e Melo determinou que dois dos seus principais integrantes do primeiro escalão do governo, entre eles um médico, se deslocassem até Itabaiana para a adoção das medidas necessárias. Esse deslocamento foi feito em um trem especial.

Dada a gravidade dos ferimentos, o tenente teve sua perna esquerda amputada e, depois de sete dias de sofrimento, morreu no dia 24 de junho daquele ano, dia de São João. O sepul-

tamento do oficial recebeu todas as honras militares, realizado no Cemitério Senhor da Boa Sentença e foi acompanhado por uma grande multidão.

Por iniciativa de Gama e Melo, o tenente Paulino Pinto de Carvalho foi promovido *post mortem* ao posto de capitão. Naquela época, não existiam os postos de segundo e primeiro-tenente e sim de alferes e tenente. Ou seja, o posto de Paulino era equivalente atualmente a primeiro-tenente. O sargento José Lopes Pessoa Macedo também foi promovido por bravura ao posto de alferes (equivalente a segundo-tenente).

Esses fatos constam de forma sucinta na mensagem do presidente Antônio Alfredo da Gama e Melo remetida à Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), no dia 15 de outubro de 1900. No dia 18 de agosto de 1953, a Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP) prestou uma homenagem a esse herói paraibano, fazendo com que uma das ruas do Bairro de Tambaú passasse a ser denominada de rua Paulino Pinto.

Erramos

No Quem Foi? da semana passada, cometemos um erro: o ano correto da morte do jornalista e escritor Celso Mariz é 1982. Ele tinha 97 anos. Pedimos desculpas aos leitores.

Angélica Lúcio

angelicalucio@gmail.com

Título é tática de atenção: use bem esse recurso!

Os títulos de notícias nem sempre foram como são hoje e tampouco o modelo que temos atualmente ficará sedimentado, sem sofrer mudanças. Até o século XVIII, os jornais impressos não tinham título. Os primeiros jornais no mundo ignoravam tal recurso. "Antes da segunda metade do século XIX, os títulos eram simples rótulos, com declaração genérica e indefinida, pouca ou nenhuma informação sobre a notícia", relata Joaquim Douglas, citado no e-book "Títulos jornalísticos", de Thaísa Bueno e Lucas Santiago e Arraes Reino.

Publicada pela Editora da Universidade Federal do Maranhão (Eduíma), a obra de Thaísa Bueno e Lucas Santiago é resultado de uma investigação iniciada em 2016 no Grupo de Pesquisa em Comunicação e Ciberultura (GCiber). Além de apresentar um excelente apanhado histórico sobre o tema, os autores também abordam a relação entre o título e o lead jornalístico e, dentre outras questões, tratam das mudanças que o título jornalístico sofre quando migra da plataforma impressa para a digital.

Conforme o e-book, "títulos são o recurso mais importante para atrair o leitor e um diferencial na competição por atenção no jornalismo atual". Mais: são um fator determinante da decisão de leitura ou não de uma

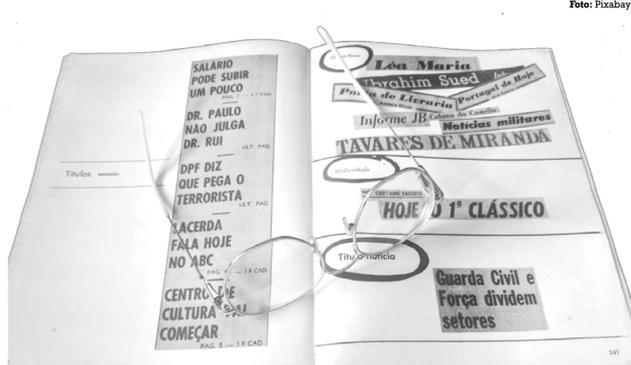


Foto: Pixabay

notícia. Título é tática de atenção. No caso da internet, como alguns especialistas defendem, deve ser ainda mais sedutor que em outros meios, afinal é necessário concorrer com excesso de informação, efemeridade do noticiário e falta de tempo das pessoas.

Pensei nisso porque tenho me deparado com uns títulos bem insossos, sem graça mesmo, em portais de notícias ou institucionais. São títulos que não despertam o interesse do internauta pela leitura e, mui-

tas vezes, trazem termos áridos, destoantes do público-alvo; ou seja, ao invés de serem um convite funcionam como barreira.

Desde meus tempos de redação, tenho o costume de utilizar uma simples conjunção ao me deparar com um título chocho. Leio a frase e disparo um: "E?". Esse "e", na verdade, é um "e daí?". Sim, porque título sem atrativos ou que não informa bem, diz para mim apenas uma coisa: a matéria é desnecessária, não merece minha leitura. Ou o

redator é ruim. Se o problema for de redação, há sempre como melhorar. Tanto o texto quanto o título. E há vários manuais que ajudam nesse processo.

Quando se trata de um portal de órgão público, a responsabilidade de levar informação ao leitor de forma clara, sem espaço para dúvidas ou interpretações equivocadas, é maior. Assim, quem redige o título da matéria deve sempre levar em consideração que o Brasil possui cerca de 11 milhões de analfabetos. Soma-se a isso o fato de que 29% da população do país é analfabeta funcional; tem dificuldade para interpretar textos.

Se o título traz palavras difíceis ou termos técnicos, a comunicação não é efetiva. Muita gente nem sequer terá vontade de ler o texto. Ou seja, teremos cidadãos ou cidadãos deixando de ter acesso a uma informação que poderia impactar diretamente na sua vida. Isso vale para portal institucional, especialmente de órgãos públicos, mas também para veículos de comunicação em geral. Quando for redigir um título, sugiro que você releia o que escreveu. Coloque-se no papel de usuário e veja se entendeu bem a informação. Se o resultado for um "heini?" ou um "e daí?", jogue o título fora e faça tudo de novo.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O som que vem da Bahia – Outros baianos: João Gilberto – Conclusão

Como músico, cidadão do mundo, João Gilberto participou de espetáculos e eventos musicais mundo afora, mas, no fim dos anos de 1960, passou a residir no México e participou de vários festivais (Ciudad de Mexico, Puebla, Guadalajara, Guanajuato), legando-nos, dessa época, a "atualização" de dois clássicos da música latina: 'Besame Mucho' (de Consuelo Velásquez) e da bela 'Farolito' (de Agustín Lara).

A partir de 1972, voltou a residir em Nova Iorque, voltando aos requisitados shows, espetáculos e gravações.

Sua volta definitiva ao Brasil, fixando-se no Rio de Janeiro, se deu em 1979, não deixando de dar prosseguimento a inúmeras e requisitadas gravações e a excursões e eventos musicais, com destaque para os Concertos no Teatro Castro Alves (1982 e 1993), Festival de Águas Claras-SP (1983), Festival Bahia de Todos os Sambas (para a TV RAI, Itália, 1983), temporada no Coliseu dos Recreios (Lisboa, 1984), 19º Festival de Jazz de Montreux, Suíça, 1985, participação nas homenagens a Tom Jobim no Avery Fischer Hall, no Lincoln Center, em Nova Iorque (1995), além de shows na Itália (Roma, Turim, Ferrara), apresentações no Japão (Osaka, Yokohama e Tóquio, inclusive no suntuoso Tokyo International Hall, em 2003), aonde voltou no ano seguinte. Por



Foto: Reprodução

ocasião das comemorações dos 50 anos da Bossa-Nova, em 2008, além de eventos em São Paulo, Rio e Salvador, ele voltou ao Carnegie Hall, onde, já aos 77 anos, foi considerado pela crítica especializada como um artista "moderno".

Capítulo à parte da dinâmica e agitada vida dele foi o entreviro gerado com a relação jurídica entre ele e a gravadora Odeon, a partir do lançamento pela antiga gravadora, sem autorização prévia, de uma coletânea composta de um LP duplo + um CD simples, que reunia os seus três primeiros álbuns ('Chega de Saudade', 'O

Amor, o Sorriso e a Flor', e 'João Gilberto' + o CS João Gilberto cantando as músicas do filme 'Orfeu do Carnaval'). Além da falta de autorização, ele alegava ter havido adulteração da sonoridade das gravações originais, como da sequência arbitrária das faixas, procedida pela gravadora.

Perfeccionista que era, o autor fundamentou seu argumento em um alegado "fim de sequência harmônica", bem como de supostos defeitos de remasterização. Esses "graves pormenores" transformaram a precisidade inicial da Bossa-Nova em produto inexistente no mercado, praticamente em uma obra de museu. Conforme consta do arazoado do perito musical Paulo Jobim (Rio, 1950-2022), filho de Tom Jobim, foram alegadas, entre os já citados defeitos, mixagens comprometedoras, mutilação e deformação da voz do cantor, corte em algumas passagens das gravações, adição de reverberação, equalização desnecessária, adição de eco estereofônico, todos esses procedimentos adotados sem consulta por parte da EMI, sucessora da Odeon.

Para completar, processou-se uma redução drástica do valor comercial da obra, com grave e sensível queda e dano patrimonial ao autor. O processo arrasta-se indefinidamente, porém possibilitou uma revisão complexa em vários processos que

envolvem os direitos autorais. O imbróglcio ainda vem se arrastando, depois da morte do artista, agora com a batalha sendo travada entre João Marcelo Gilberto, filho do casal João/Astrud, e a EMI.

Em 2011, sem autorização, foi lançada na Inglaterra a trilogia (três primeiros álbuns), até então fora de circulação devido ao processo com a EMI, gravadora que vem lançando os discos amparada pela legislação europeia.

Em sua vida pessoal (leia-se "sentimental"), merece destaque o fato de ele haver percorrido uma via meio complexa: além dos dois casamentos (Astrud e Miúcha), de 1984 a 2003, manteve uma relação estável com a produtora musical Cláudia Pais-sol, mãe de sua filha caçula, Luísa.

João Gilberto faleceu aos 88 anos, em sua residência, no Rio de Janeiro e, ao que se sabe, as disputas jurídicas pelo espólio do cantor permaneceram.

Alheia às questões de natureza jurídica, a Bossa-Nova criou raízes em nossa MPB, e João Gilberto é colocado em local de honra entre os apreciadores de uma boa música, no Brasil, e aonde quer que se vá mundo afora.

AMEAÇA PARA ANIMAIS DOMÉSTICOS

Doença do carrapato e depressão

Patologias são as que mais atingem os 'pets', e recorrer a um médico-veterinário pode evitar o agravamento

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com



Por estarmos em uma época de chuva, com o clima quente e úmido, os carrapatos conseguem se reproduzir mais

Aline Pinheiro

A doença do carrapato, insuficiência renal e até depressão estão na lista das doenças que mais acometem os animais domésticos. Alterações no comportamento, febre e falta de apetite sugerem alguma alteração no organismo do amigo de quatro patas. Recorrer a um médico-veterinário pode evitar o agravamento do quadro e possibilitar a cura ou controle da doença de forma mais ágil.

Na Paraíba existem atualmente 1.572 médicos-veterinários cadastrados na entidade e 1.091 locais de atendimento. No entanto, há carência na oferta de uma assistência pública em saúde para os animais. Quando o amigo de quatro patas adoece os tutores precisam utilizar o atendimento particular, o que nem sempre sai barato. Organizações protetoras dos animais frequentemente recorrem a vaquinhas e campanhas para arcar com os custos dos tratamentos para os bichos acolhidos.

A médica-veterinária Aline Pinheiro explicou que os casos de Erlichiose, a doença do carrapato, lideram os atendimentos na clínica onde atua. A infecção possui vários tipos e é transmitida por carrapatos portadores de bactérias do gênero erlichia. "Principalmente por estarmos em uma época de chuva, com o clima quente e úmido, fazendo com que os carrapatos consigam se reproduzir mais", explicou.

Os animais infectados apresentam principalmente falta de apetite, com sangramento nasal, hematomas na pele, que indicam uma hemorragia. Mesmo com a doença, alguns são assintomáticos e o diagnóstico é confirmado por meio de um teste rápido, cujo resultado ocorre em até 10 minutos. "Alguns animais não sobrevivem, se estiverem debilitados ou se houver alguma hemorragia que a gente não consiga identificar antes", pontuou a médica-veterinária.

Para os tutores de cães que ainda são filhotes a atenção deve ser dobrada por conta da fragilidade do sistema imunológico. A cinomose é uma doença que afeta os filhotes, principalmente os que não foram vacinados. Os sintomas envolvem secreção nasal e ocular, no entanto, em estágios mais avança-

dos a doença atinge a parte neurológica do animal, com convulsões e desorientação. Neste caso há um alto índice de mortalidade, segundo Aline Pinheiro, por afetar filhotes que têm uma imunidade frágil.

Entre os gatos as zoonoses mais comuns são raiva, febre da arranhadura do gato, toxoplasmose e esporotricose, doença na qual o felino apresenta lesões, principalmente no nariz, patas e feridas que não cicatrizam. O tratamento é longo, pelo período de três meses a um ano.

"A respeito da toxoplasmose, vale lembrar que os gatos eliminam os oocistos (forma infectante) apenas quando têm alguma queda de resistência. A forma de os humanos se contaminarem é pela ingestão do oocisto, e não pelo contato com o animal", acrescentou o presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária (CRMV), José Cecílio.

Os gatos podem ser acometidos ainda por vírus causadores da Felv, doença conhecida como a leucemia dos gatos. Na maioria das vezes o animal precisa receber transfusão de sangue. Há vacina disponível para prevenir uma possível contaminação.

Outra doença viral é a Filv, a Aids dos gatos. Não há vacina disponível para prevenção, porém, poder ser diagnosticada por meio de um teste rápido. Tanto a Filv quanto a Felv não manifestam sintomas específicos e muitas vezes os animais podem apresentar febre, falta de



Foto: Arquivo pessoal

A Paraíba tem 1.572 veterinários cadastrados e 1.091 em atendimento

apetite e agravamento de outras doenças existentes.

"Quando o tutor demora muito a levar o animal ao médico-veterinário, até por não conseguir distinguir os sintomas, fica mais difícil combater. Normalmente a gente pega quadros mais graves dessas doenças", disse a veterinária.

Além disso, os tutores devem ficar atentos a problemas de insuficiência renal, quando há alteração na capacidade de filtragem dos rins, o que acarreta a retenção de compostos tóxicos no sangue; e obesidade, doença caracterizada pelo

acúmulo excessivo de gordura causada por alterações na dieta do animal.

Depressão afeta animais

A recusa de alimentos e brincadeiras, além de mudanças radicais no comportamento indicam que o animal pode estar desenvolvendo um quadro de depressão. A doença pode ser desencadeada por separações, quando o animal passa longo período distante dos tutores. Assim como nos humanos, o tratamento contra a depressão envolve a prescrição de medicamentos.

Prevenção inclui vacinas e check-up

O presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária, José Cecílio, recomendou que os tutores busquem o médico-veterinário regularmente, realizem exames preventivos e mantenham o quadro de vacinas dos animais atualizado para que as doenças não se agravem. Para os cachorros, o calendário de imunização prevê cinco vacinas, enquanto para os gatos são apenas duas.

A médica-veterinária Aline Pinheiro ressalta a necessidade de fazer um check-up semestral ou anual, além de ministrar remédios para vermes. "Animal não é só colocar comida e água. Tem que proteger, tem que prevenir, o que ajuda até a reduzir gastos em caso de diagnóstico de uma doença. É necessário fazer o acompanhamento com médico-veterinário desde filhote", frisou.

Para serviços de vacinação e castração de animais a população pode procurar o Centro de Zoonoses. Ainda neste semestre João Pessoa deve receber a primeira clínica pet municipal, com capacidade para até 500 procedimentos por mês, entre castrações, consultas em clínica veterinária, exames radiológicos e laboratoriais. Também está previsto o início das obras de um Hospital Veterinário Público.

INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

O Bel. WALTER ULYSSES DE CARVALHO, Oficial do Serviço Notarial e Registral do 1º Ofício da Zona Sul da Comarca de João Pessoa-PB, Cartório Carlos Ulysses, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 26, § 4º, da Lei 9.514/97, a vista do requerido pelo Credor, referente ao contrato nº. 144441436996-6, garantido por Alienação Fiduciária, firmado em 19/01/21, registrado na matrícula nº. 177.518, deste cartório, referente ao imóvel: RUA ANA ESPINOLA NAVARRO, 400, AP 201, BLOCO B12, ERNANI SÁTIRO, venho pelo presente instrumento INTIMAR o (a) Sr (a). PEDRO AMBROSIO DOS SANTOS NETO, portador do CPF nº 781.319.874-34, para fins de cumprimento das obrigações contratuais relativas ao(s) encargo(s) devido(s) que se encontram vencidos até a data da solicitação deste, com valor total de R\$ 14.018,50, posicionado em 09/01/23. Informo ainda que fica sujeita a atualização monetária, juros de mora e das despesas de cobrança até a data do efetivo pagamento, somando-se, também, o(s) encargo(s) que vencer(em) no prazo desta intimação. Assim procedo a INTIMAÇÃO de V. Sª, para que se dirija a este Cartório de Registro de Imóveis, situado na Av. Epitácio Pessoa, n.º 105, bairro Centro, João Pessoa/PB, onde deverá efetuar a purga do débito acima discriminado, no prazo improrrogável de 15 dias, contados a partir desta data. Nesta oportunidade, fica V. Sª cientificado que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação de propriedade do imóvel em favor do credor fiduciário – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – CEF – nos termos do Art. 26, § 7º, da Lei 9.514/97. Eu JOÃO GUSTAVO FREITAS, digitei, João Pessoa-PB, 22 de março de 2023.

MATEUS MENDES DIAS - ESCRIVENTE
Cartório Carlos Ulysses – Serviço Notarial e Registral

INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

O Bel. WALTER ULYSSES DE CARVALHO, Oficial do Serviço Notarial e Registral do 1º Ofício da Zona Sul da Comarca de João Pessoa-PB, Cartório Carlos Ulysses, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 26, § 4º, da Lei 9.514/97, a vista do requerido pelo Credor, referente ao contrato nº. 844441646912-5, garantido por Alienação Fiduciária, firmado em 25/08/17, registrado na matrícula nº. 171.732, deste cartório, referente ao imóvel: RUA JEQUITIBA ROSA, 168, AP 202, PARATIBE, venho pelo presente instrumento INTIMAR o (a) Sr (a). CARLOS ALBERTO RODRIGUES DA SILVA, portador do CPF nº 725.501.473-91, para fins de cumprimento das obrigações contratuais relativas ao(s) encargo(s) devido(s) que se encontram vencidos até a data da solicitação deste, com valor total de R\$ 8.428,60, posicionado em 09/01/23. Informo ainda que fica sujeita a atualização monetária, juros de mora e das despesas de cobrança até a data do efetivo pagamento, somando-se, também, o(s) encargo(s) que vencer(em) no prazo desta intimação. Assim procedo a INTIMAÇÃO de V. Sª, para que se dirija a este Cartório de Registro de Imóveis, situado na Av. Epitácio Pessoa, n.º 105, bairro Centro, João Pessoa/PB, onde deverá efetuar a purga do débito acima discriminado, no prazo improrrogável de 15 dias, contados a partir desta data. Nesta oportunidade, fica V. Sª cientificado que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação de propriedade do imóvel em favor do credor fiduciário – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – CEF – nos termos do Art. 26, § 7º, da Lei 9.514/97. Eu JOÃO GUSTAVO FREITAS, digitei, João Pessoa-PB, 22 de março de 2023.

MATEUS MENDES DIAS - ESCRIVENTE
Cartório Carlos Ulysses – Serviço Notarial e Registral

INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

O Bel. WALTER ULYSSES DE CARVALHO, Oficial do Serviço Notarial e Registral do 1º Ofício da Zona Sul da Comarca de João Pessoa-PB, Cartório Carlos Ulysses, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 26, § 4º, da Lei 9.514/97, a vista do requerido pelo Credor, referente ao contrato nº. 844441683206-8, garantido por Alienação Fiduciária, firmado em 17/11/17, registrado na matrícula nº. 139.047, deste cartório, referente ao imóvel: RUA OTAVIO PORPINO DA SILVA, 209, AP 103, CRISTO REDENTOR, venho pelo presente instrumento INTIMAR o (a) Sr (a). VALDECI JOSE CALADO, portador do CPF nº 752.639.124-04, para fins de cumprimento das obrigações contratuais relativas ao(s) encargo(s) devido(s) que se encontram vencidos até a data da solicitação deste, com valor total de R\$ 11.049,10, posicionado em 04/01/23. Informo ainda que fica sujeita a atualização monetária, juros de mora e das despesas de cobrança até a data do efetivo pagamento, somando-se, também, o(s) encargo(s) que vencer(em) no prazo desta intimação. Assim procedo a INTIMAÇÃO de V. Sª, para que se dirija a este Cartório de Registro de Imóveis, situado na Av. Epitácio Pessoa, n.º 105, bairro Centro, João Pessoa/PB, onde deverá efetuar a purga do débito acima discriminado, no prazo improrrogável de 15 dias, contados a partir desta data. Nesta oportunidade, fica V. Sª cientificado que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação de propriedade do imóvel em favor do credor fiduciário – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – CEF – nos termos do Art. 26, § 7º, da Lei 9.514/97. Eu JOÃO GUSTAVO FREITAS, digitei, João Pessoa-PB, 22 de março de 2023.

MATEUS MENDES DIAS - ESCRIVENTE
Cartório Carlos Ulysses – Serviço Notarial e Registral

INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

O Bel. WALTER ULYSSES DE CARVALHO, Oficial do Serviço Notarial e Registral do 1º Ofício da Zona Sul da Comarca de João Pessoa-PB, Cartório Carlos Ulysses, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 26, § 4º, da Lei 9.514/97, a vista do requerido pelo Credor, referente ao contrato nº. 844442009025-9, garantido por Alienação Fiduciária, firmado em 18/02/19, registrado na matrícula nº. 137.745, deste cartório, referente ao imóvel: RUA DORISE SOUZA VIANA, 121, AP 202, GRAMAME, venho pelo presente instrumento INTIMAR o (a) Sr (a). LUANA KARLA DA SILVA SALES, portador do CPF nº 105.050.264-73, para fins de cumprimento das obrigações contratuais relativas ao(s) encargo(s) devido(s) que se encontram vencidos até a data da solicitação deste, com valor total de R\$ 14.961,51, posicionado em 09/01/23. Informo ainda que fica sujeita a atualização monetária, juros de mora e das despesas de cobrança até a data do efetivo pagamento, somando-se, também, o(s) encargo(s) que vencer(em) no prazo desta intimação. Assim procedo a INTIMAÇÃO de V. Sª, para que se dirija a este Cartório de Registro de Imóveis, situado na Av. Epitácio Pessoa, n.º 105, bairro Centro, João Pessoa/PB, onde deverá efetuar a purga do débito acima discriminado, no prazo improrrogável de 15 dias, contados a partir desta data. Nesta oportunidade, fica V. Sª cientificado que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação de propriedade do imóvel em favor do credor fiduciário – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – CEF – nos termos do Art. 26, § 7º, da Lei 9.514/97. Eu JOÃO GUSTAVO FREITAS, digitei, João Pessoa-PB, 22 de março de 2023.

MATEUS MENDES DIAS - ESCRIVENTE
Cartório Carlos Ulysses – Serviço Notarial e Registral

INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

O Bel. WALTER ULYSSES DE CARVALHO, Oficial do Serviço Notarial e Registral do 1º Ofício da Zona Sul da Comarca de João Pessoa-PB, Cartório Carlos Ulysses, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 26, § 4º, da Lei 9.514/97, a vista do requerido pelo Credor, referente ao contrato nº. 844442056266-5, garantido por Alienação Fiduciária, firmado em 31/05/19, registrado na matrícula nº. 193.427, deste cartório, referente ao imóvel: AVENIDA FLORIANOPOLIS, 205, AP 408, PLANALTO DA BOA ESPERANÇA, venho pelo presente instrumento INTIMAR o (a) Sr (a). PATRICIA DE OLIVEIRA SILVA, portador do CPF nº 690.115.754-15, para fins de cumprimento das obrigações contratuais relativas ao(s) encargo(s) devido(s) que se encontram vencidos até a data da solicitação deste, com valor total de R\$ 10.908,21, posicionado em 09/01/23. Informo ainda que fica sujeita a atualização monetária, juros de mora e das despesas de cobrança até a data do efetivo pagamento, somando-se, também, o(s) encargo(s) que vencer(em) no prazo desta intimação. Assim procedo a INTIMAÇÃO de V. Sª, para que se dirija a este Cartório de Registro de Imóveis, situado na Av. Epitácio Pessoa, n.º 105, bairro Centro, João Pessoa/PB, onde deverá efetuar a purga do débito acima discriminado, no prazo improrrogável de 15 dias, contados a partir desta data. Nesta oportunidade, fica V. Sª cientificado que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação de propriedade do imóvel em favor do credor fiduciário – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – CEF – nos termos do Art. 26, § 7º, da Lei 9.514/97. Eu JOÃO GUSTAVO FREITAS, digitei, João Pessoa-PB, 22 de março de 2023.

MATEUS MENDES DIAS - ESCRIVENTE
Cartório Carlos Ulysses – Serviço Notarial e Registral

INTIMAÇÃO AO DEVEDOR FIDUCIANTE

O Bel. WALTER ULYSSES DE CARVALHO, Oficial do Serviço Notarial e Registral do 1º Ofício da Zona Sul da Comarca de João Pessoa-PB, Cartório Carlos Ulysses, segundo as atribuições conferidas pelo Art. 26, § 4º, da Lei 9.514/97, a vista do requerido pelo Credor, referente ao contrato nº. 844442172151-1, garantido por Alienação Fiduciária, firmado em 18/09/19, registrado na matrícula nº. 192.937, deste cartório, referente ao imóvel: RUA MANUEL ANIZIO NASCIMENTO, 173, AP 102, GRAMAME, venho pelo presente instrumento INTIMAR o (a) Sr (a). VITORIA DE OLIVEIRA RODRIGUES, portador do CPF nº 700.274.934-07, para fins de cumprimento das obrigações contratuais relativas ao(s) encargo(s) devido(s) que se encontram vencidos até a data da solicitação deste, com valor total de R\$ 9.136,42, posicionado em 09/01/23. Informo ainda que fica sujeita a atualização monetária, juros de mora e das despesas de cobrança até a data do efetivo pagamento, somando-se, também, o(s) encargo(s) que vencer(em) no prazo desta intimação. Assim procedo a INTIMAÇÃO de V. Sª, para que se dirija a este Cartório de Registro de Imóveis, situado na Av. Epitácio Pessoa, n.º 105, bairro Centro, João Pessoa/PB, onde deverá efetuar a purga do débito acima discriminado, no prazo improrrogável de 15 dias, contados a partir desta data. Nesta oportunidade, fica V. Sª cientificado que o não cumprimento da referida obrigação no prazo ora estipulado, garante o direito de consolidação de propriedade do imóvel em favor do credor fiduciário – CAIXA ECONÔMICA FEDERAL – CEF – nos termos do Art. 26, § 7º, da Lei 9.514/97. Eu JOÃO GUSTAVO FREITAS, digitei, João Pessoa-PB, 22 de março de 2023.

MATEUS MENDES DIAS - ESCRIVENTE
Cartório Carlos Ulysses – Serviço Notarial e Registral

